

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria Estadual da Saúde
Departamento de Ações em Saúde
Primeira Infância Melhor



**Primeira
Infância
Melhor**

15 anos de histórias



Organização
Pan-Americana
da Saúde



ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS

Organização
Mundial da Saúde
Américas



**Primeira
Infância
Melhor**



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SAÚDE

É permitida a reprodução parcial desta publicação desde que citada a fonte.

Organização: Márlio Esmeraldo

Revisão: Bruno Moraes da Silva, Gabriela Dalenogare, Janine Garcia Serafim, Lacy Maria da Silva Pires, Luciana Barboza, Luciane de Almeida Pujol, Marília Pinto Bianchini, Márlio Esmeraldo, Rosana Nobre Santos e Scheila Zorzan. Redação: Gabriela Dalenogare, Lacy Maria da Silva Pires, Luciane de Almeida Pujol, Marília Pinto Bianchini, Márlio Esmeraldo e Scheila Zorzan. Diagramação: Márlio Esmeraldo. Transcrição: Amanda Scheimer Pinheiro. Fotos: Acervo do Primeira Infância Melhor | Bell Boniatti | Prêmio Salvador Celia.

As fotos que ilustram as histórias desta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores, que autorizaram o uso de imagens e cederam direitos autorais.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Governador: José Ivo Sartori

Secretaria da Saúde:

Secretário: Francisco Zancan Paz

Departamento de Ações em Saúde (DAS):

Diretor: Elson Romeu Farias

Primeira Infância Melhor (PIM)

Coordenador: Francisco Zancan Paz

Coordenadora adjunta: Gisele Mariuse da Silva

Grupo Técnico Estadual:

Amanda Scheimer Pinheiro

Andrew Fischer Sotoriva

Bruno Moraes da Silva

Carla Malinowski Neves

Carolina de Vasconcellos Drügg

Cleci de Souza Lima

Fabiana Zardin da Rocha Racoski

Gabriela Dalenogare

Janine Garcia Serafim

Jonathan Araújo Vieira

Karine Isis Bernardes Verch

Kelly Cristine Oliveira dos Santos Cunha

Lacy Maria da Silva Pires

Letícia Ratkiewicz Boeira

Luciana Barboza

Luciane de Almeida Pujol

Luíza Campos Menezes

Marília Pinto Bianchini

Secretarias integrantes do PIM:

Secretaria Estadual da Saúde

Secretaria Estadual da Educação

Secretaria Estadual da Cultura, Turismo,

Esporte e Lazer;

Secretaria Estadual do Desenvolvimento

Social, Trabalho, Justiça e Direitos

Humanos

Márlio Esmeraldo Ribeiro

Rosana Nobre Santos

Sandra Silveira Nique da Silva

Schayanne Potyguara Santos dos Santos

Scheila Zorzan

Tayná dos Santos Lopes

Vera Suzana Athayde Paz

Virginia Heberle Eichler

Esmeraldo, Márlio (org)

Primeira Infância Melhor: 15 Anos de Histórias

Tipo de Suporte: E-book | Formato Ebook: PDF

ISBN: 978-85-60517-25-1

1. Desenvolvimento infantil. 2. Primeira Infância. 3. Política Pública.

Copyright © 2018 Primeira Infância Melhor. Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons IGO 3.0 Atribuição-NãoComercial-SemDerivações (CC BY-NC-ND 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/igo/legalcode>) e pode ser reproduzida com atribuição ao PIM e para qualquer finalidade não comercial. Nenhum trabalho derivado é permitido.

As opiniões expressas nesta publicação são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição do Primeira Infância Melhor.



Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria Estadual da Saúde
Departamento de Ações em Saúde
Primeira Infância Melhor

PRIMEIRA INFÂNCIA MELHOR

15 ANOS DE HISTÓRIAS

MÁRLIO ESMERALDO
ORGANIZADOR

1ª edição
Porto Alegre
2018



Organização
Pan-Americana
da Saúde



Organização
Mundial da Saúde
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS
Américas



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SAÚDE

Apresentação

A Infância é um tema que desperta paixão e curiosidade tanto de estudantes quanto de profissionais, pesquisadores e cuidadores. É um período de descobertas, de aprendizados, desafios e superações. Essa fase é marcada sobretudo pela intensidade. É quando os estímulos e o afeto são mais decisivos para a transformação de vidas, de famílias e da sociedade.

A partir dessa perspectiva, em 7 de abril de 2003, o Primeira Infância Melhor (PIM) foi criado e, ao longo desses 15 anos, viu muita coisa acontecer, muitas histórias serem costuradas e narradas. O programa foi ganhando importância e reconhecimento em mais da metade dos municípios gaúchos, em vários estados e países; estimulou, orientou e brincou com cerca de 200 mil crianças e 50 mil gestantes entre as mais de 180 mil famílias. Também contou com a dedicação de mais de 11 mil visitantes, que fizeram do acolhimento, uma ferramenta de trabalho e, do brincar, um mecanismo de transformação social.

Durante toda sua jornada, o programa foi crescendo e se desenvolvendo como política pública estadual. Tornou-se lei por unanimidade, foi replicado por outros estados e municípios do Brasil, avaliado e reconhecido por instituições nacionais e internacionais. Além das visitas domiciliares, o PIM promoveu ações que contribuíram para a mobilização social em torno da causa da primeira infância. É, inclusive, referência para a lei federal que ficou conhecida como Marco Legal da Primeira Infância.

E, para comemorar seus 15 anos, o Primeira Infância Melhor resolveu contar suas histórias por meio de relatos de vivências de quem contribuiu para que o PIM continue sua trajetória de defesa dos direitos humanos e promoção de uma infância

melhor. Deixemos, então, que o PIM fale por si ao longo das próximas linhas e páginas dessa coletânea de memórias recheada por histórias envolventes, muitas vezes felizes, outras nem tanto; umas emocionantes, outras impactantes; algumas são tão desafiadoras que, quando superadas, deixam um aprendizado com poder mobilizador e transformador.

Centenas de relatos reais de vivências materializam as práticas cotidianas do programa. Destes, 80 foram selecionados para compor esta publicação e os demais serão publicados no acervo vivo de memórias do PIM. Entre os relatos selecionados, encontramos famílias que recebem ou já receberam o atendimento do PIM, membros das equipes estadual e municipais, parceiros e especialistas em primeira infância. Também contamos com os textos, entre autobiografias e crônicas, produzidos para as edições de 2013 e 2018 do Prêmio Salvador Celia. Cabe ressaltar que alguns nomes foram abreviados ou até suprimidos para preservar a imagem e a identidade das famílias atendidas. O mesmo processo ocorreu com algumas das fotos publicadas.

Nas páginas a seguir, você irá se deparar com histórias de famílias beneficiárias que vivenciaram situações de superação, mães atendidas que se tornaram visitadoras, especialistas que certificam a efetividade da iniciativa; pessoas que têm em comum a atenção à primeira infância.

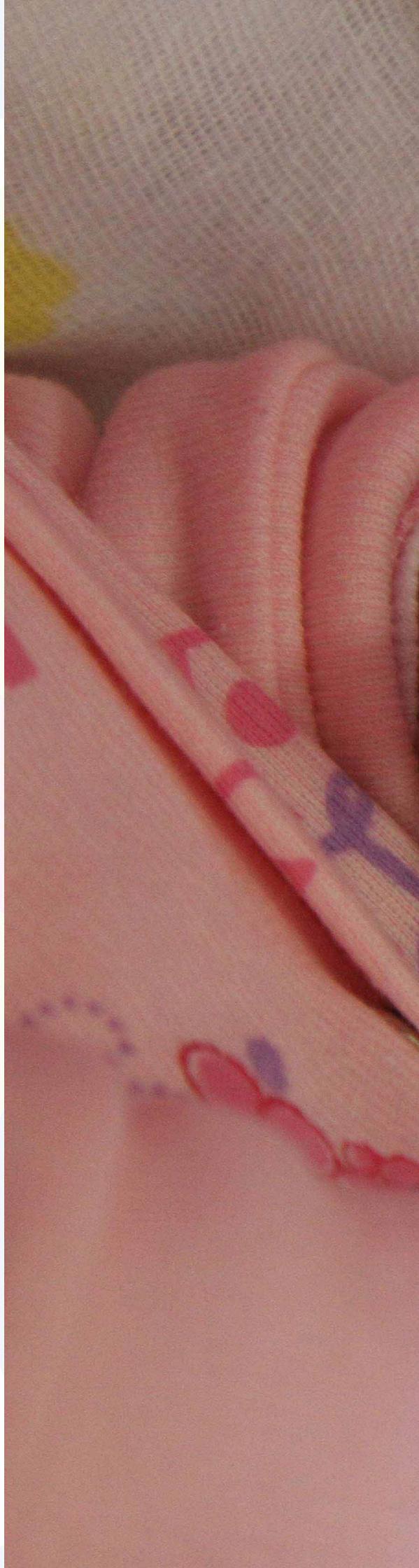
Esta publicação surge para brindar essa caminhada, os investimentos, as conquistas e até mesmo as dificuldades vivenciadas por inúmeros envolvidos nesta história ao longo dos últimos 15 anos. Dá voz a diversos personagens que protagonizaram essa história. É o início do acervo de memórias vivas do PIM, que passa a ser

publicado e alimentado online de forma contínua. Dessa forma, também convidamos todos aqueles que, de alguma maneira, fazem parte dessa história a relatar suas vivências e enviar para o site do PIM (www.pim.saude.rs.gov.br).

Sejam, portanto, todos bem vindos às histórias de vida do PIM. Aqui, vocês encontrarão mais do que relatos. Encontrarão motivações e emoções permeadas por ações de cuidado. Nesta publicação, vemos, na prática, a atenção à primeira infância como instrumento de transformação social, um mecanismo de construção de um mundo melhor e mais humano. Todos estão convidados para desfrutar as narrativas escritas por tão diversos personagens.

E então? Vamos contar histórias?

Por Márlio Esmeraldo
Comunicador Social, integrante do GTE.





sumário

1. Uma longa história | 8

1.1 Primeiros passos | 10

1.2 Cuidando das infâncias | 14

1.3 O PIM do futuro | 15

2. Relatos de uma história feita de pessoas | 16

2.1 Famílias atendidas | 18

2.2 Profissionais do PIM | 42

2.3 Parceiros & Especialistas | 80

3. Relatos do Prêmio Salvador Celia | 104

3.1 VIII Prêmio Salvador Celia - Autobiografias (2018) | 106

3.2 III Prêmio Salvador Celia - Crônicas (2012) | 140



Uma longa história

O ano era 2003. No dia 7 de abril, foi criada aquela que, 15 anos depois, é reconhecida como uma das tecnologias de intervenção mais consistentes para o cuidado com as infâncias na América Latina.

Em sua trajetória de 15 anos, o PIM soma uma diversidade de histórias pra contar, envolvendo famílias e profissionais, transformando vidas no Rio Grande do Sul e inspirando outras experiências pelo mundo.

Conheça um pouco da história do Primeira Infância Melhor (PIM).

1.1 Primeiros passos

“O que você faz para o seu filho hoje vale para toda vida” - eis a frase que passou a fazer parte do desejo daqueles que acreditaram poder contribuir significativamente para transformar realidades difíceis, em potencialidades reais, a partir de uma primeira infância olhada, atendida, cuidada e protegida.

Por este tempo, a Saúde do Rio Grande do Sul estava sendo sacudida pelos altos índices de morbimortalidade infantil em boa parte de seus municípios. Como enfrentar tal desafio de modo que se pudesse saber antes, chegar antes, agir antes?

Um breve giro por vários países, buscando saber sobre suas experiências com a primeira infância foi necessário. Não bastava ler sobre como se davam as ações voltadas aos primeiros anos de vida. Era preciso saber como se aplicavam, na prática; que recursos humanos e financeiros eram necessários para uma atenção eficaz, que ao mesmo tempo fosse preventiva e resolutive, além de acessível técnica e financeiramente. Cuba, com o programa nacional Educa a tu Hijo, desenvolvido pelo Centro de Referencia Latinoamericano para la Educación Preescolar - CELEP, foi o exemplo escolhido. Apesar das inúmeras diferenças socioculturais, ideológicas e político-institucionais, a gestão da Secretaria de Saúde do Estado percebeu neste uma grande viabilidade para a concretização de uma política de atenção potente e transformadora.

A capacidade de visão e a vontade de pessoas que ousaram, determinadamente, transpor limites geográficos, sociais, econômicos e políticos para buscar um modelo de atenção que fosse acessível, eficaz e de baixo custo, foi decisiva.

Definitivamente, o panorama da infância gaúcha passou a ser visto através de outro paradigma. Ao invés do incessante registro dos números que apontavam para a perda de vidas, passou-se ao registro dos ganhos de desenvolvimento promovidos pelas competências da própria

família - uma marca indelével em todos que, de alguma forma, assumiram a responsabilidade de fazer nascer e viver o programa Primeira Infância Melhor - PIM.

Era o ano de 2003 e uma grande mobilização foi iniciada para lançar tal novidade. Foi o princípio de uma relação singular do Estado para com seus municípios - o lugar onde as ações deveriam ser implementadas.

O contrato de cooperação técnico-financeira entre os governos RS/Cuba foi estabelecido e, a partir de então, uma série de capacitações para a gestão estadual do programa, foi iniciada. Sob a orientação técnica de consultoras de Cuba, os primeiros passos foram dados. O material metodológico utilizado pelo CELEP para este programa consistia de três guias de orientação do Educa a tu Hijo, voltado à atenção às famílias, passou a ser traduzido, laboriosa e cuidadosamente. Nada escapava aos olhares disciplinados e exigentes das consultoras cubanas. Tudo precisava ser ajustado ao contexto gaúcho e brasileiro e cada frase ou expressão era analisada, questionada por elas. Captar o sentido, o contexto, a expressão, era parte dos desafios. Trabalho árduo, mas reconhecidamente importante e, já se intuía, extremamente valioso. Não seria preciso inventar a roda, afinal. A equipe que nesta tarefa se lançou era de apenas cinco pessoas curiosas e de boa vontade. A língua lhes desafiava o saber e a persistência, mas o desejo de ver realizada a tradução e adaptação, foi maior. Um caminho já havia sido percorrido e, se sabia, dava certo.

Naqueles tempos a experiência cubana já contabilizava mais de 15 anos de acertos e ajustes em sua trajetória. Aqui, o critério para replicar esta tecnologia foi a adesão de gestores municipais, que ao conhecer o projeto conseguiram enxergar uma ação inovadora à vista.

A ideia de integralidade, universalidade e equidade

aos poucos ia fazendo sentido de modo mais visível. A característica de estratégia intersetorial, igualmente, ganhava contornos mais definidos. Profissionais e técnicos de diversas áreas foram sendo conquistados pelo inovador projeto. Era uma ação que poderia fazer toda a diferença na vida de famílias em situação de vulnerabilidades; que poderia romper os ciclos intergeracionais de pobreza e iniquidades, além de inacessibilidade à educação, à produtividade, aos direitos, enfim.

Além dos profissionais e técnicos que abraçaram inicialmente a causa, os gestores municipais precisavam ser igualmente mobilizados. Nos primeiros seis meses, foram sensibilizados para o reconhecimento da importância do investimento nos primeiros anos de vida, mais de 50 gestores municipais. No terceiro ano de vida, o PIM já registrava em torno de 150 municípios com adesão.

Ações de advocacy foram sendo “gestadas” pela equipe, a esta altura, multiprofissional. Inúmeras mobilizações foram iniciadas junto à sociedade civil, instituições públicas, estudiosos da primeira infância e outras entidades envolvidas com o bem comum de famílias e comunidades. A cada ano era realizado um seminário internacional, cujo objetivo estava voltado à disseminação e visibilidade desta prática, além do incremento da qualificação do saber técnico daqueles que estavam à frente das ações do PIM e da troca de experiências.

Aos poucos, o PIM foi demarcando espaços em territórios diferenciados, cuja realidade clamava por menos mortes de criança por doenças evitáveis e maior qualidade de vida e saúde.

A característica inovadora de suas ações e a força dos impactos e resultados identificados já desde o início, serviram de argumento suficiente para que tivesse o justo amparo legal através da Lei 15.544/2006, para maior tranquilidade em sua caminhada.

No legislativo gaúcho o PIM foi unanimidade e isso foi muito bom de se ver. Toda equipe de trabalho e demais simpatizantes, acompanharam o processo. Era importante para todos, enquanto cidadãos e membros de uma sociedade democrática, saberem que os primeiros anos de

vida têm sua singularidade e valor e que investir nestes significava um futuro melhor para todos.

Os anos foram passando e, aos poucos, as conquistas foram acrescentando maior credibilidade ao programa. Sua visibilidade foi gradativamente “cavando” espaços junto à sociedade civil, no âmbito das gestões públicas dentro e fora do País. É claro, muitos desafios e tropeços surgiram, mas, um a um, foram devidamente enfrentados. Sempre houve muita certeza e segurança nos passos da primeira infância gaúcha, no que se refere à eficácia do trabalho realizado junto às famílias. Inúmeras manifestações de interesse e convites para conhecerem o PIM, por parte de países da América Latina e Caribe, foram chegando. Destes contatos surgiram parcerias técnicas importantes para a disseminação dos fundamentos de uma atenção integral aos primeiros anos de vida.

O PIM e sua tecnologia de intervenção, em seus 15 anos de existência, tem exercitado sua capacidade de matriciamento de seus conteúdos metodológicos junto a equipes técnicas, profissionais e gestores de outros estados e municípios brasileiros, objetivando o exercício de um olhar responsável voltado às muitas infâncias do país.

Logo, os fluxos e processos metodológicos, bem como os ganhos de desenvolvimento de cada criança, com o cadastro de suas famílias e comunidades, encontravam-se devidamente registrados no Sistema de Informação do PIM. Este foi um passo importante para organizar e difundir sua metodologia. E a gestão das ações do PIM.

Certamente, alguns ajustes quanto ao modo de percepção e reconhecimento de realidades tão distintas e específicas, que vão desde a geografia, clima, etnias, culturas e economias aos hábitos e costumes presentes no modo de acolher e comunicar das pessoas, precisavam ser considerados. O universo família, de igual maneira, sofreu mudanças quanto ao modo como passou a ser visto e reconhecido. Novas configurações no grupo familiar exigiam abertura, ajustes. As diversidades passaram a fazer parte do contexto PIM.

A visita domiciliar sistemática e sua capacidade

para monitorar e avaliar o diferencial de quaisquer outras experiências conhecidas. Empatia, apoio, escuta e vínculo constituem elementos fundamentais neste cenário. É algo que transcende uma relação interpessoal, pura e simples. É aquilo que podemos chamar de um lugar de intersubjetividades, ou seja, um território onde o encontro entre sujeitos, suas histórias e vivências se cruzam, se entrelaçam e produzem novos contextos de vida, de saúde e... favorabilidades.

Por Lacy Pires
Psicóloga e integrante do GTE





1.2 Cuidando das infâncias

Nestes 15 anos, o PIM tem nos proporcionado vivências que transformam o nosso modo de olhar e acreditar na vida e no potencial de cada sujeito para construir sua trajetória. Foram transformações intimamente relacionadas aos nossos valores pessoais, mas, principalmente, a nossa responsabilidade, enquanto profissionais, de construir uma política pública centrada no respeito às singularidades, na defesa dos direitos, na união de esforços, na luta por inclusão social e na fidelidade ao nosso principal desejo: contribuir para que todas as crianças tenham a oportunidade de crescer e se desenvolver em um ambiente saudável e acolhedor.

A trajetória do PIM resultou em seu reconhecimento enquanto uma das tecnologias de desenvolvimento e transformação social mais importantes da América Latina. A prática do Primeira Infância Melhor fez com que se tornasse um centro de referência em projetos para a primeira infância e visitação domiciliar. O Programa recebe, frequentemente, representantes de governos, instituições e profissionais das mais diversas áreas, com o objetivo de conhecer sua estrutura e funcionamento. Da mesma forma, representantes do Grupo Técnico Estadual atendem demandas, deslocando-se para diferentes países, estados e municípios brasileiros a fim de disseminar a experiência do Programa.

O PIM serviu de modelo para iniciativas similares, programas e políticas públicas em outros estados brasileiros. Contribuiu para a construção da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança no eixo Promoção do Desenvolvimento da Primeira Infância, bem como na elaboração da Caderneta da Criança e do Curso Primeira Infância e Intersectorialidade, ambos do Ministério da Saúde. Sua experiência foi lembrada como modelo a ser implantado em outros estados pelo Marco Legal da Primeira Infância. Teve sua metodologia de visitação domiciliar tomada como modelo pelo Programa Nacional Criança Feliz, vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Social.

Em 2017, foi realizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) o lançamento da publicação “Primeira Infância Melhor - Transformando a atenção aos primeiros anos de vida na América Latina: desafios e conquistas de uma política pública no sul do Brasil”, nas versões português, inglês, e espanhol. De diversas formas, o PIM inspirou novas e importantes iniciativas de atenção à primeira infância no território brasileiro, deste modo, contribuindo sensivelmente para o protagonismo das famílias gaúchas, há 15 anos.

Além das conquistas acima, hoje, o Rio Grande do Sul é um dos estados com os menores índices de mortalidade infantil do Brasil, conquista esta, em que o PIM agrega-se ao esforço de vários setores importantes da Secretaria Estadual da Saúde (SES). Investir na promoção do desenvolvimento infantil, principalmente nos primeiros anos de vida, significa o engajamento a uma tendência social, política e econômica, não apenas reconhecida, mas necessária para se alterar positivamente os rumos da infância no Brasil e no mundo.

Nos últimos anos, foram publicadas diversas pesquisas que colocaram em evidência os benefícios das visitas domiciliares executadas pelo Primeira Infância Melhor. Foram realizados estudos que comprovam impacto do PIM na redução de mortalidade infantil e na criminalidade juvenil, além da qualidade da visitação domiciliar e melhoria na prontidão escolar, por pesquisadores de diversas instituições como a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), London School of Economics (LSE), Universidade McMaster de Toronto/Canadá, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O PIM também foi tema de documentários, matérias e reportagens como na série “Histórias do Futuro” da jornalista Miriam Leitão, da GloboNews, realizada no quilombo Rincão das Almas, em São Lourenço do Sul; no documentário “O Começo da Vida” produzido pela Maria Farinha

Filmes e dirigido por Estela Renner e na série First Steps (primeiros passos) da televisão inglesa BBC World News.

A caminhada, mesmo que sinuosa e cheia de desafios, segue colhendo êxitos. Aprendemos e seguimos aprendendo com as famílias, com o cotidiano das comunidades, com os esforços dos

trabalhadores dos territórios. De modo especial, aprendemos com a força dos afetos e com o brincar das crianças em suas descobertas do mundo.

Por Gisele Mariuse
Coordenadora adjunta do PIM



1.3 O PIM do futuro

O PIM nasceu, cresceu e continua a amadurecer a cada dia. Encontra-se em plena “adolescência”, afirmando sua identidade diante do país e do mundo. Ao conquistar mais autonomia, tomou iniciativas rumo a novos projetos, novas pesquisas e novos saberes. O PIM do futuro vai adiante, reafirmando sua eficácia, aprofundando pesquisas, uma busca incansável de aperfeiçoamento, típico de seres em constante desenvolvimento.

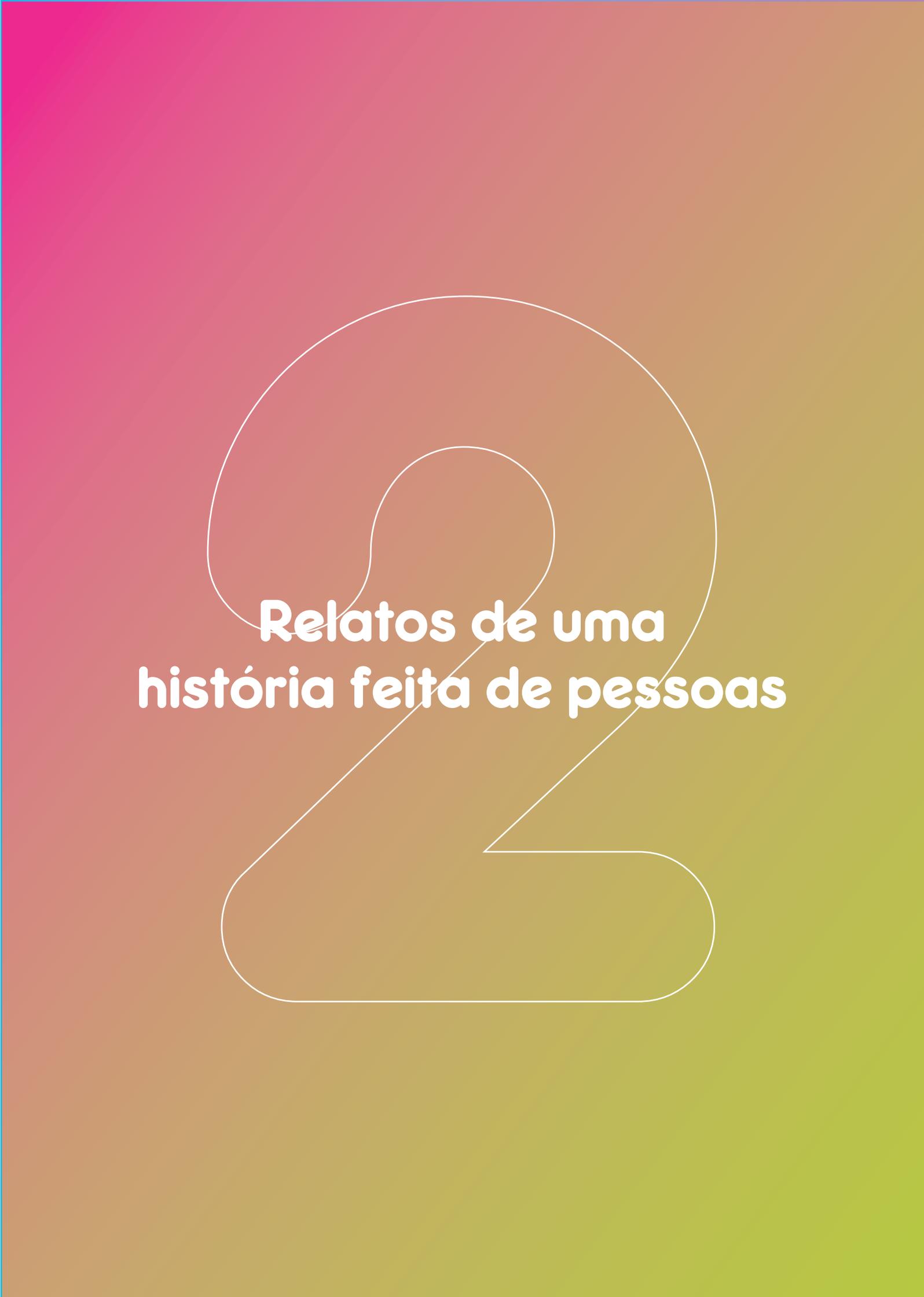
Evoluir sempre mais, é a determinação. O PIM de agora tem sólida base institucional, de modo que se encontra estável no cenário das políticas públicas - uma caminhada que já pode ser considerada longa e de reconhecidos resultados.

A continuidade desta trajetória ruma ao encontro de novos saberes, partindo da solidez de

uma base teórico-metodológica e institucional reconhecidamente forte e profícua. Isso, sem jamais deixar de valorizar o essencial neste trabalho, que é a promoção do protagonismo da família, de seu fortalecimento e autonomia. Há também uma constante busca por recursos que possam lhe acrescentar, em termos de estrutura e sustentabilidade.

Grupos de estudo e trabalho sistemáticos levam em conta as demandas advindas do território, dos diversos contextos e diferentes composições familiares e das populações específicas. Segue na direção do refinamento de seu olhar, do acesso às comunidades, às famílias - o universo que o constitui.

Por Lacy Pires
Psicóloga e integrante do GTE



**Relatos de uma
história feita de pessoas**

21

Famílias atendidas



A importância do PIM

Lucimar já foi visitadora do PIM e hoje é mãe do Pedro, da Livia Vitória e da Lara, que é atendida pela visitadora Emilene em Encruzilhada do Sul.

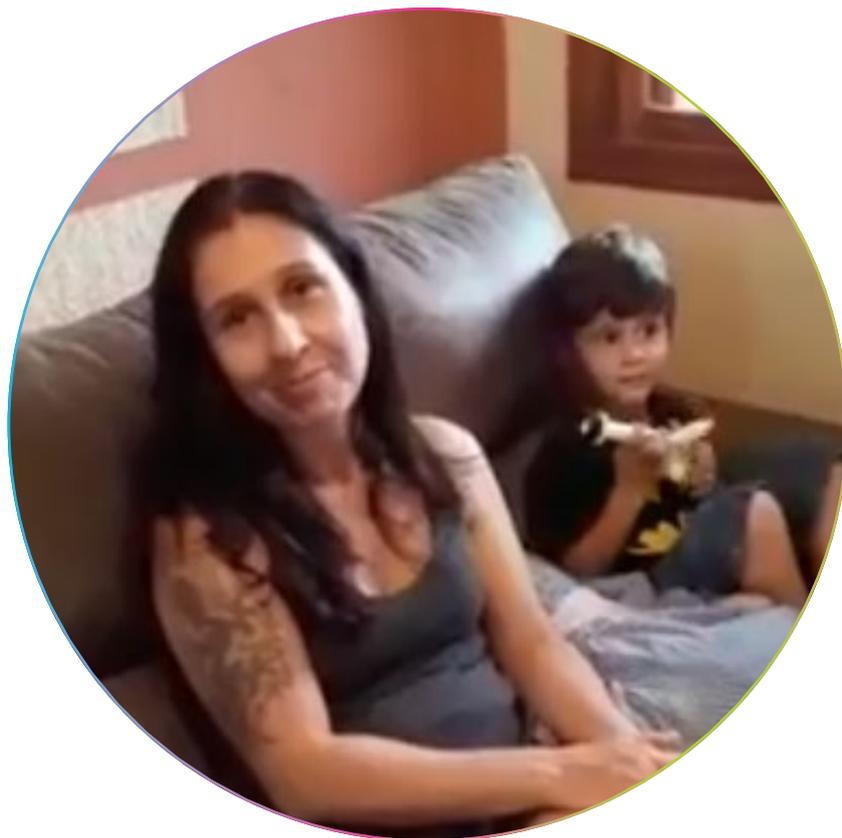
Fui visitadora e agora sou mãe atendida pelo PIM. Minha experiência iniciou quando minha filha, com um ano e meio, recebeu o primeiro atendimento. A visitadora me ajudou muito, porque eu não conseguia explicar pra minha filha que eu precisava sair, eu fugia.

A visitadora me explicou que eu tinha que conversar com ela, utilizando o exemplo do ioiô, que vai e volta, explicando que a mamãe ia, mas a mamãe voltava e deu certo. Logo em seguida, virei visitadora e minha experiência neste trabalho foi uma coisa que vou levar pra vida toda. Pude conhecer as famílias, entender as necessidades e também ajudar as gestantes com suas dúvidas.

A gente sabe que é importante na vida delas, porque elas têm muitos medos, mas quando conversamos e contamos as experiências de mães de outras famílias, ficam mais tranquilas. Para mim, foi muito gratificante essa minha passagem como visitadora do PIM.

Depois de um tempo como visitadora, tive a Lara e voltei ao PIM na condição de mãe. Percebi, com o conhecimento que já tinha como visitadora, que o desenvolvimento dela estava atrasado. Então, fui atrás da monitora, que me ajudou, encaminhando para atendimento de fisioterapia e fonoaudiologia. O PIM para mim é muito importante, tanto como família quanto como visitadora.





Evoluindo para o dizer-se

Adriana é mãe do Téo, que recebe a visitadora Angelita há quatro anos no município de Butiá.

Sou mãe de um menino de quatro anos que, desde um ano, participa do PIM. Até começar a participar da modalidade grupal, ele só ficava em casa, não brincava com ninguém.

No início, ele não interagia com as crianças, não formava fila e, com o trabalho da visitadora, começou a se desenvolver. Meu filho é assim: agitado. Aos 3 anos, ele nem conversava, falava pouco e com a participação na modalidade grupal começou a interagir com as crianças e, aos 4 anos, já falava tudo. Desenvolveu a fala em um ano.

O PIM foi ótimo. Eu só tenho a agradecer porque, se ele fosse direto pra escola, iria ser muito difícil o desenvolvimento. Lá, são muitas crianças, a professora não teria como dar a atenção necessária. No PIM, ele aprendeu com calma a se desenvolver sem forçar a personalidade dele. A visitadora sempre foi muito interessada, dando maior atenção quando precisava.



Aprendendo a interagir

Grasiela é mãe do Guilherme.
Eles recebem visita do PIM há sete anos no município de Butiá.

Comecei no PIM faz uns sete anos, desde o meu primeiro filho, que hoje já está na escola.

Depois, engravidei do segundo e fui acompanhada por outra visitadora. Depois de seu nascimento, seguimos sendo acompanhados até seus 4 aninhos. O PIM foi muito útil na sua vida. Aprendendo a interagir, a se comunicar melhor, foi bom para a coordenação motora e a linguagem.

Eu gostava muito da visitadora. Eu sempre participei das atividades que ela deixava pra gente em casa. Eu quero que eles cresçam, cresçam e sejam crianças melhores.

Desde a barriga

Ivanir recebeu atendimento do PIM desde a gestação no município de Alpestre.

Moro em Alpestre e quero falar um pouco da importância do PIM. Tive a oportunidade desde gestante de fazer parte do programa e de receber um excelente visitador em minha casa. Tenho um filho que foi estimulado desde a barriga até dois anos e três meses.

Fico muito agradecida a todos os profissionais do Programa. O PIM é maravilhoso. Envolve vínculo familiar, o pai e a mãe participam juntos nas atividades com o filho. Eu posso afirmar a diferença da criança estimulada desde a barriga da mãe e as que não foram estimuladas.

Sou um exemplo, pois quando era criança não fui estimulada e tive dificuldade no aprendizado, e o meu filho, que recebeu estimulação, vejo que é muito inteligente. Vale a pena investir 45 minutos para receber uma profissional, digo profissional porque foi capacitada para planejar uma atividade e desenvolvê-la junto à família.

A visitadora, por exemplo, ao perceber as dificuldades do meu filho na área psicomotora, desenvolveu atividades que colaboraram para superação das mesmas e isso é muito bom, devemos dar valor pelo trabalho desenvolvido.

A visitadora, desde a gestação, trouxe informações que eu desconhecia. Nunca vou me esquecer das confecções das formas geométricas, de bonecos quadrados, redondos, triangulares e retangulares. O meu filho adorou e ajudava encher as fibras e eu costurava, era tão gostoso.

Dá uma saudade... Depois que nós terminávamos, trabalhávamos a quantidade dos bonecos, as cores, o lúdico, o faz de conta. Como é bom atividades assim, onde a criança participa, ajuda, interage, fica na expectativa, ajuda a construir o brinquedo e dar mais valor do que os que a gente compra.

Quero encerrar dizendo que esse programa deve continuar sempre, deveria se expandir nos interiores para que outras crianças tenham acesso como eu tive. Para essa experiência dou nota mil.

Carinho, força e proteção.

Este relato mantém o sigilo dos nomes para preservar a identidade da família. O caso ocorreu no município de Bagé.

Bom... Como vou explicar meu trajeto de vida hoje?! Eu descobri que estava grávida já com 2 meses. Então, passei a fazer o pré-natal e os exames de rotina da gravidez. Foi aí que eu descobri que tinha HIV.

No momento, pra mim, foi um susto imenso. Parecia que meu mundo iria acabar, mas quando comecei a entender melhor que aquele momento não era o fim do mundo, passei a ver as coisas com outros olhos, a entender melhor e também a pensar no ser que estava carregando dentro da minha barriga.

Não foi nada fácil. Foram muitos momentos difíceis, mas contei com a participação de médicos e das visitas domiciliares que recebia da Hortênciá. Ela me ajudou bastante porque era onde eu conseguia o carinho, a força e a proteção que eu precisava naquela hora.

Em meio às visitas, mês após mês, algumas vezes eu chamava até mais, pois eu estava precisando daquela força naquele momento, ela, então, vinha com toda a dedicação que tem no trabalho pra me ajudar, como ajuda até hoje.

O meu tratamento sempre foi tranquilo. Nunca tive nenhuma reação às medicações. Sou soropositiva indetectável, tenho a possibilidade de viver super bem, pois quem é soro indetectável não transmite o vírus.

A minha filha nasceu de parto normal com toda saúde possível, passou por exames e todos deram resultados ótimos. Ela não tem o vírus, o que é uma vitória. A luta que enfrentei durante a gravidez foi uma lição pra mim. Eu, hoje, vivo bem. Tento lidar com isso ainda de forma natural. Claro que em alguns momentos fico preocupada, mas, tomando as medicações corretas e me preservando, sei que terei uma longa vida, até mais do que imagino.

Como falei, a presença da visitadora Hortênciá foi muito importante pra mim. Foi uma forma segura que eu tinha de chegar e falar, tirar minhas dúvidas, perguntar as coisas. Ela nunca se negou. Sempre me ajudou. Ela, hoje, faz parte da minha história. Dessa história que divido com vocês.

Acredito que, se alguém estiver passando por essa mesma situação, nunca deve perder a fé e, sempre que puder, ter alguém de confiança para desabafar, tirar as dúvidas, porque isso dá mais força para a gente seguir em frente e ver a vida com o brilho que ela tem.



Entre cores e formas

Débora é mãe da Ester, que recebe visita da Magda Rejane.
Município: Butiá

No início, minha filha era acanhada. Quando a visitadora do PIM chegava, ela se escondia e, às vezes, não realizava a atividade na frente da visitadora. Só depois, eu fazia um vídeo e enviava para ela. Minha filha fazia bem as atividades depois e ficava ansiosa esperando as outras.

Ela se desenvolveu bastante. Eu nem imaginava que ela já tinha idade de aprender as cores, as formas, e quando eu vi elas trouxeram as atividade daqueles joguinhos, que não lembro muito bem o nome, e ela já começou a montar. Já sabe o amarelo, aprendeu o verde, as demais cores, e já tem aprendido as formas também.

Nem imaginava que ela já estava na fase de aprender. Se fosse pela gente, quem sabe, eu não iria ter essa iniciativa, pois pensei que era só lá com quatro anos ou mais pra aprender. Agora, com quase 2 anos, já aprendeu e está aprendendo ainda, está gostando muito das atividades e eu também.



Lágrimas, sorrisos e brincadeiras.

Marcia Luiza Haas foi atendida pelo PIM de Crissiumal.

Faz nove anos que fui atendida pelo PIM, sendo que o atendimento começou quando o meu filho tinha 2 anos. O PIM me ajudou muito e sempre me emociono ao lembrar, pois meu filho teve paralisia ao nascer e, até hoje, apresenta muita dificuldade em relação a alguns aspectos. As visitas do PIM muito me ajudaram, como, por exemplo, quanto à coordenação motora, para a qual a visitadora do PIM executava muitas atividades, ajudando ele a se desenvolver.

Depois de alguns anos, por questões de saúde, não poderia mais ter filhos e, de repente, eu me encontrei grávida, desesperada, achando que ia morrer. Novamente, o PIM entrou na minha vida e a equipe sempre se mostrou presente, me ajudando e conversando, até porque achava que não sobreviveria a essa gestação.

Sou grata às meninas do PIM até hoje. Tivemos bons momentos de risadas, de surpresas, atividades importantes. Sempre gostei e gosto muito e guardo a amizade delas para vida inteira. A atividade mais importante para mim foi o diário, construído entre lágrimas, sorrisos e brincadeiras. Como eu tinha muito medo de morrer quando minha filha nascesse, escrevi tudo que eu sentia, pois se isso ocorresse, ela saberia dos meus sentimentos e emoções através das palavras que deixei no diário. Escrevi o que esperava e a importância dela em minha vida. Amo meus filhos acima de qualquer coisa. Agradeço as visitadoras do PIM, que me aconselharam, me aconselham e me acolhem até hoje. Obrigada!



Quando a família quer

Adelino é marido da Joiciane e pai da Amanda e do Kauê.
Eles são acompanhados pela visitadora Andressa
do PIM de Encruzilhada do Sul.

Como pai, entendo que, apesar de ter tido o primeiro filho já com bastante idade, a gente tinha um outro entendimento sobre cuidados básicos.

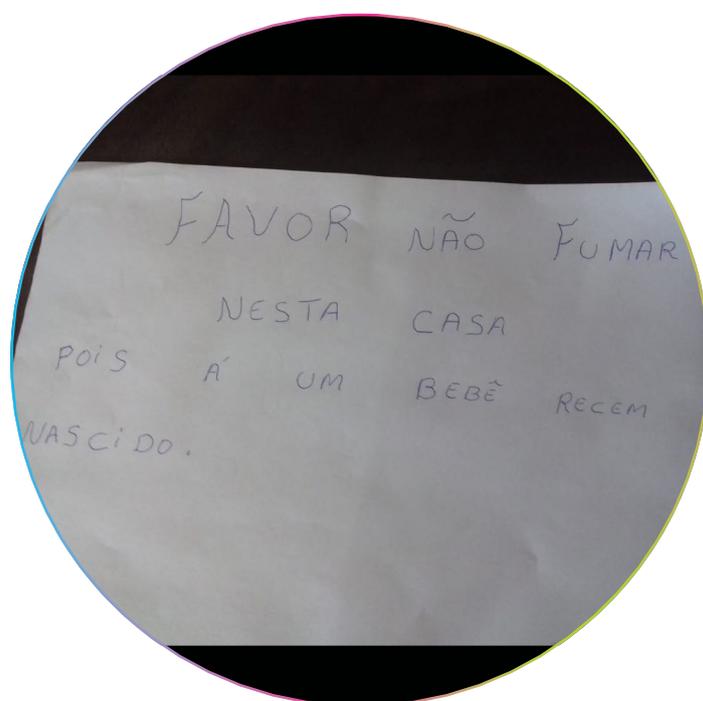
Quando surgiu o PIM, a gente teve outra noção de cuidados, bem diferentes, apesar de sempre procurar estar bem informado, pesquisando, por exemplo, o que cada alimento fornece, os riscos à saúde,...

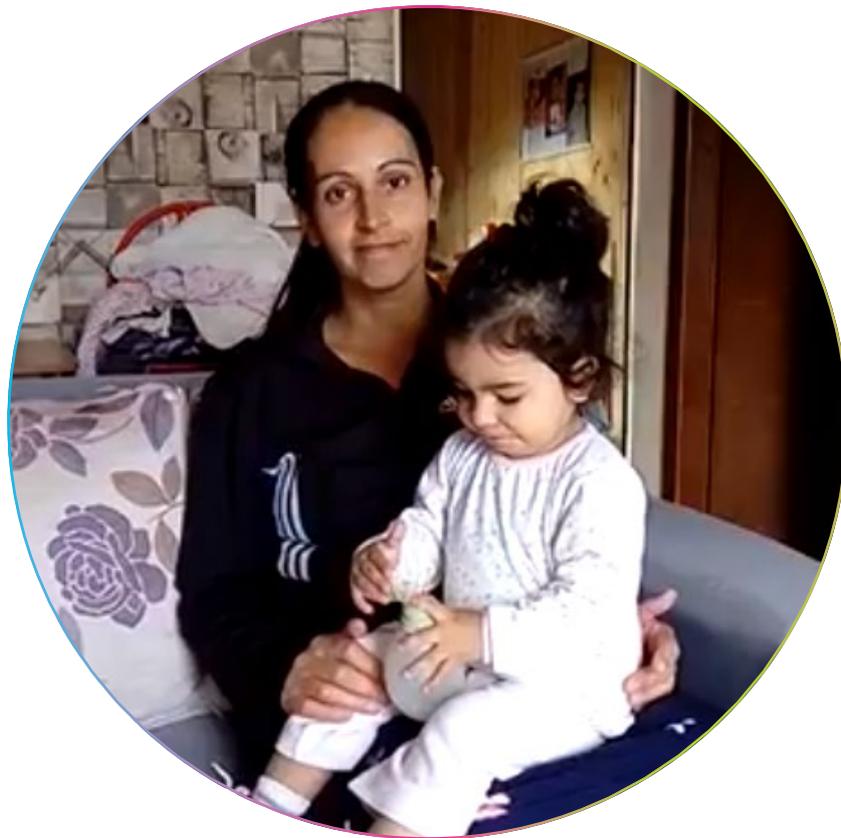
Gosto das questões da medicina. Por exemplo, vendo uma entrevista na televisão um dia, me chamou bastante atenção algo a respeito do cigarro e doenças causadas pelo tabagismo que ocorrem na mulher grávida.

A partir daí, começou a cair a ficha sobre o que acontece e eu, apesar de ser fumante naquela época, já tinha noção de que poderia causar danos tanto pra mim quanto para minha esposa e bebê. Acreditava que para ela poderia ser pior ainda, por ser gestante, oferecendo risco à saúde dela e da bebê que estava na barriga.

Consegui convencê-la, que, por espontânea vontade, conseguiu parar. Disse que não ia mais fumar e realmente não fumou. Consegui, mostrando que basta querer mesmo que se consegue. Durante os nove meses de gestação, ela não fumou nenhum cigarro. Mesmo se mantendo próxima de quem fumava, conseguiu evitar. Eu, para não correr o risco de que ela fumasse, abria a porta e ia para rua durante a madrugada para fumar.

A visitadora nos ajudou também, auxiliando na questão de alimentos durante a gravidez. Assim, se manteve com boa saúde, cuidando a alimentação, como as frutas, por exemplo, que influenciam até na pele da criança. Nasceu linda, acho que o PIM nos trouxe uma visão bem diferente do que a gente conhecia. O mundo evoluiu, trazendo novas descobertas e, através do PIM, a gente acabou conhecendo.





Coisas simples

Elenir é mãe do Leonardo, do Davi e da Kiara e recebe atendimento do PIM do município de Humaitá.

Antes de conhecer o PIM, a gente não dava importância a coisinhas simples, como por exemplo, a fase do engatinhar. A gente achava que não era importante.

Brincadeiras e coisas simples, que a gente podia fazer com materiais em casa, que achava que não tinha tanta importância, mas agora vejo que dão resultados, principalmente para o Leo que era quem mais gostava, quem mais precisava de atenção do PIM.

Nunca tive problemas com a escola, acho que ajudou muito no desenvolvimento dele. Hoje, na escola, vejo esse resultado.

Recordações e emoções

Carla Martins foi atendida pelo PIM de Palmitinho.

Falar sobre o Primeira Infância Melhor é um grande prazer para mim. É motivo de alegria relembrar um período que marcou minha vida de maneira significativa. Ainda fico emocionada ao recordar as tardes em que eu ficava sozinha com minha filha, ainda bebê, em uma rotina por vezes cansativa e entediante e a visitadora chegava. Minha alegria era tamanha que eu ficava na expectativa para saber o que iria aprender de novo e quais as atividades iríamos desenvolver. A alegria tomava conta da casa, pois aquele tempo era prioridade para mim.

Aqueles momentos eram muito importantes. A atividade proposta era aprendida por mim e repassada posteriormente ao meu esposo e ao meu filho para que fosse desenvolvida ao longo dos dias subsequentes com a criança. Toda a família se envolvia para transmitir à bebê os conhecimentos adquiridos. Era muito divertido e gratificante sentir que minha filha passava a corresponder gradativamente aos estímulos realizados através do PIM e que, a cada dia, melhorava mais, tanto nos aspectos físico, motor e cognitivo quanto no psicológico e afetivo.

O PIM estreitou o vínculo de proximidade entre nós e fortaleceu nossos laços familiares. Posso afirmar que o PIM fez uma grande diferença no primeiro ano de vida da minha filha, período em que ela foi acompanhada. Sinto que, na época em que nasceu meu primeiro filho, ainda não havia o PIM e não pude trabalhar com ele da mesma forma que com ela. Hoje, restam boas lembranças dessa experiência vivenciada e do sentimento que ficou ainda mais forte na nossa relação mãe e filha: o amor.

Fazer parte do PIM foi um grande privilégio para nossa família. Uma experiência única. Muito aprendemos e repassamos à nossa filha e isso vamos levar para a vida.



Visitação da Débora

Veridiana Oliveira recebe a visitadora
Débora em casa no município de Rio Grande.

O que eu mais gostei no PIM foi a atenção recebida, o acolhimento às famílias e o carinho que o PIM têm com os filhos da gente, que é o principal. Muito bom! Hoje, ele está com 3 aninhos e muitas coisas que ele consegue fazer é por causa do PIM. Tem uma brincadeira que a visitadora Débora Lisboa fazia que utiliza um potinho com água, uma colher e umas tampinhas de garrafa. No início, ele não conseguia tirar a água dos potinhos, mas depois ele estava fazendo sozinho. Não tinha coordenação motora nas mãos ainda e aos pouquinhos ele foi aprendendo com ela.

É bom o pessoal saber a importância do PIM. É uma experiência bacana, as crianças já ficam prontas para ir para escolinha. Meu filho aprendeu várias coisas que não sabia: desenvolveu a coordenação motora, ele não falava quase nada, não se expressava e aos pouquinhos foi ganhando confiança e desenvolvendo bastante. Eu só tenho a agradecer vocês, espero que volte a ter visitador no bairro, pois está fazendo falta, é um programa jóia. Para ele, principalmente, e pra mim também, porque a gente se sente acolhida, com amor, que é o principal de tudo. É um programa da família, é um exemplo de projeto para todas as crianças do Brasil.

O meu guri, agora, brinca. Ele não brincava em casa, só chorava e gritava e, aos pouquinhos, agora, ele chega perto. Antes, ele jogava as coisas na visitadora. Ela era a única pessoa estranha que conseguia chegar perto. Essas coisas que ele faz agora, agradeço bastante à visitadora. Ele se desenvolveu bastante. Eu fazia as coisas com ela, participava, brincava junto. A visitadora Débora é exemplar. Queria ela 24 horas na minha casa. Quando tu passa o carinho e o amor para a criança, isso é uma coisa muito importante. Vale muito a pena tu ver uma criança sorrindo, alegre. Isso não tem preço! Não tem dinheiro que pague. Tenho só a agradecer, é ótimo!



O desenvolvimento da Julia

Juliana Gonçalves é mãe da Sophia e da Júlia, que recebem atendimento em São Lourenço do Sul.

Eu recebo o atendimento do PIM desde a implantação do programa aqui no quilombo, o que aconteceu no ano de 2013. Observo a diferença no desenvolvimento das minhas filhas, pois a Sophia, de cinco anos, foi atendida por poucos meses e Júlia, de dois anos, é atendida desde a gestação. A Júlia foi mais estimulada e começou a caminhar antes da irmã mais velha. Após conhecer a metodologia do PIM, eu costumo ficar mais tempo brincando com minhas filhas durante a semana. Eu acompanho os ganhos das meninas seguindo os indicadores de desenvolvimento do Guia da Família do PIM.

Lembranças de Marielle

Adriana Majada é mãe da Marielle e do Murilo, que recebem atendimento do PIM de São Lourenço do Sul.

Marielle tem, hoje, 11 anos e foi atendida pelo PIM dos cinco meses até os cinco anos na modalidade individual e grupal, mas não lembra dos atendimentos. A mãe, Adriana, disse que a filha se lembra do evento onde as mães e os filhos dançaram no palco durante a apresentação que aconteceu no Seminário Internacional do PIM, na cidade de Porto Alegre, em 2009.

Neste dia, após a apresentação, as famílias do PIM almoçaram no restaurante e, à tarde, visitaram o Zoológico. O passeio foi muito especial e as crianças adoraram os animais. Adriana, como mãe, sempre foi muito comprometida com o PIM e estimulava os filhos, seguindo as orientações da visitadora. A mãe diz que o PIM foi muito significativo para o desenvolvimento da filha, pois antes ela ficava só no carrinho. Relata que os grupos, que aconteciam na Casa da Paz, foram uma experiência que marcou muito. Ela gostava da modalidade grupal porque encontrava outras mães e todas participavam da confecção dos brinquedos com as crianças.

Adriana relata que Marielle aprendeu a recortar durante as atividades e recortava todos papéis que encontrava, inclusive a conta de luz (risos). Murilo, irmão de Marielle, também foi atendido pelo PIM e logo após alguns meses, aprendeu a desenhar. Hoje, Marielle está no quinto ano e disse que gosta muito das disciplinas de ciências, informática e do recreio. Quando ela está em casa, gosta de mexer no celular.



Convivência que prepara

Juliana é mãe da Alessandra, 14 anos e do Luís Otávio, 8 anos, que é parte da história do PIM do município de Bagé.

Eu comecei indo no PIM com a Alessandra. Ela tinha três anos e eu segui levando ela até os cinco anos, quando estava na idade da pré-escola. Naquela época, tinha bastante atividades e eles faziam muitas brincadeiras, pintavam, faziam uma árvore de natal com garrafas pet, tinha bastante criança e aquilo ajudou a Alessandra a desenvolver, no colégio, os dedos. A convivência com outras crianças também foi algo bom pra ela, preparando ela pra iniciar no colégio, ter contato com outras crianças e, com o Luís Otávio, também foi a mesma coisa.

Comecei a levar o Luís Otávio quando ele tinha 3 anos. Eu comecei levando ele para a igreja, onde faziam a atividade grupal. Depois, viemos fazer na Casa da Família e lá contavam histórias, faziam brincadeiras e pintavam. Foi muito bom porque preparou ele para o outro colégio. Era muito bom. Tanto é que quando ele já foi para a pré-escola, já teve contato com grupos de crianças porque ele é o único pequenininho dentro de casa e não tinha muita relação com outras crianças. Ele já foi preparado, preparando a mãozinha na caneta, sabendo as cores, entre outras coisas.



Adaptação para a escola

Viviane foi uma das famílias atendidas pelo PIM de Bagé.

A Paula (visitadora) me acompanhou. Eu tenho um menino de dez anos hoje e ela levava atividade em casa, tinha atividades no salão da comunidade e aqui em casa também. Era bom. Ele aprendeu bastante coisa.

Fazia atividade e trazia os joguinhos e ele sabia. Ele começou a aprender os números e adivinhava. O jogo da memória mesmo, ele pegava e já na hora ia virando e achando todos os pares. Foi bem interessante pra ele. O programa ajudou ele a se adaptar na escola. Ajudou no corte, na pintura e tudo. Ele já entrou com noção de ele fazer os trabalhos.

Agora, eu tenho um filho de cinco anos. Quando eu voltei a (família morou em outra cidade) eu fui e falei com a Paula mas não deu tempo dele participar. Ele já tava grande e não deu pra ele participar, porque senão estava lá de novo. Eu agradeço a vocês. Continuem esse projeto aí por bastante tempo porque é bom, as crianças aprendem bastante coisa.



A aproveitar cada fase

A família da Mariane é acompanhada pelo PIM de Bagé.

Eu sinto uma diferença. Eles melhoraram bastante. Até pra desenvolver uma atividade, muitas coisas que as crianças não conseguem fazer sozinhas, que as mães não têm muito tempo, tem uma profissional que pode ajudar a falar, a caminhar.

A orientação é muito importante na vida das crianças. Ainda mais quando não conseguem fazer sozinhas. A visitadora foi uma pessoa que ajudou bastante, me acompanhou por muitos anos. Tanto que eu me mudei bastante e ela sempre me achou. E quando ela ia na minha casa, eu “tava” sempre uma criança nova.

No meu caso, eu já tenho uma rotina. Eu já botei os guris na creche porque eu não tinha nada pra fazer. Botei eles, mas depois nasceu o Davi e eu já fui mudando de ideia. No meio do ano, eu tirei porque eu não tinha muito tempo com ele e aquelas horas passavam muito rápido.

Chegava em casa, pegava ele na escolinha, chegava em casa, saía de novo e ia pra igreja. E, no outro dia, ele ia pra creche de novo. Então, foi uma criança que não teve muito contato. E com a Keila, então, é diferente. Eu já não vou botar ela na escolinha por esse motivo. Senão eu não vou poder aproveitar ela nessa fase, porque ela vai ficar muito maior e a gente vai perder esse contato.

O pai dela também parou de trabalhar “pra fora” por causa disso. Agora, ele trabalha por conta. E os guris adoram sair com ele. Ele pode aproveitar bastante os filhos e adora porque antes ele não podia ter esse contato.

Quando os guris eram bebês, ele já não teve tanto contato. Agora, tem. Agora, ele já pode aproveitar, já pode participar na saúde, no crescimento e na escola dos filhos.

Vivências e experiências de famílias de Ronda Alta

“Eu penso que, para Dulcieli, o PIM está incentivando ela a brincar mais, cantar e falar. Isto porque a visitadora orienta com dedicação historinhas, cantigas, confecciona brinquedos, objetos apropriados para a idade dela. Eu como mãe me sinto feliz em proporcionar momentos de descontração e alegria. A Dulcieli já sabe quando a visitadora dela está chegando e fica muito feliz e eu também.”

Mãe: Dulciane Rossetto

Filha: Dulcieli Rossetto

“O PIM é de suma importância. Ele vem esclarecer várias dúvidas e ensinar, da melhor maneira, como executar brincadeiras, linguagem corporal e muitas outras coisas que contribuem para o desenvolvimento psicomotor da criança. Gostamos muito de receber a visitadora. Esperamos ansiosos por ela. Tento aplicar tudo o que aprendo. Quero ter certeza que nada vai passar em vão. É através do PIM que conseguimos aproveitar cada fase do desenvolvimento do nosso bebê. Agradeço a dedicação da visitadora e aos responsáveis pelo programa e parablenizo a todos pelo trabalho realizado!”

Mãe: Maria Angélica da Silva

Filho: Enzo Henrique Vasconcellos

“Os primeiros anos de vida de uma criança são de fundamental importância, pois eles proporcionam a base para o resto da vida, como adolescente e adulto. As crianças que são bem cuidadas podem viver bem e criar uma sociedade melhor para todos. O PIM é de extrema importância na ajuda do desenvolvimento de nossos filhos, pois, desde os primeiros anos de vida, são ensinados a conviver, dividir, respeitar a hora de cada um. Brincar com nossos filhos ajuda a desenvolver a capacidade de interagir com outras pessoas e serve também para mostrar para eles que não são o centro do mundo e que é preciso saber dividir, respeitar, e conviver. Parabéns a toda a equipe responsável pelo PIM e muito obrigada!”

Mãe: Lêia Vieira Lemes da Silva
Filho: Leonardo Lemes da Silva

“Através do PIM nós, pais, recebemos muitas orientações de como devemos agir com nossos filhos, na alimentação e na educação. Também é muito importante a visita do PIM porque além de eu como pai ensinar, a visitadora também ensina o meu filho a desenhar, pintar, fazer várias atividades. Isso só vem a somar e é muito bom para o desenvolvimento da arte como também do psicológico. Até eu, como pai, através do PIM estou aprendendo coisas novas e importantes para mim e meu filho. Além disso, o PIM, em seu programa na rádio, traz muitas informações dentro da nossa casa e nós não perdemos um programa!”

Pai: Delmar Coratto
Filho: Nicolas Coratto



Profissionais do PIM



Narrativas de um cotidiano invisível

Luciane de Almeida Pujol é psicóloga e faz parte do Grupo Técnico Estadual (GTE) do PIM.

Iniciei a trabalhar no PIM em fevereiro de 2017, já conhecia essa política pública há alguns anos, pois trabalhei por mais de 20 anos como psicóloga em CAPS - Centros de Atenção Psicossocial. Embora não sendo novata no SUS, algo aconteceu quando fiz a minha primeira visita domiciliar no PIM.

O que vou narrar aqui fala de uma experiência singular, que atravessou a minha alma. Saímos de Porto Alegre em direção a Viamão, município de aproximadamente 250.000 habitantes, que fica cerca de 30 km de Porto Alegre. Fomos eu e alguns colegas da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS) ao encontro das monitoras e visitadoras do PIM daquele município.

Chegamos na UBS Augusta Meneghini, sede do PIM. Lá fomos recebidas pela equipe que havia organizado um ambiente acolhedor. Percebi no sorriso e nas palavras gentis, um desejo de contato. Nos apresentamos, conversamos e preparamos nossa ida até duas residências localizadas no mesmo território. Tomamos o cuidado em nos dividirmos em duas equipes de trabalho, onde uma equipe iria até a casa de Joana, ver como estavam os cuidados de João, seu bebê de 04 meses.

Fomos caminhando por cerca de 10 minutos até acessarmos nosso destino. O caminho já nos contava um pouco desse território: ruas sem nenhum tipo de pavimentação, calçadas que precisavam ser construídas numa linha imaginária entre o dentro e o fora, casas simples e lojinhas que vendiam brinquedos, utensílios de uso doméstico, roupas, tudo no mesmo estabelecimento. As lojinhas me causaram certo estranhamento, não porque nunca tenha visto algo assim, mas porque aquele estabelecimento mostrava aspectos da realidade desse local, onde um só estabelecimento precisava ter de tudo. Uma paisagem que aos poucos foi nos ambientando, nos preparando para o que iríamos encontrar nas residências.

Minha visita foi na casa de Joana. Joana morava em frente a um córrego de esgoto aberto, num terreno irregular, onde o que predominava era o barro. Sua casa, um pequeno casebre de uma peça, sem banheiro, tinha uma cama como móvel principal. Ao entrar avistei João, ele estava deitado na ponta da cama, uma cama alta de casal modelo box. Embora fosse um bebê de quatro meses, era pequeno e magrinho. Com um olhar atento, logo captou a nossa presença. Congelei! Será que João um bebê de quatro meses não poderia num simples movimento, rolar e cair daquela altura?

Num canto avistei uma mamadeira com restos de leite e pensei: será que aquela mamadeira seria ofertada a qualquer momento, sem nenhum cuidado com sua higiene? Por segundos, busquei o olhar de João e senti ternura e tristeza.

Um tempo depois, soube por uma visitadora de Viamão, que Joana havia perdido o filho. No susto perguntei se João havia morrido. A morte estava presente em meu olhar, desde o princípio: cair da cama, ser contaminado com o leite. A monitora me disse que não, João não morreu, mas foi retirado da mãe que era uma dependente química, vivendo em extrema pobreza e que não conseguia cuidar do filho, fato que já havia ocorrido com outros três filhos, os quais não estavam mais com ela.

Pensei nas capacitações do PIM que participei, onde por várias vezes falei da importância do olhar materno, do quanto o bebê precisava ser reconhecido e me senti distante da realidade de Joana, de João. Essa história me acompanha até hoje e foi balizadora de muitas reflexões sobre minha prática e meu discurso sobre a primeira infância.

Penso que poderia pensar, numa visão apressada, que o PIM como política pública fracassou, afinal João precisou ser afastado do convívio de sua família e Joana, igualmente, precisou abrir mão de seu filho. Mas o que me ocorreu a partir dessa experiência, foi pensar que muitas vezes as intervenções na infância exigem pressa. Nessa situação, a nossa visita desencadeou um trabalho em rede onde prioridades foram elencadas: a urgência era garantir a vida de João, já que está estava ameaçada.

João e seus pais foram encaminhados até a UBS onde o menino passou por uma avaliação com a pediatra que constatou seu baixo peso. Joana e seu companheiro puderam acessar programas da assistência. Antes de pensarmos em abrigamento, outras medidas foram tomadas.

Embora essa história não tenha um final como gostaríamos, como aqueles nos contos infantis onde “todos são felizes para sempre”, entendo que João e Joana foram acolhidos na rede de serviços e poderão, sim, construir uma nova história para suas vidas. Essa história não termina aqui. A articulação em rede de políticas públicas, nesse caso, garantiu a vida de João, e o trabalho do PIM não se encerrou.

Essa experiência me ajudou a entender que a realidade da infância no RS exige de nós, trabalhadoras, um esforço constante para lidar com as adversidades e com as diversas carências da população assim como mostrou que ter esperança é parte fundamental de nosso trabalho.



Relato de experiência no PIM

Raquel Peter Maldaner foi residente do PIM.

Foi em março de 2016 que a aventura começou. Ao ser aprovada no Programa de Residência Integrada da Escola de Saúde Pública no terceiro ano opcional, com ênfase em gestão de políticas públicas em saúde da primeira infância, conheci o mundo complexo e colorido do PIM. Complexo, pois envolve diferentes níveis de gestão, indicadores, planejamento, instrumentos, reuniões e visitas técnicas. Colorido, porque envolve um jeito especial de cuidar, de promover saúde, de atingir regiões inóspitas e famílias que até então não haviam sido olhadas de maneira integral.

A experiência de estar presente no dia a dia do Grupo Técnico Estadual (GTE) foi, por si só, um presente. Evoluímos quando compartilhamos saberes com profissionais de diferentes áreas como psicólogos, assistente social, enfermeiros, pedagogos e arte-educadora. E eu, como nutricionista, me senti acolhida e orgulhosa por poder contribuir com temas tão relevantes para a primeira infância, tais como aleitamento materno, estado nutricional e introdução alimentar.

Trabalhar com crianças, gestantes, família e sociedade, costurando referenciais teóricos com planilhas (muitas planilhas!), entre seminários e apresentações, foi um desafio. Para quem recém tinha saído da área assistencial, a vontade era de estar lá na “ponta”, fazendo as visitas e capacitações e as oportunidades que surgiram foram bem aproveitadas.

Aquele ano em que estava imersa no mundo do PIM é recordado com muito carinho. O apoio dos preceptores, colegas e das outras políticas do Departamento de Ações em Saúde (DAS) foi fundamental para o crescimento pessoal e profissional.



Encontrando um cantinho

Alíssia Gressler Dornelles trabalha na
13ª Coordenadoria Regional de Saúde

Já trabalhando na 13ª Coordenadoria Regional de Saúde, lembro-me de ter acompanhado, há um tempo atrás, o atendimento de uma visitadora a uma adolescente gestante, de 17 anos. Antes de chegarmos à casa, a visitadora conta sobre o contexto da família, a história da adolescente e explica a atividade que havia planejado para este atendimento. Tratava-se da confecção de uma caixinha para guardar os documentos do bebê quando ele nascesse - certidão de nascimento, caderneta da criança, etc. - atividade recorrente no atendimento das gestantes no PIM.

Pois bem, quando chegamos na casa, a avó da adolescente nos recebe e refere que adolescente A. não estava bem, estava chorando no quarto e não havia levantado. A avó explica que esse comportamento era decorrente dos “incômodos” que a menina passava com as outras pessoas da família - mãe, irmã (também gestante adolescente), cunhado, entre outros. Tratava-se de questões familiares complexas e de difícil manejo. O fato é que A. estava abalada emocionalmente, a ponto de não vir nem receber a visitadora, com quem tinha um vínculo importante. Mas, depois de alguns minutos e do chamamento insistente e carinhoso da avó, A. aparece na sala, secando as lágrimas do rosto e ainda bastante raivosa com os problemas que lhe afligiam. Refere à visitadora que não tinha ido nem na consulta com o psicólogo do posto de saúde porque não estava bem.

A visitadora vai conduzindo o atendimento com a ajuda da avó, que acolhe o sofrimento da neta. Não era possível sugerir ou convidar a adolescente para fazer a caixinha de documentos naquele momento de fragilidade emocional. Ficamos em torno de uma hora na casa e a visita seguiu por rumos bastante diferentes dos previstos pela visitadora. Foi interessante perceber a acolhida da visitadora, sua sensibilidade em escutar mais do que falar ou opinar, e a importância que ela deu para as questões trazidas pela adolescente e pela avó. Mas noto, em alguns instantes, o desconforto da visitadora em não conseguir efetivar a atividade que havia planejado para aquele atendimento, a caixinha. Ainda mais na minha presença.

Era como se quisesse cumprir o planejado para me mostrar, para estar “dentro dos conformes” da metodologia do programa. Em um certo momento, a visitadora me olha e faz sinal com a cabeça, esforçando-se para me dizer que não daria para fazer a atividade naquelas condições. Eu lhe retorno o olhar e a expressão positivamente, buscando reforçar a pertinência de sua decisão na condução do atendimento. Com isso, ela parece sentir-se mais aliviada para continuar sua escuta. Inclusive combinou com a adolescente que iria até o posto de saúde para informar o motivo de sua ausência no atendimento psicológico e solicitar que fosse remarcado, já que ela tinha interesse em conversar com o psicólogo novamente.

Ao final, A. estava mais calma, conseguiu sorrir e, por sugestão da avó, trouxe do quarto para nos mostrar as roupinhas que já tinha para o bebê. Foi contando como ganhou cada peça: umas das amigas da escola, outras da vizinha, outras de doação, outras ainda tinham sido presentes da avó. Também já conseguia imaginar o que vestiria no bebê em cada ocasião; pediu ajuda da visitadora e da avó para pensar um “cantinho” da casa onde poderia guardar tanta coisa.

Eis que se constrói aí um cantinho: mais que um lugarzinho na pequena casa, um cantinho subjetivo, onde pode habitar o desejo. Não fizemos a atividade da caixinha. Mas, certamente, fizemos muito mais que isso. Penso que ajudamos A. a (re)encontrar seu cantinho.



PIM: Crescimento pessoal e profissional

Cleber Luis dos Santos foi visitador e monitor do PIM de Caxias do Sul e hoje trabalha no Programa Criança Feliz do Estado da Paraíba.

Nasci em um município do interior do Rio Grande do Sul, filho de família humilde, minha vida começou a mudar quando fui para uma missão de paz da ONU no Haiti. Lá, vi pessoas vivendo na pobreza extrema, realidade que não conhecia onde morava. Ao retornar para o Brasil, comecei a observar que tal situação estava presente em meu dia a dia, sem mesmo me dar conta.

No ano de 2015, apareceu a oportunidade de estágio no PIM, no município de Caxias do Sul. Como estudante de psicologia, resolvi me inscrever para uma possível vaga. Quando recebi a chamada informando da minha classificação, fiquei muito feliz.

Dentro do PIM, tive experiências maravilhosas com as famílias atendidas. Fiz amizades com outros visitantes, os quais devo grande parte do meu conhecimento, em especial, à minha colega visitadora no bairro Canyon. Com ela, aprendi a sensibilidade em trabalhar com as famílias, pois, há pouco, era militar. Meu olhar e minha vida começaram a mudar e passei a entender as dinâmicas e contextos familiares diferentes do meu, a ouvir o que as famílias tinham a dizer, a me colocar no lugar delas e a entender sobre suas crenças e culturas. Cada pessoa que convivi, famílias e crianças, me fizeram crescer pessoal e profissionalmente.

Após um tempo como visitador, fui convidado a realizar a monitoria do PIM. Nesta posição, passei a desenvolver mais a fundo a articulação em rede que o PIM proporciona, trabalhando com o fortalecimento de vínculos familiares e busca dos direitos das famílias junto à Assistência Social, Saúde e Educação. Hoje, trabalho em outro estado, em uma política com o mesmo viés e estou muito feliz pelo PIM ter servido de base para outras ações em nível nacional.

Ao PIM, só tenho a agradecer pela oportunidade proporcionada e dizer que, nesse tempo que permaneci na política, fui muito feliz ao trabalhar com as famílias e colegas. Além de contribuir para o desenvolvimento integral das crianças atendidas, o PIM nos faz refletir sobre alguns conceitos da cultura que estamos inseridos como a dificuldade em se colocar no lugar do outro, a qual nos faz ter uma visão limitada acerca da sociedade e de nós mesmos.

Nossa resistência em despir-se de preconceitos e crenças nos limita a entender o outro. Nesse sentido, o PIM nos convida a refletir sobre nós mesmos, sobre nossas crenças, sobre os juízos de valores acerca do próximo. Parabéns, PIM, pelos 15 anos transformando vidas!



Vivência e aprendizado de puro afeto

Scheila Paula Zorzan é psicóloga
e integrante do Grupo Técnico Estadual do PIM.

Sou Scheila, psicóloga, integrante do Grupo Técnico Estadual (GTE). Conheço o PIM desde a fase de sua criação. Ingressei nesta política pública em 2003, enquanto se tratava de um programa de governo. Na época, era representante da 14ª Coordenadoria Regional de Saúde (CRS). Capacitei-me já na primeira fase, momento em que nem mesmo havia definição de nomenclaturas nas equipes - as primeiras capacitações envolviam gestores e técnicos de municípios e do Estado numa abordagem diretamente realizada pelas técnicas do Centro de Referência Latinoamericano para la Educación Preescolar (CELEP, de Cuba).

Aos poucos, a estrutura do PIM foi se definindo e os primeiros resultados, aparecendo. Não refiro-me aqui às contribuições no desenvolvimento das crianças. Refiro-me, sim, à evolução social que o PIM já vinha propiciando. Famílias que inicialmente não compreendiam a relevância desta grandiosa ação, algumas aderiam à proposta porque acreditavam se tratar de algo importante, embora sem maior compreensão; outras, simplesmente dispunham-se a participar. Outras, ainda, rejeitavam a ideia, sem compreender o quanto os ganhos, embora não palpáveis, eram concretos.

Refiro-me a essa evolução, de quebrar paradigmas, romper padrões de funcionamento que se reproduziam por gerações entre as famílias. Refiro-me à política pública (que assim se instituiu por unanimidade em uma Assembleia Legislativa, devido ao reconhecimento da importância social de sua causa) destinada à primeira infância com um diferencial: o desenvolvimento integral da família como um todo, o real empoderamento da família no desempenho de suas competências.

Refiro-me à política que ilustra e representa com legitimidade o papel constitucional do Estado na garantia dos direitos da criança, em nome de toda uma rede, através do apoio oferecido à família, em seu nobre papel de educar, de cuidar de uma criança. Um apoio que ajuda, sem substituir ou tomar o lugar. Um apoio que não tem a pretensão de ensinar a ser família e, sim, se coloca ao lado, incentiva e brinda o seu sucesso nos vínculos fortalecidos: entre a criança e sua família (na configuração em que essa família existir), entre a família e a rede e, especialmente, entre a família e a sociedade.

Refiro-me, acima de tudo, à história da qual participei, entre momentos de idas e vindas, e que defino assim: uma política pública para a família e sociedade, através de uma ação que vai além do reconhecimento e respeito à instituição família. Uma política pública que em muitos casos devolve à família o papel de educar, oferecendo-lhe suporte e condições, em sua mais importante missão.



Transformando vidas

Deisi é monitora há 7 anos do PIM do município de Humaitá.

Trabalho no PIM como monitora há 7 anos. O Programa chega na vida das pessoas para transformar, mudando a forma como a gente vê as crianças, as famílias, as pessoas em geral, ensinando a gente no trato com elas.

Quando comecei a ser atendida como família do PIM, adorava quando a Visitadora ia lá em casa e fazia as atividades, comigo ainda gestante. Achava maravilhoso, pois podia contar com alguém na minha casa, que me ajudava a entender meu filho e a entender minha gestação; alguém que me orientava e dizia o porquê de usar aquele brinquedo.

Quando passei a trabalhar no PIM, ele me transformou mais ainda porque a cada dia eu aprendo mais coisas, e a cada dia vejo que a infância é tudo na vida de uma pessoa. Entendi que uma infância orientada, transforma vidas, ou seja, transforma a vida adulta.

Trabalhar no PIM é maravilhoso. Saber que a gente pode influenciar as pessoas a pensar de outras maneiras, suas famílias e comunidades, é sempre muito bom. A visitadora é uma pessoa que entra na vida das pessoas de uma forma encantadora e sem que as pessoas percebam, já estão integradas, passando a ser tratadas como alguém da família, sendo uma ouvinte muito esperada.

Penso que nós, do PIM, somos como formiguinhas, cada uma com sua forma, seu jeito, vamos transformando e quando a gente junta tudo isso, a gente reconhece a capacidade de movimentar a sociedade, de trazer mudanças. Como diz o documentário O Começo da Vida, "se a gente muda o início da história, mudamos a história toda". Amo o que faço e sei que transmito isso para as pessoas, pois o PIM não apenas transforma as pessoas, mas o ambiente e a sociedade onde ele está presente. Obrigada.

Gestão de Políticas Públicas em Saúde

Débora Serafim foi residente do PIM.

Em março de 2016, iniciamos, como equipe multidisciplinar, a residência com ênfase em Gestão de Políticas Públicas em Saúde, programa que desenvolveu-se através da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul, no Departamento de Ações em Saúde da Secretaria Estadual de Saúde, com duração de um ano. Quando iniciamos a experiência, as expectativas eram grandes e, desse modo, alguns questionamentos foram surgindo: Como será e quais desafios vamos percorrer neste processo? O que, de positivo, está à nossa espera? A partir destes questionamentos, buscamos no contexto histórico das práticas em saúde o caminho para contribuir nesta melhoria.

Ao longo dos séculos, as ações em saúde para crianças e adolescentes foram conduzidas por um modo de cuidado que priorizou a institucionalização, com uma concepção segmentada do cuidado. Em outras palavras, não se considerava a totalidade do indivíduo na busca do cuidado em saúde. O início do século XX trouxe à tona novos paradigmas na concepção do tratamento de crianças e adolescentes. A importância da assistência, através da criação de um conjunto de medidas alicerçadas na lógica higienista, contribuiu para o aumento de instituições fechadas para o cuidado de crianças e adolescentes, em sua maioria de caráter filantrópico. O resultado deste processo foi, por um lado, a institucionalização do cuidado e, por outro, a criminalização da infância pobre, criando um quadro de desassistência e abandono.

Ao iniciarmos a residência, acompanhamos as atividades desenvolvidas no PIM no âmbito da gestão estadual e, também, no âmbito da assistência direta prestada às famílias. Cada residente pôde conhecer as atividades desenvolvidas pelo PIM. É possível afirmar que o cuidado ofertado às famílias possui potencial transformador, visto que é no contato direto com os usuários que é possível detectar de forma mais sensível suas realidades e necessidades. Este contato humaniza o atendimento e possibilita alcançar resultados muito positivos.

O PIM trabalha com o estímulo e apoio às crianças e seus familiares para a busca de um desenvolvimento saudável. Além disso, desenvolve ações de prevenção e promoção de saúde, atuando de forma a qualificar a interação da criança com seus cuidadores e fortalecendo vínculos entre estes, com foco no potencial existente na família. A atenção integral na primeira infância influencia no desenvolvimento saudável e contribui para o fortalecimento da família nos cuidados à criança.

Parabéns ao PIM pelo cuidado em saúde a partir da ótica do desenvolvimento saudável, o que contribui de forma significativa na vida das famílias que assiste. Sucesso!

Vivências no Primeira Infância Melhor

Evandro Dall Igna foi residente do PIM.

Após dois anos como residente na Atenção Básica da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul, ingressei no terceiro ano do programa, cujo intuito é formar profissionais especialistas em Gestão em Políticas Públicas de Saúde. Como área de formação escolhi a Primeira Infância Melhor, pois durante o percurso na Atenção Primária em Saúde me encantei pela puericultura (atendimento realizado a crianças de 0 a 2 anos de idade).

O PIM é uma política pública pioneira no Brasil que executa ações de promoção do desenvolvimento integral na primeira infância. Suas atividades são desenvolvidas por meio de visitas domiciliares e comunitárias a famílias em situação de risco e vulnerabilidade social.

Durante minha permanência no PIM, tive a oportunidade de conhecer como é realizada e articulada as ações da primeira infância entre os técnicos estaduais e municipais. A vivência oportunizou também conhecer in loco o trabalho desenvolvido pelos visitantes junto às famílias e crianças atendidas.

Participar deste processo foi de extrema relevância. Consegui perceber o quão importante é investir em atividades que colaborem para desenvolvimento intelectual e social das crianças que necessitam de um atendimento diferenciado, visto que vivem em situação de vulnerabilidade e nem sempre conseguem acessar um serviço de saúde.

Para concluir minha passagem pelo PIM, desenvolvi, como trabalho de conclusão da residência, um estudo que visou analisar o acesso de crianças com deficiência à rede especializada de saúde. A pesquisa me permitiu identificar quais são as dificuldades e fragilidades que este grupo populacional enfrenta para conseguir um acesso adequado ao serviço de saúde. Os resultados deste estudo ficaram à disposição do PIM para eventuais trabalhos a serem desenvolvidos a essa população.

Entendo que esta experiência contribuiu muito para a minha formação profissional e pessoal, pois me fez perceber que investir na infância é acreditar em um futuro promissor com menos desigualdades no âmbito da saúde.

Uma política pública que cuida

Fernando Panosso trabalha na
19ª Coordenadoria Regional de Saúde

Considero o Primeira Infância Melhor uma das políticas públicas de saúde mais importantes do Estado do Rio Grande do Sul. No mesmo ano da sua implantação (2003), realizamos um trabalho de sensibilização em todos os municípios de abrangência da 19ª Coordenadoria Regional de Saúde (CRS). No ano de 2005, com muito trabalho e determinação, finalizamos o PIM implantado em 100% dos municípios da Regional.

É uma política pública que cuida da gestante e das famílias com crianças de zero a seis anos na fase fundamental do desenvolvimento infantil, pois este momento é determinante para o crescimento da capacidade cognitiva e sociabilidade, onde o cérebro absorve muitas informações e as experiências vivenciadas nesta fase são levadas para o resto da vida.

Destaco, a importância da visita domiciliar realizada semanalmente por profissionais capacitados pelo PIM. Este visitador, através do brincar e de forma lúdica, estimula o crescimento e o desenvolvimento infantil seja na esfera da cognição, motricidade, afetividade e linguagem, garantindo à criança uma infância melhor e mais saudável em todos os aspectos. Acrescento que o PIM, a cada dia que passa, precisa ser implementado nos municípios e necessita muito do apoio e comprometimento de todos os gestores que estão diretamente envolvidos na atenção à Primeira Infância. Serei eternamente um defensor do Primeira Infância Melhor!

Minha história no PIM

Seres Teresinha Führ trabalha na
17ª Coordenadoria Regional de Educação, em Santa Rosa.

Minha história no PIM iniciou em 2003, quando nasceu, no Rio Grande do Sul, este magnífico programa. Desde minha primeira participação, fiquei encantada com este trabalho. Os anos foram passando e cada vez eu me sinto mais comprometida com esta atividade e feliz por estar engajada num programa que muito beneficia crianças e famílias.

São centenas de assessorias aos municípios e acompanhamento nas modalidades nas quais vivenciei o envolvimento das famílias, percebendo a alegria e o prazer das crianças ao desenvolverem as atividades lúdicas propostas.

Tenho uma grande paixão por este trabalho. Quando acompanho as visitas, me realizo profissionalmente, pois percebo que há possibilidades de construirmos um mundo melhor, quando há investimento na primeira infância das crianças e, por consequência, nas suas respectivas famílias. Ao ingressarem na escola, percebe-se claramente a diferença entre crianças que são beneficiadas ou não pelo PIM.

Primeira Infância Melhor! Te vi nascer. São 15 anos da existência do PIM e são 15 anos que atuo como representante da Educação no Grupo Técnico Estadual (GTE). Sinto-me orgulhosa por contribuir com este programa e grata a Deus por estar participando desta caminhada.

Vida longa ao PIM.



O PIM florido em mim

Viviane Bastos Forner trabalhou no PIM PIA, o PIM de Porto Alegre.

Falar sobre o trabalho realizado durante dez anos junto ao PIM PIA (Primeira Infância Melhor - Porto Infância Alegre) é um misto de alegria e também de certa tristeza. Foram anos de luta, tentativas insistentes, várias conquistas, mas de muitas desistências, sofrimentos e perdas. Atendia, basicamente, as regiões das Ilhas e Vila Pinto, embora tenha circulado por várias regiões, substituindo colegas quando necessário.

Nosso dia a dia junto às famílias nas regiões era rico e caloroso por parte das crianças que nos aguardavam, porém, até conquistarmos a confiança de seus pais ou cuidadores, tivemos muitas visitas frustradas, algumas que se efetivaram semanas depois e outras que jamais ocorreram.

Tantas vidas e histórias, sacolas com papéis, lápis, surpresas e brinquedos. Íamos ao encontro dos endereços incertos, bebês, famílias, dificuldades. Das casas sem estrutura, dos lares sem alimento, tudo sempre esperado (e inesperado) misturado à nossa grande expectativa de explicar o quanto seria importante e caloroso, frequente e sistemático o nosso trabalho. Sempre planejado e recheado de boas ideias para que o futuro das famílias do PIM PIÁ pudesse ser melhor!

O trabalho era em lugares especiais para nós, mas com grande vulnerabilidade, casas pobres, chão batido, valões, áreas de ocupação. Muito lutamos para conquistar uma nova área para estas famílias isoladas e com tão pouca sorte, pois quando a chuva chegava, eram os primeiros a ficarem "ilhados". Tenho várias fotos destas cenas: casas rodeadas pela água, famílias pescando na escada de entrada de suas residências. Ninguém chorando, sempre rindo, divertindo-se com a enchente: lição de sobrevivência, saúde mental e bom humor!

O trabalho, sempre realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, oportunizava troca de informações a respeito das maiores necessidades locais. Nas Ilhas, o médico de família Samuel, sempre disposto a atender a comunidade, consciente e conhecedor dos detalhes que afetavam a saúde e a vida de todos, indicava-nos com precisão os bebês que precisavam atendimento e as principais dificuldades familiares.

É sabido que o PIM objetiva estimular a linguagem, o vocabulário e as várias áreas do desenvolvimento de uma criança, mas gostaria de falar de alguns detalhes que me encantaram ao longo desses anos. Lembro, de forma emocionada, a maneira como uma menina muito pequena que, antes do atendimento, praticamente nada falava e não se expressava e, após alguns atendimentos, despediu-se do estagiário que a atendia esticando o pescoço, aproximando o rosto para receber o beijo do "amigo faceiro e cheio de boas ideias" que a visitava semanalmente. A mãe estava grávida do quarto filho. Um deles, uma menina, havia falecido por atropelamento na estrada POA/Guaíba, trecho onde a velocidade de 60 km por hora jamais é respeitada.

Nossos dias eram assim: recheados de novidades. Às vezes recebíamos excelentes notícias, outras vezes, nem tanto. Retomávamos, semanalmente, os cuidados com as gestantes, o acompanhamento junto ao posto de saúde e, com as mães adolescentes, lembrávamos as necessidades e os momentos certos de olhar e atender seus bebês (alimentação, sono, cantos, falas, desenhos e uso de fraldas). Pensávamos sempre em como orientá-las de modo que caminhassem para um novo modo de pensar, de se organizar.

Quantas bolhas de sabão foram iluminadas pelos raios de sol e pelas risadas de nossos alegres e inesquecíveis visitantes! Boas emoções, aprendizagens e sorrisos! As primeiras gargalhadas de muitas crianças foram acompanhadas pelo som dos caminhões, da música tocada no celular e de muitas bolhas feitas pelas mães que, provavelmente, já haviam esquecido a graça e a alegria que um canudo com água e sabão podem trazer!

E as histórias? Quantos contos, imagens, fábulas e rimas! Instrumentos musicais construídos a partir do



“lixo”... Mudanças, penso eu, “mágicas” para muitas crianças, avós, tios, irmãos e mães!

Uma das ações que também gostaria de destacar foram os vários projetos criados durante o tempo em que atuei como assessora do PIM PIA. Destacarei dois deles: O Projeto Casas sem Frestas, em que os visitantes e assessores cobriam as frestas das casas dos moradores com embalagens, eliminando parte da umidade que afetava a saúde das crianças, ensinando as famílias a protegerem seus filhos, um gesto de cuidado que acarretou em muitos atendimentos onde mostrávamos a importância dos cuidados com a saúde e higiene.

Também destaco o Projeto Álbum do Bebê, que considero uma grande conquista do PIM PIA. O projeto nasceu a partir da necessidade de uma gestante adolescente da Ilha das Flores e do trabalho realizado pelos visitantes. Tem uma história muito bonita desde sua primeira confecção, caseira, em que as fotos eram pagas pelos visitantes ou assessores até se conquistar a versão editada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Sabe-se que em cada gestão pública, muitas autorizações se modificam. Registro aqui a importância que este material tem para a saúde mental de todas as crianças atendidas por este Programa.

É muito importante enfatizar o quanto esses detalhes e atividades que somaram à vida dessas pessoas, representam um marco em minha vida profissional. Transformaram conceitos e trouxeram a certeza de que aquelas vivências foram, sem dúvida, fundamentais para a vida de muitas famílias.



Sonho que se inicia

Queila de Oliveira Vieira foi visitadora
do PIM de Sagrada Família de 2005 a 2009.

Conheci o PIM no ano de 2005, exatamente no mês de junho. Sagrada Família, um município que sempre se preocupou com o bem estar de seu povo, aderiu a esta política com um pequeno grupo de visitadores. Começamos a estudar o que era o PIM e como seria implementado em nosso município. Nos apaixonamos por este sonho que, juntamente com as famílias, foi se tornando realidade. No dia 5 de dezembro do mesmo ano, iniciamos os cadastros e visitas, quando mostramos e apresentamos o PIM para a comunidade sagradense.

Lembro-me da primeira vez que fechei aquela linda sacola azul do PIM com pezinhos cor de rosa e, dentro dela, muita criatividade e expectativas de como seria essa jornada. Durante 4 anos, trabalhei com o Primeira Infância Melhor. Estes anos me trouxeram, como visitadora, experiências que carreguei a vida toda. Me orgulho de ter feito parte desse sonho que se tornou realidade e que fez a diferença de muitas famílias e crianças.

Hoje, ao olhar para trás, percebo que as famílias por mim atendidas desenvolveram outra visão sobre a forma de educar os filhos. Hoje, são jovens com uma enorme capacidade de aprendizagem e vão fazer, de seu futuro, uma bela história de muitas vitórias e conquistas. E posso dizer que cada minuto dedicado a essa política maravilhosa valeu muito a pena porque aprendi que “tudo que se faz hoje pelo seu filho hoje, vale por toda vida”.

Experiência gratificante

Sandra Teresa Ardenghy foi visitadora
do PIM de Sagrada Família de 2005 a 2009.

No período entre 2005 e 2009, no município de Sagrada Família, realizei um sonho: meu primeiro emprego, no PIM. Através da formação inicial para visitantes, fui descobrindo com muito entusiasmo a importância desta política ainda que um pouco insegura por ter nas mãos uma enorme responsabilidade.

Após fazer o cadastro das crianças, foram desenvolvidas atividades de acordo com suas necessidades. No início, foi difícil até a família entender e aceitar a atividade que o visitante propunha, muitas vezes o percebendo como um professor que ia de casa em casa para ensinar as crianças.

Era difícil realizar os três momentos da visita (acolhimento inicial, desenvolvimento e encerramento). Algumas mães ou cuidadores queriam aproveitar a presença da visitadora para fazer seus trabalhos domésticos. Aos poucos, isso foi mudando.

Após a visita, eu deixava a atividade para ajudar a criança a superar as dificuldades e ela era desenvolvida pela família ao longo da semana. Tanto o cuidador quanto a criança demonstravam entusiasmo nas atividades e sempre esperavam um elogio pelo progresso. Era muito gratificante, pois a criança esperava ansiosa pela próxima visita, as que completavam 6 anos não perdiam as atividades grupais.

Teve uma mãe que me relatou a sua observação nas suas duas filhas. Ela referiu que uma filha não teve o acompanhamento do PIM e a outra que foi acompanhada tinha mais facilidade em aprender era mais desinibida.

Hoje, trabalho como educadora de alimentação na Escola Estadual Olímpio Vilarinho em Sagrada Família e continuo a ter contato com algumas jovens que visitei. Me sinto agradecida em fazer parte da transformação dessas crianças e ver a diferença que o PIM fez em suas vidas.



Quando me dão a mão

Marilene Pacheco da Silva foi estagiária/visitadora do PIM de Santo Antônio da Patrulha entre 2012 e 2014.

Meu nome é Marilene Pacheco da Silva, tenho 27 anos de idade e sou graduada em Letras. Fui estagiária do PIM de Santo Antônio da Patrulha entre 2012 e 2014, exercendo a função de visitadora na Comunidade da COHAB.

Antes de chegar ao PIM, nunca havia trabalhado com crianças tão pequenas, nem com gestantes. O receio, algumas vezes, gritou alto e sacudi meu coração, porém, a partir do momento em que conheci as famílias que atenderia, a emoção explodiu de tal forma que tudo em volta dissipou-se. Com o passar do tempo, minha percepção de mundo foi evoluindo e eu fui descobrindo novas cores, tonalidades que, pra mim, até aquele momento, não conseguia reconhecer nesta grande aquarela chamada vida.

O PIM me proporcionou descobrir um pouco mais de quem eu realmente era, trouxe-me novos sonhos, novos desejos e novas metas. Entendi que não é possível mudar o mundo, mas quando a mudança inicia dentro de nós mesmos, transformamos o que está à nossa volta. Transformar ao meu redor é o primeiro passo para mudar aquilo que parece mais distante.

Apreendi muitas coisas, entre elas, o respeito às diferenças: diferenças de opinião, de cultura, de vivenciar as coisas. Apreendi que cada indivíduo é único por trazer suas agruras, suas fragilidades e seus motivos para sorrir. Deparei-me com diversas situações que me fizeram refletir sobre o meu papel na transformação da sociedade. Uma das maiores lições que levarei do PIM é a necessidade que os seres humanos têm de conviver, de socializar-se. Através da modalidade grupal, pude reconhecer que cada criança tem seu tempo, seu jeito, sua maneira de aprender.

Enquanto visitadora, pude relacionar-me com diversos profissionais: psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, professores, estudantes das áreas da saúde e da educação e agregar mais conhecimento e consciência a minha formação acadêmica. Enquanto professora, poderei ter um olhar mais crítico em relação ao comportamento e/ou aprendizado de uma criança e não apenas aquele acusador que não pondera nada. Essa rede de atendimento que o PIM proporciona é essencial para a boa formação de qualquer profissional. E foi através dessa rede que minha missão dentro do programa foi transformada.

Quando eu já estava habituada a essa realidade, diversa à que eu estava acostumada, o destino trouxe-me a criança A.G. Por intermédio da Agente Comunitária de Saúde, cheguei a essa família. A profissional já havia me passado alguns detalhes sobre a mãe, o pai, algumas dificuldades que a criança possivelmente apresentava.

Quando cheguei à casa, encontrei uma mãe de braços abertos e sorriso alegre segurando uma criança linda, de sete meses. A.A.G. era uma "boneca": cabelos negros, olhos de jabuticaba, rostinho perfeito, mas chorava muito, muito mesmo. Segundo relatos da mãe, alguns vizinhos chegaram a acionar o Conselho Tutelar por deduzir (erroneamente) que ela maltratava a menina. No entanto, eu a via como uma criança frágil e que tinha algo que a incomodava muito, talvez uma dor, um mal estar, um desconforto, enfim, alguma coisa não ia bem o que justificava o choro compulsivo.

Durante o preenchimento da ficha cadastral, fui colhendo dados que, posteriormente, me ajudassem na escolha das atividades a serem levadas para os atendimentos. Porém, na avaliação inicial, percebi que a menina não realizava as atividades propostas para sua faixa etária, ela não interagia com o que estava à sua volta. Naquela tarde, fui para casa com a cabeça cheia de ideias e os olhos cheios de lágrimas. Só no que eu pensava durante o trajeto era numa forma de "recuperar" o brilho daquela criança. Ela precisava de quê? Mais carinho? Mais atenção? Mais estímulo? Mais alívio? Eu não sabia direito o que pensar nem como agir na semana seguinte.

No dia do meu planejamento semanal das modalidades de atenção, deixei o cronograma da A.G. por último, para ir pensando enquanto fazia os demais, mas nenhuma ideia me vinha à cabeça. Lia e relia os indicadores de sua faixa etária e me depara apenas com negativas: a bebê não realizava quase nada.

Então, durante o planejamento de uma visita de um recém-nascido, tive a ideia de utilizar os mesmos materiais de um "teste": levei um chocalho bem colorido para testar seus sentidos de visão e de audição. Na próxima segunda-feira, parti para a casa da A.G.

Quando cheguei lá, a mãe não estava em casa, apenas o pai. Achei oportuno realizar o atendimento para conhecer o pai e entender como era o relacionamento dele com a filha. Encontrei um pai dedicado e extremamente carinhoso com a menina, participativo, acolhedor, receptivo e confiante na ajuda que, a partir daquele momento, receberia do PIM.

A.G. estava dormindo quando cheguei, então, aproveitei para conversar um pouquinho com o pai. Alguns minutos depois, a menina acordou. A realização da atividade foi um sucesso. Ela respondeu bem aos estímulos esperados pelo chocalho e pude perceber que sua visão e audição fluíam bem. O grãozinho estava plantado, agora restava apenas regar as sementes. No entanto, os atendimentos não foram muito longe. Logo em seguida, a menina precisou ser hospitalizada e foram cinco longos meses de internação. Os atendimentos começaram a ser quinzenais e configuravam-se, neste período, como uma conversa com quem estivesse em casa, ora o pai, ora a mãe.

Após um tempo, A.G. regressou ao lar. Foi aquela festa! Balões multicoloridos, visitas, presentes, bonecas, bolo e tudo mais. Começava ali uma luta diária pela vida. O diagnóstico médico era de microcefalia e paralisia cerebral. Até então, não tinha ouvido falar sobre microcefalia e passei a estudar o tema. Comecei a ler artigos, pesquisar em sites, ler experiências de outras famílias, procurar atividades que pudessem auxiliar A.G. a ter uma qualidade de vida melhor, afinal, não é essa uma das missões do PIM?

Apreendi muitas coisas sobre esse universo brilhante das crianças com deficiência. Apreendi que, apesar de algumas limitações, é possível, sim, desconstruir os caminhos preestabelecidos pela sociedade e ser protagonista de sua própria vida. Compreendi que com estímulo e determinação, as portas destrancam suas chaves com mais facilidade e um novo horizonte pode ser observado. Aí entra uma personagem fundamental durante toda essa jornada iniciada por mim em relação à A. G.: J., a mãe da menina.

Neste momento, meus olhos se enchem de lágrimas e as palavras me fogem. Não sei de que maneira descrever essa mulher. Guerreira? Fonte de esperança? Dedicção? Amor? Carinho? São tantas as possibilidades e, ao mesmo tempo, nenhuma é suficiente para descrevê-la. A mãe é uma mistura de tudo isso e mais alguma coisa. Passamos a nos inspirar uma na outra. Eu era a "resposta" de que ela precisava algumas vezes e ela era minha inspiração.

Lembro-me que na primeira vez que estive com a A.G. após a internação, saí da casa muito confusa e receosa, afinal, tenho uma história muito parecida. Venho de uma família pequena, mas muito unida em prol de uma pessoa com deficiência. Minha irmã também teve paralisia quando nasceu e isso comprometeu muito seu desenvolvimento. Com isso, meus medos ficaram à flor da pele. Pensei muitas vezes em desistir dos atendimentos, delegar as visitas a outra visitadora, pedir para trocar de comunidade. Cheguei a conversar sobre isso com a psicóloga e esta me deixou completamente à vontade para tal decisão. Mas aí, num diálogo comigo mesma, ponderei: será que o fato dessa criança ter "caído nos meus braços" não é uma prova pela qual tenho de passar? Sempre estive ali, ao lado da minha mãe, cuidando da minha irmã, amparando, estimulando. Pensei que talvez esse fosse o meu maior desafio: não deixar que as minhas experiências pessoais me impedissem de dar o meu melhor na minha profissão. Resolvi tentar uma semana, e na semana seguinte tentava por mais uma, e por mais uma, e assim foi por durante doze meses.

Ao longo dos atendimentos, senti a necessidade de criar um vínculo que me auxiliasse na hora de acompanhar a evolução da A.G. Percebi que com uma criança sem deficiência geralmente não há muita dificuldade, porém, quando se trata de uma com algum tipo de necessidade, qualquer evolução que possa apresentar é relevante e precisa ser registrada no Sistema de Informação do PIM (SisPIM).



Então, criei um diário de visitas no qual anotava todas as semanas a atividade proposta, se consegui realizá-la ou não e quais resposta obtive. Após os terceiro mês, observei que a A.G. havia conseguido pequenos avanços nas áreas motoras e cognitivas, mas que, para ela, representavam algo gigantesco: escutar um chocalho, reconhecer a voz da mãe, distinguir quem é o papai, quem é a mamãe, quem é a visitadora, como é sua casa, tocar um pedaço de tecido, saber a diferença entre uma pedra e um algodão... Tudo isso parece tão simples, tão banal, né? Mas não. Para uma criança na situação que a A.G. vive, é o que pode fazer toda diferença.

Outro ponto que procurei explorar durante essa minha experiência com a menina foi a socioafetividade. Durante uma visita do GTM à casa da A.G., a minha supervisora orientou-me a explorar bastante esse lado por perceber que a maior parte da comunicação da menina dava-se pela visão. Ela era capaz de reconhecer quem estava à sua frente. Então, procurei seguir esse conselho (e tantos outros) nos meus atendimentos.

Ressalto também que trabalhávamos em equipe, quando o assunto era a A.G. Tiveram momentos em que chegaram à casa, ao mesmo tempo, a Agente Comunitária de Saúde, o fisioterapeuta, a enfermeira do posto de saúde e eu. Isso se repetiu por diversas e diversas vezes. Trocávamos informações, compartilhávamos sua evolução como os avanços motores dela com as sessões de fisio e se as vacinas estavam em dia. Era um trabalho muito gratificante porque sabíamos que todos estavam conectados por uma única linha: a A.G.

Toda essa experiência me transformou. Eu era uma quando ingressei no PIM e saí de lá outra. Não há como avaliar o que passa pela cabeça de uma pessoa quando ela transpõe a barreira da porta de uma casa - o lugar mais sagrado de uma família - para levar um pouco de informação, de carinho, de estímulo às crianças. A troca de conhecimento é recíproca. Há um poema do Paulo Leminski que diz assim:

meus amigos
quando me dão a mão
sempre deixam outra coisa
presença
olhar
lembrança
calor
meus amigos
quando me dão
deixam na minha
a sua mão.

E é exatamente isso que acontece quando somos recebidos pela primeira vez numa casa enquanto visitantes do PIM e saímos dela com a sensação de ter criado novos laços. E não afirmo isso apenas em relação à família da A.G., mas em relação a todas as famílias que se propuseram a me receber.

Foram muitos sorrisos, muitas gargalhadas, momentos de descontração, algumas tristezas também, encontros, despedidas... Isso tudo me fortaleceu enquanto ser humano, enquanto futura professora, futura mãe. Até meu relacionamento com a minha mãe foi transformado. Quando uma mãe abre a porta de sua sala para nos receber, ela está abrindo também sua disponibilidade de tempo, seu sorriso, sua confiança. Nós não somos vistas apenas como aquela moça ou aquele moço que brinca com o seu filho todas as semanas, mas como alguém capaz de orientar diante de uma dúvida, de acalantar uma mãe de primeira viagem, de apoiar um bebê em seus primeiros passos, de ajudar uma criança a reconhecer as cores. Nós, visitantes, somos um pouco professores, um pouco psicólogos, um pouco médicos: não fazemos bem apenas a uma criança, mas a uma família inteira.

Experiência única

Franciele Costa Leite Vargas foi visitadora e família atendida no PIM de São Lourenço do Sul e de Turuçu.

No dia 26 de agosto de 2011, conheci e cadastrei a criança C. Cheguei na sua casa pela manhã, juntamente com a agente de saúde Adriana. A família recém havia chegado do hospital de Pelotas, pois C. teve que ficar hospitalizada para fins de exames. Ela foi diagnosticada com Síndrome de Down e a partir desse dia começamos um grande desafio.

A mãe e o pai cuidavam muito bem dela, mas com algumas dificuldades. A mãe fazia uso de muitos medicamentos e o pai tinha uma idade mais avançada e fazia uso de álcool. Conversando com a minha coordenação (monitora e coordenadora) chegamos a um acordo de atender a C. três vezes por semana, para o melhor estímulo dela e assim foi feito.

Os atendimentos eram uma mistura de diversão com seriedade e comprometimento e a mãe adorava a confecção dos brinquedos. Os profissionais da rede estavam todos empenhados no caso da C., a APAE, o posto de saúde do bairro, a agente de saúde, a fisioterapeuta, entre outros.

Para dar suporte à família, estávamos sempre junto nas consultas e acompanhando os exames, tanto eu como a agente de saúde. Dessa forma, eu adquiria mais experiência e segurança nos atendimentos e na estimulação da criança.

Quando C. completou um ano e dois meses, foi internada no Hospital Santo Antônio de Porto Alegre. Ela ficou um mês em observação se preparando para uma cirurgia no coração, foi um mês de angústia e emoção. Os profissionais da saúde de São Lourenço do Sul organizaram uma escala para ajudar a mãe a cuidar da filha neste período, entre eles eu estava. Foi uma experiência única em minha vida, foi muito válido e satisfatório, pois todo cuidado teve um resultado ótimo. A cirurgia foi um sucesso.

Após a alta da menina, aguardamos a sua recuperação para continuarmos a realizar os atendimentos na casa. A mãe sempre me esperava com sorriso e era dedicada, apesar das limitações e dificuldades. Mostrava-se empenhada na confecção de brinquedos e estimulava a filha, fazendo uma festa a cada conquista da C.

Quando estava tudo indo bem, o pai da menina faleceu tragicamente. A rede se mobilizou novamente para os cuidados da mãe neste momento tão difícil. Após um tempo, tudo ficou bem e continuamos realizando os atendimentos e estimulando a C. A cada semana que passava era uma alegria com o avanço dela.

Posteriormente, eu tive a oportunidade de trabalhar no município de Turuçu como professora. A família foi transferida para outra visitadora e a menina foi atendida pelo PIM até os seis anos. Hoje, ela está na escola de Educação Infantil. Eu trabalhei na cidade de Turuçu durante um ano e engravidei. Tive uma gestação de risco, tendo complicações como pré-eclâmpsia e deslocamento de placenta. Comecei a ser acompanhada pelo PIM e, de visitadora, passei a ser família atendida. Eu aceitei com muito orgulho e, assim, fui acompanhada pela visitadora Cheila, que atendeu a minha filha até os seis meses. Mesmo conhecendo e sabendo da metodologia do PIM, foi muito produtivo participar como família atendida. Aprendi mais ainda e foi uma experiência ótima.

Após um tempo, tive mais uma oportunidade de voltar a trabalhar no PIM. Hoje, estou há mais ou menos 8 anos entre idas e vindas, com muitas experiências e desafios, mas com muito orgulho e satisfação. Tudo que ocorreu foi muito importante e jamais será esquecido.

O visitador do PIM

Nilo Edenilson Liessem Jacinto é visitador do PIM de Teutônia.

Comecei minha trajetória no PIM em 2008, quando participei da primeira seleção para visitantes aqui do município. Desde então, continuo na função de visitador e posso dizer com convicção que sou um profissional apaixonado pela profissão que tenho e que realizo com amor.

O visitador do PIM é o profissional capacitado em desenvolvimento infantil que é responsável por realizar a visita domiciliar semanalmente junto às famílias com crianças e gestantes em situação de vulnerabilidade social. Planejar atividades lúdicas específicas, tendo um olhar individual voltado para cada família e, assim, estimulá-las para que desenvolvam as atividades planejadas é uma das principais funções do visitador do PIM.

Ser comprometido, ético, criativo, dinâmico, responsável, sensível, amoroso, acolhedor, crítico quando necessário bem como despir-se de qualquer preconceito e julgamento são requisitos essenciais para ser e atuar como visitador. Trabalhamos com diferentes famílias, culturas, composições familiares e diversas realidades que devem ser vistas em sua peculiaridade e respeitadas acima de tudo, pois um dos objetivos do PIM é respeitar a cultura de cada grupo familiar.

Durante essa longa caminhada como visitador do PIM, muitas situações foram vivenciadas, algumas boas, outras nem tanto, mas todas serviram de exemplo para que eu me tornasse um ser humano, um profissional melhor, mais preparado para lidar com as adversidades do cotidiano.

Entramos em uma família para orientar, auxiliar, estimular, ouvir, cobrar quando necessário, chorar junto, vibrar a cada conquista. Diante das famílias, não somos apenas visitantes, somos assistentes sociais quando facilitamos o empoderamento das famílias para que busquem seus direitos; somos professores quando auxiliamos uma família a realizar uma atividade lúdica com seus filhos mostrando sua importância para o desenvolvimento integral deles; somos médicos quando ensinamos uma família a olhar a tabela de vacinação dos seus filhos, orientando-as sobre cada vacina e sua importância para a saúde da criança; somos enfermeiros quando ensinamos uma mãe a aferir a temperatura do filho quando o mesmo está com febre; somos psicólogos quando ouvimos as dificuldades encontradas por cada família, quando ouvimos os desabafos de uma mãe que apanha do companheiro, de uma mãe que sofre calada por diversos motivos e que às vezes só tem no visitador a confiança para expor seus problemas.

Muitas vezes, o visitador é o único profissional que visita a família e que está disposto a ouvi-la, e, quando isso acontece, às vezes, choramos juntos, não só nas situações difíceis, mas também nos momentos felizes, nas conquistas que alcançamos.

Entramos como profissionais nas famílias, porém saímos fazendo parte das mesmas e é muito compensador depois de anos encontrar uma das crianças atendidas e receber da mesma um beijo e ouvir: "Nilo, como tenho saudades de quando você me visitava, contava história para mim e me dava colo até eu pegar no sono!"



A força do acreditar

Fernanda Freitas é
monitora/supervisora do PIM de Viamão.

Em outubro de 2013, foi feita a primeira formação inicial do PIM em Viamão. Lembro como se fosse hoje, pois estava muito ansiosa por não saber exatamente do que se tratava, o Primeira Infância Melhor. Estava no quarto semestre da faculdade de Pedagogia e havia pedido demissão de um trabalho. Meu primeiro contato com o PIM foi através de um folder no mural de estágios da faculdade que anunciava a oportunidade de atuar com crianças em situação de vulnerabilidade social através de visitas domiciliares semanais. Mandei meu currículo, pois vi ali minha oportunidade de trabalhar com crianças sem estar limitada ao espaço da sala de aula.

Estava ali, sentada na primeira fila, esperando o primeiro dia da formação inicial, ansiosa e preocupada por não saber se conseguiria dar conta. Já havia pesquisado sobre o PIM e sobre como seria o estágio. Começaram as apresentações e, então, chamaram para a aula inaugural o médico e ex-Secretário Estadual da Saúde, o atual Deputado Osmar Terra, que subiu no palco e fez sua palestra sobre desenvolvimento cerebral infantil. Não lembro quanto tempo foi, mas foi o suficiente para me apaixonar pelo tema. Lembro como se fosse hoje das palavras dele dizendo que o desafio não era fácil, mas que, se aceitássemos aquele desafio, isso mudaria o rumo da nossa vida e de muita gente também.

Saí daquele primeiro dia encantada com as palavras dele, apaixonada pela primeira infância. Foram longos, gratificantes, cansativos e educativos quinze dias de formação inicial distribuídos em 8 horas por dia durante duas semanas. De uma turma de quase 40 pessoas, apenas 18 conseguiram concluir a formação e aptas para se tornar Visitadores do PIM. No dia 9 de dezembro, nove Visitadoras iniciaram as visitas na região da Augusta Meneghine, em Viamão. Um misto de alegria, medo, ansiedade, nervosismo, tudo junto!

Saímos e fomos conhecer o território junto com as Agentes Comunitárias de Saúde do município. Com o passar do tempo, o grupo foi adquirindo confiança e começou a captação de famílias para atendimento. Lembro-me dos primeiros atendimentos, das primeiras barreiras sociais do caminho, do impacto da diferença entre a cultura e a realidade social, minha e das famílias que eu atendia semanalmente. Não compreendia como as famílias passavam para as novas gerações, os mesmos problemas que já vivenciavam há muitos anos. Isso me angustiava. Mas, a partir das reuniões semanais de equipe, nas sextas-feiras, das trocas com os colegas, Monitoras, GTM e das formações, comecei a compreender e entender diferenças sociais e familiares e, assim, iniciava o apoio necessário às famílias e crianças.

Com o passar do tempo, fui aprendendo mais, o PIM foi crescendo, a equipe foi aumentando e tornou-se referência no Estado pelo bom nível de atendimentos dos visitadores. Fiquei um ano como Visitadora e formei-me como Pedagoga. Nesse tempo, abriu uma vaga para Monitora do PIM, me inscrevi, passei no processo e hoje faço parte do grupo de Monitoras.

A partir daí, os processos de aprendizagem cresceram bastante. Fiz a formação inicial para Grupos Técnicos Municipais e Monitores ofertada pelo Grupo Técnico Estadual, sendo que esta oportunidade me mostrou o outro lado do PIM, o da gestão, na qual não conhecia. Nas formações, fóruns e debates que participava, pude contribuir com meu olhar e experiência de Monitora e Visitadora.

Em setembro de 2017, o então Ministro do Desenvolvimento Social, Osmar Terra, visitou novamente o município de Viamão para ver como estava nosso trabalho e dar o pontapé inicial ao Programa Criança Feliz. Eu pude, então, agradecer pessoalmente a ele por ter despertado em mim o interesse em trabalhar com os desafios da primeira infância, em acreditar num futuro melhor para nossas crianças, em saber que um abraço, um beijo de uma mãe, pai ou cuidador valem mais que mil palavras para uma criança, que o afeto deve ser estimulado desde a gestação.



Cuidar da infância: cuidar em liberdade.

Sandra Correia relata caso acompanhado no
Presídio Feminino Madre Pelletier, em Porto Alegre.

O Programa Primeira Infância Melhor, carinhosamente chamado PIM, completa 15 anos em 2018. A convite da equipe que desenvolve as oficinas junto às gestantes e mães com bebês na Unidade Materno-infantil (UMI) do Presídio Feminino Madre Pelletier, em Porto Alegre/RS, em nome da equipe técnica desta Unidade eu gostaria de compartilhar uma experiência recente, assim fornecendo um exemplo aos leitores sobre como se desenvolve o trabalho em parceria com o Programa, o chamado "PIM Prisional". Aproveitamos estas linhas para esclarecer que, durante os três anos que acompanho o trabalho das oficinas, sempre tive uma grande relutância em utilizar esta denominação, porque a parceria que estabelecemos com o PIM está respaldada pelo trabalho junto às redes de atenção dos diferentes territórios. A nossa intervenção tem no seu horizonte o cuidado em liberdade não havendo, portanto, qualquer razão para que se diferencie a atenção prestada a estas mulheres e seus filhos daquela prestada no seu território de origem. Entendemos, inclusive, como tarefa dos profissionais que atuam junto às equipes dos territórios a desnaturalização das idéias vigentes sobre as pessoas privadas de liberdade e a percepção da função essencialmente seletiva da prisão na sociedade. Quando reconhecemos um "PIM Prisional", reforçamos esta distinção entre a prisão e a "sociedade livre", entre "eles" e "nós".

Dito isso, gostaria de compartilhar uma experiência vivenciada nas oficinas junto às gestantes e mães com bebês na Unidade Materno-Infantil (UMI) do Presídio Feminino Madre Pelletier, em Porto Alegre/RS. Este é um caso de não muito tempo, acompanhado pelas equipes da UMI e do PIM. T., de 37 anos, ingressou na UMI gestante de primeiro trimestre, com condenação a cumprir e muito desmotivada para se autocuidar, até o ponto da equipe ter dúvidas se ela teria condições emocionais para se manter com o filho na prisão. Os vínculos familiares se fragilizaram em meio à vida na rua. T. pariu L, que com ela permaneceu até o limite de um ano, sendo acompanhada pela equipe da UMI e pelas oficinas do PIM.

Durante o seu tempo de permanência na UMI, trabalhamos no sentido de fortalecimento dos vínculos familiares de T. Além de L., T. tem outros sete filhos - entre crianças e adolescentes - estando cinco deles aos cuidados da avó materna, que é um apoio fundamental para estas crianças. Os agravos em saúde, além de dificuldades financeiras da avó materna, fizeram com que o processo adaptativo de L. fosse interrompido, apesar do evidente estabelecimento de vínculos amorosos do bebê com os membros da família extensa.

Diante deste, foi proposta a discussão do caso com a equipe do PIM que vinha acompanhando contexto T. e L., com representantes da rede local do município: Secretaria de Educação, Secretaria de Saúde, Centro de Referência em Assistência Social e, especialmente, a visitadora que daria continuidade ao acompanhamento das crianças.

O maior desafio tem sido trabalhar com o sistema de justiça, já que o debate com este é uma batalha que se trava no campo discursivo, onde estratégias se fazem necessárias, especialmente, quanto à criatividade e potencialidade dos atores deste processo. Por determinação do juiz, T. pode sair da prisão com seu filho ao colo, ainda que com uma tornazeleira na perna: "Pode me botar até no pescoço"! Ela dizia quando lamentava as misérias que sentia ter imposto à família com o aprisionamento.

A rede persiste. Os visitantes persistirão? T. conseguirá conviver com a liberdade vigiada? Seguirá seu planejamento familiar? Buscará atendimento psicossocial? Não há respostas, pois trata-se de um trabalho sempre em construção.

Como falar pouco do PIM?

E. foi acompanhada pelo PIM de Santo Antônio da Patrulha desde quatro meses de idade até completar seis anos.

O PIM acompanhou a E. desde seus quatro meses até seus seis anos de idade. As duas visitadoras que acompanharam E. eram dedicadas com a criança e sua família. Nunca tiveram preconceitos quanto a Síndrome de Down e obtivemos excelentes resultados no desenvolvimento da menina.

E. ainda brinca de algumas atividades que as visitadoras do PIM planejavam para a ela: joga amarelinha, desenha, faz bolinhas de papel, pula, salta, corre, enfim. Outra atividade importante, que ajudou na aprendizagem escolar, foi estimular a sua motricidade fina. Hoje, a E. tem facilidade de abrir zíper e abotoar sua própria roupa, pegar bem o lápis pra escrever e recortar porque foi estimulada desde pequena. A família da criança continua ajudando-a a superar algumas dificuldades de aprendizagem na escola que vão surgindo no decorrer do tempo.

Atualmente, E. encontra-se bem. Sua família continua sendo atenciosa e cuidadosa com ela. E. é uma menina que tem sua própria autonomia: veste-se sozinha, toma seu banho, vai à escola e volta sozinha, acorda, faz sua própria higiene, organiza a mesa, toma seu café. Adora lavar louça, varrer a casa e arrumar os móveis do lugar para ficar tudo limpinho. E. conversa e articula frases muito bem. Acompanha os pais nos lugares, é comportada, porém não gosta muito de festas.

Durante as primeiras visitas do PIM, a família começou a perceber a importância da estimulação desde os primeiros anos da criança. A família recorda que, naquela época, parecia que eles estavam no escuro. Com a chegada do PIM, a mãe refere que a sensação foi de que alguém veio, deu a mão e mostrou a luz.

A família reconhece o empenho e dedicação das visitadoras que iam todas as semanas orientar a família para o desenvolvimento de E.. Segundo a mãe, as visitadoras sempre apresentavam métodos inovadores a cada semana preparando o amanhã da E., assim como, de outras crianças. A mãe ressalta ainda que os seus familiares pensavam que a criança iria aprender as coisas pela própria natureza. Para sua surpresa, isto era um mito, pois, com o acompanhamento do PIM, começou a perceber que E. precisava da ajuda de sua família e isso fez grande diferença em suas vidas após o nascimento da menina.

Somando esforços

Fabiula Thaís Freese foi residente do PIM.

O PIM foi uma experiência marcante desde o início da residência pelo acolhimento recebido e energia fantástica observada entre a equipe. Trabalhar com a primeira infância e entender o desenvolvimento infantil através de um programa de grande eficiência e metodologia simples utilizada no atendimento às famílias, reafirma o sucesso e reconhecimento do PIM em nível internacional.

A primeira infância carece de ações das políticas públicas, de efetividade no atendimento integral, priorizando aquilo que passa despercebido aos olhos de muitos. Os primeiros anos de vida carregam consigo a simplicidade, a inocência, a pureza e, ao mesmo tempo, a certeza de seres humanos cheios de afeto e capacidades, muito mais potentes quando estimulados desde cedo. Investir na família, na infância e na construção de vínculos saudáveis, reforça a certeza de um futuro mais justo e promissor.

O PIM tem, em sua constituição, a intersetorialidade, tão importante no trabalho com famílias, pois é um programa que percebe que o todo é constituído de partes e que ninguém faz nada só. É um programa que abre as portas para novos parceiros e aceita desafios sempre pensando em somar esforços à causa da primeira infância. É um programa constituído de afeto, de amizades, histórias, união e muita garra e entende que cada degrau deve ser alcançado de cada vez. Tenho orgulho de ter feito parte do PIM enquanto residente e carrego esse programa na minha fala cotidiana e no meu coração.



Experiências e desafios desde 2003

Maria da Graça Paiva foi coordenadora do PIM/PIA e atualmente é coordenadora estadual do Programa Criança Feliz.

A história da minha vida do final de 2003 pra cá tem muito a ver com a história do Programa Primeira Infância Melhor.

Como consultora da Unesco, fui capacitada junto com toda a equipe técnica Grupo Técnico Estadual (GTE), na proposta da política cubana Educa Tu Hijo. Dali, eu começo a entender o que é uma política pública de larga escala para primeira infância.

Meu primeiro sentimento foi de estranhamento. Os materiais do PIM na época só retratavam bebês loiros, de olhos azuis, mães bem loiras saudáveis e eu me questionava: mas, afinal, uma política pública à primeira infância para crianças em situação de vulnerabilidade, ela tem que atingir outros públicos? E nesse questionamento, à medida que o nosso trabalho avançava, os materiais do PIM foram incluindo essa diversidade.

Em 2006, o segundo marco para minha história e a do programa: fui convidada junto de outros profissionais e convidei antropólogos e sociólogos para pensar as comunidades tradicionais e como essa política pública poderia atingir este público, sabendo da necessidade de repensar essa política, com foco na diversidade e o respeito às culturas tradicionais, especialmente quilombolas e indígenas. As capacitações passaram a integrar, também, visitantes Caingangues e quilombolas, respeitando o brincar, respeitando o lúdico que essas culturas tradicionais trazem para as suas crianças.

Um outro marco importante na minha vida com esta política foi entre 2014 e 2016. Eu, então secretária municipal adjunta de Educação de Porto Alegre, fui convidada para assumir a coordenação do que chamamos Programa Primeira Infância Melhor Porto Infância Alegre (PIM/PIA).

Eu vivenciei outra experiência: de pôr o tênis e pisar nos bairros de conglomerados humanos da cidade de Porto Alegre - Restinga, Cruzeiro, Mário Quintana e Ilhas -, comparando os desafios entre trabalhar o PIM no interior do estado e trabalhar o PIM na realidade urbana com todos os desafios de toque de recolher, de violência, etc.

Finalmente, hoje, como estou diretora do Departamento de Direitos Humanos e, desde 2017, assumi o desafio de ser a coordenadora estadual do Programa Criança Feliz, buscando alinhar e integrar duas grandes políticas públicas.

No Rio Grande do Sul, a contribuição com toda experiência de 15 anos do PIM tem ajudado muito a fortalecer não só o próprio PIM na sua expansão, mas principalmente no diálogo, na integração, na complementaridade com uma outra política que é a política do Programa Criança Feliz.

Então, trabalhar nessas duas políticas públicas, sócio educativas, preventivas, de atendimento domiciliar é o meu novo desafio e já vi que minha história com essas políticas não terminou e não vai terminar tão cedo. Levo pra mim toda essa experiência rica que me fez crescer muito.

Muito obrigada!



**Parceiros
& Especialistas**



Sonhos e realidades

Miriam Díaz González, do programa Educa a tu Hijo do Centro de Referência Latinoamericana para la Educación Preescolar (Celep-Cuba), foi responsável por dar apoio à implantação do PIM no Rio Grande do Sul.

Não haviam chegado os anos 2000 quando eu iniciava os estudos para o mestrado em Educação para a Primeira Infância. Como parte de minha preparação, estudei os currículos de diferentes países. Entre os que selecionei, estava o Brasil, pois sempre me impressionou a beleza singular do gigante das Américas.

Uma análise profunda de suas bases e fundamentos me fizeram conhecer algumas problemáticas existentes no que se referia à atenção educativa de meninos e meninas menores de seis anos e, em particular, os altos índices de mortalidade infantil na maioria dos estados.

A partir desse momento, comecei a sonhar: me perguntava quem poderia ajudar a infância do país que mantém os cubanos e cubanas na frente da televisão antes de cada partida de futebol? Enquanto esse sonho tomava forma e crescia dentro de mim, um grande idealista, médico de formação, político de coração e amante da primeira infância construía seu próprio sonho e se debatia na busca de soluções que ajudariam a diminuir o indicador de mortalidade infantil no Estado do Rio Grande do Sul.

Certo de que o caminho era educação para as famílias, se pôs a conhecer várias experiências, apaixonando-se pelo programa de atenção social “Educa a tu Hijo”, modelo cubano, implantado desde 1992 e caracterizado por ser um programa de grande investimento social e custo reduzido.

Anos mais tarde, meu sonho se tornava realidade. Conheci o gestor e fundador do Programa que nasceu com o nome “Crescendo Juntos” e, mais tarde, foi batizado com o nome “Primeira Infância Melhor”. Esse homem se chama Osmar Terra. Assim, em um navio cheio de esperanças, cheguei em 2002 no Estado do Rio Grande do Sul. Ali, me encontrei com pessoas que ainda guardo no meu coração. Todas muito comprometidas e dispostas a construir um novo modelo baseado na família, com enfoque comunitário e intersetorial que transformaria a vida das famílias gaúchas.

Foi assim que formamos um grupo heterogêneo onde se mesclavam Cuba e Brasil, com um mesmo objetivo: fazer história, alcançar com sucesso pleno o programa social “Primeira Infância Melhor”. Este grupo contou com a coordenação de uma grande especialista, exemplo de consagração e abnegação, de entrega total: Arita Bergmann. Juntas, começamos a construir as bases, com a sensibilização de políticos, radialistas, representantes sociais e famílias.

Hoje, agradeço a ajuda de quem colaborou na adaptação a um contexto e idioma totalmente novos para mim, a todas e a todos que, desde 2002, se uniram para erguer esta sólida estrutura que tem como finalidade a preparação da família gaúcha para que o contexto familiar contribua para a educação das crianças. Deixo meu agradecimento, meu reconhecimento e abraço solidário!

Para mim, o Primeira infância Melhor é a chama, a luz, o farol que ilumina muitos países, pois demonstrou que, em condições similares, é possível lutar por um mundo melhor, que pode transformar a vida das famílias, envolver os políticos e representantes dos mais diversos setores, demonstrar-lhes o valor da educação, o significado que tem a preparação da família para que, desde a concepção, saiba o que fazer nas condições do lar e do trabalho para a realização do desenvolvimento integral das crianças.

Com o passar dos anos, minha paixão, meu amor, meu carinho pelo Primeira Infância Melhor crescem cada vez mais. Tal como uma mãe, aproveito seus triunfos, sinto orgulho de suas conquistas, rezo para que nunca perca sua essência e gostaria de ter a felicidade de ver seus efeitos nos pequenos e pequenas que tiveram a alegria de receber a influência de uma família atendida pelo Primeira Infância Melhor.



A importância do brincar

Daniela Arbex é jornalista e escritora. Ela se disse impressionada ao produzir matéria jornalística sobre o PIM.

Olá amigos!

Eu sou Daniela Arbex, jornalista e escritora, e vim aqui hoje para parabenizar uma iniciativa fundamental para a primeira infância, que são os 15 anos do Programa Primeira Infância Melhor. Eu tive a oportunidade de conhecer o PIM esse ano, durante uma matéria jornalística e fiquei muito impressionada com a compreensão desse programa da importância do brincar, que brincar é coisa séria.

Eu estive numa comunidade quilombola que recebe os visitantes do programa e conheci uma liderança que me impressionou muito pela história de vida dela, porque ela teve uma infância de exploração do trabalho infantil e pouco brincou, mas o que é tão impressionante na história dessa mulher é que quando ela consegue puxar a memória dela, as lembranças afetivas, o que ela lembra dessa infância, foram as poucas vezes em que ela brincou, correu atrás de vaga-lume, em que brincava de bonecas feitas de espiga de milho, e isso me deu a dimensão da importância desse programa, da importância de você investir no potencial da criança, de você entrar em casas cheias de problemas e dificuldades, sem julgamento. Você entrar nesses locais para estimular essa criança a ser uma pessoa melhor, a viver esse lúdico, a ser uma pessoa mais confiante, foi muito bonita essa experiência pra mim.

Foi muito marcante ver o quanto essas crianças esperam esses momentos, que é o momento do brincar, o momento que elas tem uma atenção que é só delas, que é um momento que mães falaram pra mim: "eu nem sabia que eu sabia cantar". Foi muito importante quando a gente entrou na unidade feminina prisional de Porto Alegre e que eu vi que essas crianças são atendidas desde a gestação pelo PIM e elas recebem esse olhar diferenciado, e o quanto essas mulheres estão aprendendo.

Então, fica aqui o meu abraço, o meu reconhecimento por esse trabalho desenvolvido com tanto carinho, tanto zelo, pelos profissionais da área da assistência social, da área da saúde, porque é um programa multidisciplinar, e eu acredito que esse é um dos motivos do sucesso desse trabalho. Fico muito feliz de ter tido a oportunidade de participar, de conhecer melhor o PIM! Parabenizo os trabalhadores do PIM, os idealizadores, as pessoas que dão continuidade a esse projeto, pelos 15 anos dessa política, que é uma política não de governo, mas de Estado, uma política que fica e que vai ficar no coração do Rio Grande do Sul. Parabéns!



Os primeiros 1000 dias

Cesar Victora é professor emérito de
Epidemiologia na Universidade Federal de Pelotas

Eu sou o professor Cesar Victora e trabalho há 40 anos na Universidade Federal de Pelotas estudando a importância dos primeiros 1000 dias sobre a saúde da criança, sobre o desenvolvimento psicomotor e também sobre a saúde dos adultos e das próximas gerações. É com grande prazer que eu quero dar os parabéns à equipe do Primeira Infância Melhor por seus 15 anos de existência, trabalhando em prol do desenvolvimento e da saúde de nossas crianças.

Todas as nossas pesquisas evidenciaram a importância desses primeiros 1000 dias, desde a concepção até o segundo aniversário em termos de criar um adulto mais saudável, mais produtivo, mais inteligente e mesmo de afetar as características da próxima geração de crianças que serão os filhos desses adultos. Eu tenho trabalhado em vários países do mundo, inclusive vários estados do Brasil, agora avaliando o Programa Criança Feliz, e, como gaúcho, eu tenho um grande prazer em ver que o PIM, durante seus 15 anos, está servindo de modelo para programas similares, que estão sendo adotados em diversas partes do país e do mundo.

Então, queria desejar a todos uma feliz continuidade do programa durante os próximos 15, 20 ou 30 anos e que esse exemplo se difunda cada vez mais pra melhorar as condições de vida das crianças de todo o mundo. Muito obrigado!



Uma história do futuro

Cláudio Renato é produtor do programa *Miriam Leitão* da Globonews.

Quando começamos a discutir a produção da série “História do Futuro” para a GloboNews, decidimos mostrar pelo Brasil a fora iniciativas particulares e políticas públicas que se impuseram pela excelência, atravessando governos e administrações diferentes. Assim, ao abordarmos as políticas públicas de saúde, chegamos ao Primeira Infância Melhor, o PIM, mantido pelos governos do Rio Grande do Sul desde 2003. O PIM promove atendimento a famílias, gestantes e crianças principalmente nas áreas mais vulneráveis do estado e ganhou destaque no quarto programa da nossa série, ao lado do Instituto Estadual do Cérebro (IEC) no Rio de Janeiro, conduzido pelo neurocirurgião Paulo Niemeyer.

A jornalista Miriam Leitão, apresentadora e autora do roteiro original da série - o livro homônimo “História do Futuro: O Horizonte do Brasil no século XXI” - já conhecia o PIM. Foi apresentada ao programa pelo então secretário de Saúde do Rio Grande do Sul, na época Osmar Terra, que, posteriormente, tornou-se ministro do Desenvolvimento Social e Agrário. Por sugestão da própria Miriam, procurei o ministro e consegui levá-lo ao nosso programa de estúdio no Rio de Janeiro. Ele nos deu os contatos no Governo do Rio Grande do Sul e escolhemos um lugar para fazer a reportagem: o Quilombo Rincão das Almas, em São Lourenço do Sul, a 200 quilômetros de Porto Alegre.

Escolhemos o PIM Quilombola para conhecermos, na prática, como funcionaria o programa numa comunidade tradicional. Lá, conhecemos a visitadora Franciane Furtado, a Gugu, que atende 13 famílias, com 15 crianças. O que mais nos impressionou no PIM foi o fato de ser uma política pública múltipla e integrada, que estimula a participação dos pais e de outros parentes no cuidado intersetorial (em saúde, educação, nutrição das crianças) e envolve toda a comunidade. O PIM, nas comunidades mais vulneráveis, é também uma porta de acesso a outras políticas de distribuição de renda e de direitos humanos.

Inspirado na metodologia do programa “Educa a Tu Hijo”, implantado há 26 anos pelo Governo de Cuba, o PIM também teve apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância, o Unicef, para implementar suas ações. A secretária de Saúde de São Lourenço do Sul, Arita Bergmann, e a técnica estadual do PIM, Lefícia Boeira, explicaram a Miriam Leitão como a dedicação das visitadoras e a participação da família são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças até os seis anos, o que pudemos comprovar ao visitar uma família atendida pela visitadora Gugu.

Famílias contra inequidades

Leonardo Yáñez é representante senior da Fundação Bernard van Leer.

O PIM é um equalizador de oportunidades. Um Programa que acredita no poder da família para superar as desigualdades. Fornece assistência direta às famílias, promovendo boas práticas de parentalidade positiva e também serve como um instrumento de ligação entre as famílias mais vulneráveis a serviços de apoio do Rio Grande do Sul. O PIM é um modelo que tem sido adaptado a outras regiões do Brasil e vem inspirando soluções para os graves problemas de desigualdade que ainda afetam esta grande nação. Um programa que acredita no poder da família para quebrar as inequidades.

A automatização e modernização da vida urbana levou à perda da fé das famílias em promover o cuidado, afeto e a proteção que requer uma criança durante seus primeiros anos para, assim, ter acesso a boa educação e um lugar digno em sua comunidade e, finalmente, o desenvolvimento de todo o seu potencial. Na realidade, as perdas dessas capacidades andam de mãos dadas com a pobreza e, conseqüentemente, com o estresse tóxico no lar.

Mudando a história

Priscylla Aguiar é coordenadora de Saúde da Criança do Estado do Acre / Coordenadora Estadual do PIA.

A experiência metodológica e os resultados alcançados pelo Programa Infância Melhor - PIM serviram de inspiração ao governo do estado do Acre, para a idealização do programa Primeira Infância Acreana - PIA. A construção desta parceria foi realizada pelas equipes dos programas PIA e PIM, em um processo de diálogo constante, movido pelo compromisso mútuo em promover uma política de valorização do papel da família com vistas à promoção do desenvolvimento integral da primeira infância. A aproximação com o PIM possibilitou o acesso a conhecimentos relevantes sobre primeira infância, fortalecendo, assim, as ações promovidas no estado do Acre, direcionadas para a população de gestantes e crianças menores de 6 anos.

Finalizando e valendo-nos desta oportunidade, registramos nossos agradecimentos ao governo do estado do Rio Grande do Sul e a toda equipe do PIM, pelo apoio e respeito dedicados a nós, pela participação na elaboração do projeto de implantação do PIA, através de assessoria técnica, participação nas formações para equipes técnicas do Acre, visitas à coordenação estadual do PIM e ao município de Viamão/RS.

Um bom encontro

Liliane Penello é coordenadora da
Estratégia Brasileirinhas e Brasileirinhos Saudáveis

Ao nos decidirmos pela formulação de uma estratégia que pudesse colaborar na construção de uma Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança no âmbito do Ministério da Saúde, mas com a ousadia de uma proposição intersetorial e interfederativa como acabou se desenhando a Estratégia Brasileirinhas e Brasileirinhos Saudáveis (EBBS), com início em 2007, compreendemos que precisávamos buscar em território nacional, e também em outros países, programas e políticas públicas já instituídas e inovadoras, preocupadas com as diferentes infâncias, suas necessidades e demandas urgentes a serem atendidas a bem de seu pleno desenvolvimento e do desenvolvimento sustentável do país, ao qual estão vinculados seu presente e seu futuro como cidadãos de direitos.

Nesse caminho, que metodologicamente nomeamos como processo cartográfico, fundamental como balizador do que existia neste campo relacionado às ofertas teóricas, conceituais, operacionais e políticas que sustentavam essa agenda tão especial de cuidado com nossas crianças, suas famílias, seus cuidadores, sua rede de atenção no local onde viviam, onde vivem, encontramos o Primeira Infância Melhor, o PIM.

Um bom encontro, como nos ensina Spinoza, se dá quando há uma combinação, uma afetação recíproca entre partes, em que as forças se somam e acontece um aumento da nossa potência, que é a alegria. Alegria que se traduz em ação. Pois é assim que sentimos o encontro EBBS/PIM.

Nos encontramos nesta proposta inovadora, trabalhando a saúde com todos os seus determinantes ambientais, psíquicos e sociais, com a ênfase em cuidar das crianças brasileiras desde sua primeiríssima infância, compreendendo a importância fundamental deste cuidado para o desenvolvimento pleno, não só delas mas de nosso país. Além disso, a inclusão do cuidado aos pais e cuidadores numa proposta de aproximação coordenada dos equipamentos sociais de um dado município ou localidade, a preocupação em articular os desafios das micro às macropolíticas traduzindo-as em ações efetivas para uma atenção integral são destaques altamente positivos desta iniciativa que aplaudimos.

Tivemos, EBBS e PIM, a oportunidade de compartilhar inúmeras ações neste nosso campo de trabalho, sempre com muito interesse em fazê-las acontecer em ambiente de confiança e alegria, facilitador à vida.

Compromisso com a primeira infância

Gilvani Pereira Grangeiro é assessora Técnica da Coordenação-Geral de Saúde da Criança e Aleitamento Materno/MS.

O meu primeiro contato com o PIM data de 2012, quando comecei a aprofundar os estudos sobre a primeira infância e a estreitar relações com profissionais atuantes em assuntos afetos a este período preponderante para o desenvolvimento integral do ser humano. Assim, ocorreu essa trajetória.

Foram algumas idas ao Rio Grande do Sul para participar de seminários, vivenciar a rotina dessa valiosa experiência e também para fazer palestras e oficinas, autenticando, assim, a sintonia do PIM com as ações delineadas pela Coordenação-Geral de Saúde da Criança e Aleitamento Materno (CGSCAM) do Ministério da Saúde no que concerne à atenção integral à criança brasileira.

Foram também muitas vindas, pois, do PIM, não se bebe só na fonte e, neste sentido, destaco três aspectos: o tempo de experiência, a atuação intersetorial e a disponibilidades em conceder saberes.

Do caminho percorrido, cito os 14 anos de uma política pública estadual que utiliza a visita domiciliar como estratégia de fortalecimento das competências familiares para o cuidado dos filhos com afeto para a promoção do desenvolvimento na primeira infância.

Da intersectorialidade, ressalto a entrega ao país de uma metodologia consolidada e validada, conjugada por ações de saúde, educação e assistência, com vistas à atenção integral e integrada da criança.

Da concessão de conhecimentos, aceno esta como uma característica peculiar do PIM, que tem disponibilizado sua equipe técnica para implantar programas em diversas regiões do Brasil. Esta atitude é comprovada pela cessão, por dois anos, de uma técnica do programa à CGSCAM/MS para contribuir na construção da agenda do desenvolvimento infantil na instância federal, o que culminou com a implantação do Programa Cresça com seu Filho em Fortaleza, Programa São Paulo Carinhosa no município de São Paulo e com a Atenção Nutricional à Desnutrição Infantil e Desenvolvimento da Primeira Infância/ANDI-DPI em seis municípios do estado de São Paulo.

Desse modo, reitero mais uma vez a importância para o país em dispor de uma política pública pioneira no compromisso com a primeira infância e materializada em ação intersectorial de promoção do desenvolvimento infantil, a qual já extrapolou os limites do Rio Grande do Sul e que se dispõe em repassar conhecimentos e encurtar caminho dos que querem começar.

Atravessando o Brasil

Katherine M.M. Benevides é coordenadora estadual de Saúde da Criança do Estado do Amazonas

Às vezes, temos que descrever em palavras algo que estas não conseguem expressar ou mesmo abarcar tamanha e imensurável vivência. Isso acontece quando tenho que falar da importância do PIM para a primeira infância no Amazonas. Fico procurando palavras e elas nunca são suficientes.

Tínhamos grandes desafios, Secretarias de Saúde estadual e municipais, Fundação Amazonas Sustentável (FAS), Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) e Fundação Bernard van Leer (FBVL). O primeiro desafio foi tentar “adaptar” o bem sucedido PIM à realidade amazônica; o segundo, a equipe do PIM atravessar o Brasil para nos apoiar nessa construção e, por vezes, nos guiar nas nossas próprias descobertas durante a criação de um programa para a primeira infância com a cara da região amazônica, utilizando a metodologia do PIM.

E a equipe do PIM iniciou conosco esse desafio. Aos poucos, o Programa foi ouvindo as vozes da floresta, criando cores, misturando letras, tomando forma em um espaço de muita troca e crescimento entre as partes. Dessa parceria, nasceu o Guia de Visitação Domiciliar do Primeira Infância Ribeirinha (PIR), com o objetivo de apoiar o trabalho do Agente Comunitário de Saúde (ACS). Nesse processo de valorização da primeira infância, conseguimos, a muitas mãos, construir e aprovar duas leis estaduais para a primeira infância no Amazonas: a Lei 4.205/2015, que institui o dia e a semana da primeira infância, e a Lei 4.312/2016, que cria o Programa Primeira Infância Amazonense (PIA).

Essa parceria não se encerra com a implantação das leis, mas se fortalece no dia a dia com cada pequena ação realizada, que se reflete na melhoria de vida das crianças e comunidades amazonenses.



Unidos por uma infância melhor

Depoimentos coletados durante o
VI Seminário Internacional da Primeira Infância,
em 2009.



Um programa fundamental

Fraser Mustard, médico canadense, foi um renomado pesquisador do desenvolvimento da primeira infância. *in memoriam*

“O programa Primeira Infância Melhor é extremamente importante para esta parte do Brasil. Em primeiro lugar, se o Brasil puder criar uma primeira infância melhor, poderá melhorar significativamente a qualidade das crianças no sistema escolar, reduzindo o comportamento antissocial e a violência na sociedade brasileira, e produzir uma nova geração para o futuro que será altamente competente e habilitada a trabalhar no mundo moderno.”

Bem-estar para o resto da vida

James Heckman, economista estadunidense, foi ganhador do Prêmio Nobel no ano 2000.



“Falarei sobre as vantagens dos programas relacionados à primeira infância e acredito que eles podem ser resumidos de forma bem simples. Sabemos, através da literatura em neurociências, psicologia e economia, que existe um papel poderoso da família no desenvolvimento das crianças. Sabemos que os anos iniciais em particular são períodos muito importante e sensíveis.

E também sabemos que através de um número de exemplos de programas de recuperação, um número de assistências e um número de outros programas que tivemos sob nossa responsabilidade, que se nós oferecermos uma assistência nos primeiros anos de vida das crianças em situação de vulnerabilidade, poderemos afetar substancialmente a saúde e o bem-estar delas para o resto da vida.

Consequentemente, acredito que devemos tentar observar a estrutura desses programas para tentar entendê-los melhor através de dados e avaliação, mas acho que temos uma base de dados bastante sólida agora sobre como as assistências à primeira infância influenciam a vida das crianças.

Portanto, espero que possamos reunir evidências bastante fortes e que as pessoas nesse grupo continuem avançando e tentando entender as lições poderosas que aprendemos através dessa literatura e dessas evidências. Obrigado.”



A importância do investimento na primeira infância

Victor Guerra era psicólogo e psicanalista uruguaio, pesquisador da relação pais-bebês.
in memoriam

“Bom, sobre o que eu acho do PIM, acho que é um projeto muito interessante, que tem essa característica humanizante e solidária, de muito compromisso com as pessoas que conheço, muito compromisso com a sua tarefa e o convencimento da importância do investimento na primeira infância. E assume também, aceitando a complexidade da experiência, pois a complexidade significa também a possibilidade de momento de dificuldade, eu falava no meu depoimento, tudo o que significa, para uma visitadora, visitar um lugar porque visitar um lugar e levar uma proposta de estímulo ao estabelecimento de um vínculo com uma família implica também sempre numa movimentação emocional muito forte, que vai levar a tomar a implicação emocional como um ponto fundamental do contato com essa família.

Sobretudo, se pode ter essa perspectiva de formação técnica específica com a proposta muito específica organizada pelo programa, mas também a flexibilidade de perceber o clima emocional do encontro, acho que deve ser o ponto mais importante: propiciar um clima emocional do encontro, com os pais e com a criança que seja, depois da ausência da visitadora, a oportunidade de uma ponte entre os pais e sua criança. Então, acho outra coisa muito importante: o entusiasmo das visitadoras, das pessoas.

Esse entusiasmo, que significa também a esperança de contribuir não somente a um trabalho, se não contribuir a uma modificação do ambiente, deve ser sustentado no sentido de ter uma possibilidade de acompanhamento, não somente de formação técnica, mas também o acompanhamento de sua viagem emocional.

Por que insisto que cada visita a uma família é uma viagem emocional diferente? Porque cada família tem uma cultura, cada família tem um clima afetivo, cada família tem a sua linguagem, tem seu estilo de comunicação corporal e não corporal, isso implica que a visitadora tenha essa flexibilidade, para se adaptar ao estilo pessoal da família e, para isso, precisa ter sustentação e acompanhamento no plano. Mas acho que é um plano muito estimulante e com muita esperança para o futuro.

E, depois, a pergunta é: O que acontece com o panorama mundial em torno da primeira infância? Pela minha oportunidade de trocar ideias com colegas de outras partes, acho que estamos num momento muito especial, de muito mais consciência da importância da primeira infância.

No momento, seguramente, as pesquisas atuais e o conhecimento da neurociência que mostram como a arquitetura cerebral se constitui nos primeiros anos e não significam uma fórmula absolutamente fixa e sim que tem também, possibilidades de transformação mais adiante. Mas muita coisa importante surge nos primeiros anos.

A segunda parte, a grande preocupação que acontece com a adolescência e com outras etapas do ser humano, leva a pensar na importância da prevenção. Então, acho que, em muitas partes do mundo, existe uma maior consciência da importância da relação primária com a família e o que acho mais interessante, cada vez mais consciência da necessidade, do respeito, de respeitar o estilo da família e de co-construir com a família nos caminhos do encontro com o seu filho, os caminhos de prevenção das dificuldades, algumas graves, que se podem prever no primeiro ano de vida, o qual é uma coisa incrível: em comparação com 15, 20 ou 25 anos atrás, pensar que no primeiro ano de vida podem-se promover e prevenir muitas dificuldades psicológicas, é um grande ponto e por isso os programas de primeira infância são uma contribuição fundamental à nossa cultura.”



Oportunidades de desenvolvimento

Ricardo Paes de Barros é Doutor em Economia pela Universidade de Chicago.

“Por várias razões, em parte por a resposta das crianças ser muito rápida à política pública, ou porque o sucesso de políticas públicas no futuro vai ser muito dependente da atenção que a criança vai receber na primeira infância, ou como um instrumento fundamental para promover a igualdade de oportunidades, reduzir as desigualdades, a ideia de uma atenção integral na primeira infância, hoje domina a política pública no mundo e no Brasil.

Nós temos trabalhado nisso e em grande medida inspirado por várias experiências que tem acontecido em todo Brasil e no Rio Grande do Sul, em particular, com o PIM, a gente percebe que a gente tem que desenvolver uma política de atenção integral à primeira infância que está baseada, no fundo, em 4 grandes eixos.

O primeiro grande eixo, é a ideia que a gente tem que unificar e integrar todas as ações que nós temos hoje. Ou seja, nós temos hoje uma legislação rica, nós temos hoje uma infraestrutura boa, só tem que um pouco segmentada em diversas áreas e segmentada por níveis de governo e com a sociedade civil às vezes não tão integradas as ações públicas. Então, as primeiras coisas que temos que fazer é apresentar pros pais, pra mães, pras crianças um programa unificado em cada comunidade.

Só que “unificar” os programas, não significa na verdade tratar todas as crianças de maneira igual. Sabemos que cada criança se desenvolve na sua velocidade, na sua maneira e, portanto, nós precisamos garantir um programa que seja unificado, mas que, na verdade, dê um tratamento customizado, individualizado para cada criança. E o PIM é um exemplo vivo dessa ideia de atendimento individualizado a cada uma das crianças.

O primeiro eixo é a unificação, o segundo a customização, ou seja, nós temos que levar em consideração que cada criança é única. Em terceiro lugar, nós temos que entender que uma atenção integral à primeira infância não pode ser uma atenção apenas em instalações governamentais ou não governamentais fora de casa. Qualquer programa que se proponha a garantir a atenção integral na primeira infância, que tente promover que cada criança possa se desenvolver plenamente, vai precisar ser um programa 24 horas por dia, 365 dias por ano, e, portanto, a participação da família num programa desse tipo é fundamental. Nós temos que desenvolver um programa que não seja do governo e do terceiro setor, mas que seja um programa do terceiro setor, do governo e das famílias.

Mas, então, a maneira que vamos integrar não só a ação do governo, mas nós vamos integrar a ação do governo com as instituições não governamentais e com as famílias. Só dessa maneira nós vamos poder garantir um atendimento 24 horas por dia, 365 dias por ano.

Então, 4 pontos: o primeiro, a integração; o segundo, customização; o terceiro, a integração família-governo-sociedade civil e um atendimento 24 horas; e o quarto eixo fundamental é nós movermos um pouco mais a nossa atenção daquilo que nós chamamos de direitos negativos, que significa basicamente reduzir a mortalidade infantil, reduzir a subnutrição, reduzir a incidência da negligência e dos maus tratos, para uma ênfase mais nos direitos positivos, ou seja, o direito da criança brincar, de a criança desenvolver plenamente todas as suas habilidades.

Então, o que a gente acredita é que, uma atenção integral a primeira infância, num país que já tem um nível de desenvolvimento brasileiro, é um programa que não deve esquecer de reduzir mortalidade, subnutrição ou a negligência, mas tem que ser um programa voltado a dar às crianças oportunidades, condições, incentivos e motivações para que elas aproveitem essas oportunidades e se desenvolvam plenamente nessa faixa etária.



Aprendendo com o PIM

Gaby Fujimoto, especialista Sênior de Educação
da Organização dos Estados Americanos (OEA).

“Sou a doutora Gaby Fujimoto, especialista em Educação da Organização dos Estados Americanos (OEA). Nós trabalhamos com 34 países da América do Norte ao Chile e 14 países do Caribe. Estou encarregada do desenvolvimento infantil na primeira infância com todas as atividades de caráter político, acadêmico, pedagógico, de sensibilização e advocacy, de identificação de experiências bem sucedidas e de mobilização de legisladores, empresários, acadêmicos e governos, para alcançar uma maior qualidade e uma maior cobertura de serviços para as crianças desde o nascimento, ou antes que nasça, até aos 8 anos.

No mundo, nesse momento, desde mais ou menos três décadas, tem aumentado o movimento de reconhecimento, primeiro pelos direitos da criança, identificando, além de tudo para esses direitos, tudo o que nos disse a neurociência, os estudos de biologia, psicologia e pedagogia.

Todos estão dizendo que a criança tem o direito de desenvolver todas as suas oportunidades e habilidades e, para esse direito, é necessário que desenvolva experiências de aprendizagem, melhor se forem com seu pai e com a sua mãe porque são os melhores “mediadores” pedagógicos com a criança.

Por isso que nesse movimento mundial que não somente começa com Jomtien no ano de 1990, com Dakar no ano 2000 e com a Convenção dos Direitos das Crianças, a OEA acompanha com um acordo o Compromisso pelo Desenvolvimento Infantil, assumido pelos ministros da educação no ano de 2007. Parte de todo esse movimento, temos no Brasil e na América Latina.

E, no Brasil, o “olho” da OEA está exatamente nas experiências do PIM. Nós sabemos que vocês estão trabalhando com muito compromisso, estão trabalhando com os pais, com as mães e nas comunidades.

Sabemos que são 100 mil famílias sendo atendidas e que estão fazendo o melhor desse trabalho, tratando de cumprir com todos esses eventos que estão fazendo em nível mundial e nacional. Parabéns! Nós estamos atentos ao que vocês estão fazendo, estamos aprendendo com vocês e, portanto, lhes agradecemos.

E queremos, assim como estão trabalhando, levá-los a outros lugares, como por exemplo, às populações da Amazônia. Este é o início das mensagens que vocês estão recebendo de tudo o que significa trabalhar pela infância desde a gestação. Muito obrigado e lhes desejo muitíssimos mais êxitos além dos que já conseguiram até hoje em dia.



Um programa único

Lori e Mark Rogmann é professora da Utah State University / EUA.

“Estamos muito felizes por estarmos aqui tendo a oportunidade de conhecer o PIM, observando as visitas domiciliares, porque fazemos trabalho semelhante nos Estados Unidos onde trabalhamos com programas similares com famílias.

Mas esse é um programa único em alguns sentidos e tem sido muito interessante para nós aprendermos uma abordagem diferente para isso. Duas diferenças são que: é uma abordagem de vizinhança em que as visitadoras domiciliares visitam várias famílias no mesmo bairro, que podem se conhecer e fazem parte da mesma comunidade. Além disso, os visitantes também trabalham em sintonia com os agentes de saúde, que trabalham com as mesmas famílias.”



Aprendizados

Alessandra Schneider é psicóloga, especialista em Desenvolvimento Infantil, Assessora Técnica do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) e ex-oficial de projetos da UNESCO no Brasil.

“Destaco os seguintes aprendizados do PIM: líderes fazem a diferença; criar uma consciência pública é chave; construir com base em evidências; coordenação intersetorial e abordagem interdisciplinar são necessárias; começar a intervenção durante a gestação; criar laços de confiança com as famílias e estimular a sua participação é crucial; envolver adultos e crianças em interações respeitosas, positivas e lúdicas promove o desenvolvimento humano. Por tudo isso e muito mais, o PIM tem sido reconhecido no Brasil e no exterior como uma boa-prática de atenção integral às crianças pequenas e suas famílias. Parabéns a todos aqueles que, cotidianamente, constroem essa realidade!”



**Relatos do
Prêmio Salvador Celia**



O Prêmio Salvador Celia é promovido pela Secretaria Estadual da Saúde (SES) do Rio Grande do Sul, através do Departamento de Ações em Saúde (DAS), por intermédio das coordenações da Atenção Básica e Primeira Infância Melhor (PIM) / Programa Criança Feliz (PCF). Iniciativa voltada à valorização das boas práticas de Visitadores do PIM/PCF e Agentes Comunitários de Saúde (ACS) da Estratégia de Saúde da Família (ESF) junto às famílias e comunidades atendidas, foi instituído no ano de 2011. A premiação visa promover a integração das Políticas de Atenção Básica e reconhecer publicamente as práticas de profissionais responsáveis pela visita domiciliar nos territórios.

Para esta publicação, foram selecionados textos das edições de 2013 e 2018 que contém relatos de vivências com o PIM por consistirem em modalidades de concurso compatíveis com a proposta desta publicação. O prêmio é uma homenagem ao Dr. Salvador Celia, reconhecido psiquiatra infantil que dedicou parte da sua vida a estudar e promover ações de cuidado a bebês e crianças.

As imagens utilizadas nesta seção são de responsabilidade dos autores dos respectivos textos identificados em cada texto.



**VIII Prêmio
Salvador Celia**



Sendo o PIM uma longa história feita de pessoas, nos interessa compartilhar as histórias dessas pessoas, todas importantes nessa trajetória. Deste modo, o VIII Prêmio Salvador Celia apresenta, no ano de 2018, relatos de vivências dos profissionais de visita domiciliar através de autobiografias.

Com o tema “Experiências de atenção e cuidado com a infância que transformam histórias de vida, a edição levou em consideração a afirmação “[...] podemos obter uma compreensão inteligente do significado da própria existência neste mundo, a partir da própria experiência nele vivida” Guitfreind, Celso (org.) A Obra de Salvador Celia, Porto Alegre: Artmed, 2013, pg. 81.

Os textos apresentados a seguir foram selecionados a partir do concurso cultural Prêmio Salvador Celia - 8ª edição concedido como parte das comemorações que marcaram a XVI Semana Estadual do Bebê, em 2018. Os trabalhos contêm narrativas que retratam histórias reais do cotidiano e ações dos profissionais responsáveis pela visita domiciliar, demonstrando o dia a dia e as orientações de cuidado e proteção junto às famílias.



Reflexão do resultado efetivo do atendimento à família, sob o olhar do visitador

Município: Canoas
Autora: Lexandra da Silva Rodrigues

Quando comecei a estagiar no PIM Canoas, fiquei encantada com as informações que me eram ofertadas para que nós, da equipe, tivéssemos condições de desenvolver um olhar profissional e humano, sendo capaz de nos despir de qualquer tipo de preconceito; para que pudéssemos visitar e trabalhar com famílias em situação de vulnerabilidade social, visando o fortalecimento afetivo para educar e cuidar de seus filhos. Saber que o PIM já atuava há tantos anos no Estado e na minha cidade, me fez pensar e repensar inúmeras vezes na palavra “resultado”, brotando uma inquietude na busca de respostas para tamanha curiosidade que me incomodava: como eu saberia que o trabalho deu certo? Quais eram os resultados a longo prazo? Como seria medido? Como enxergaríamos esses resultados?

Quando atendemos uma gestante e ela nos mostra que entendeu sobre amamentação ou a importância do vínculo de amor com o seu bebê, já é um resultado. Quando atendemos uma criança e ela nos mostra ganhos no seu desenvolvimento, já é um resultado. Porém, eu precisava de algo mais. Eu queria saber como o trabalho do PIM, refletiria no futuro. Qual seria o resultado? De que forma? Como saber? Certo dia de trabalho na comunidade onde atuamos, fui apresentada à família de C. M., 57 anos. Uma pessoa muito querida e conhecida na comunidade, moradora daquele lugar há 26 anos. Mãe em uma família numerosa, morando em uma casa humilde de apenas três cômodos. Em meio a tantas pessoas, animais, objetos, roupas, fui recebida com alegria e apresentada a gestante V., a quem eu faria acompanhamento. Deparei-me com uma moça de 16 anos, com sorriso tímido e um olhar desconfiado. Logo pensei que aquela fragilidade aliada à falta de oportunidade e informação trariam para V. uma gestação difícil e que eu teria muito a contribuir.

Com o passar dos dias que restavam de gestação, fui acompanhando a V., nossos laços de confiança foram se fortalecendo e para minha surpresa me deparei com uma mulher madura, pronta para a chegada do seu primeiro filho. V. com aquele sorriso ainda de menina, vencida qualquer expectativa que eu pudesse ter em relação a sua maturidade emocional. Sim, ela estava pronta para o parto, para amamentar, para as noites sem dormir; ela estava pronta para cuidar e amar incondicionalmente aquele filho que estava por chegar. Após o parto, seguimos com os atendimentos, e eles passaram a ser destinados ao P. M. A mãe de P.M. seguiu firme, mostrando-se corajosa, dedicada e cuidadosa. Priorizou o aleitamento materno, as vacinas, cada ganho. Todas as informações relativas ao seu bebê eram compartilhadas com alegria comigo e isso me trouxe novamente àqueles questionamentos sobre os resultados. De onde V. tirava tanta maturidade emocional? Como conseguiu superar tantas dificuldades impostas por uma pobreza a olhos vistos? Como ela conseguiu ser tão diferente de outras mães que moram no mesmo bairro e compartilham das mesmas dificuldades? De onde ela tirou esse olhar cuidadoso e essa consciência do cuidar, do afeto e da responsabilidade?

Então, em uma conversa com a V., escutei as respostas para meus questionamentos. Esta mãe tão cuidadosa já havia sido uma criança PIM. V. trazia consigo toda uma bagagem que nem ela mesma reconhecia, mas que colocava em prática com tanta facilidade. Contou-me das coisas que aprendeu aos dois anos de idade e o pouco que lembrava das brincadeiras. Porém, o sentimento de amor, de afeto, de cuidar e de bem-estar tinham ficados gravados em sua memória. V. faz questão de ter o PIM na vida do P.M porque acredita que o filho aprenderá muito mais e terá um futuro melhor. Outras crianças da família também haviam recebido o acompanhamento do PIM e, depois de tantos anos, a família mesmo com dificuldade, permanece unida valorizando o afeto e o cuidar.



Experiências que nos preparam para a vida

Município: Santo Antônio da Patrulha
Autora: Maiara Silveira de Oliveira

O PIM surge em minha vida em um momento muito especial, pessoal e profissionalmente. Acabara de concluir a graduação de Letras/Espanhol, e tinha a minha frente aquela grande pergunta: "E agora, José?". O momento pós-formatura reserva ao formando um misto de sentimentos, que vão desde a euforia de um obstáculo vencido, até o desespero de não saber o que fazer a partir de agora. Assim nasce o PIM em minha vida.

Durante as visitas, estamos sujeitos a inúmeras situações, longe do que prevemos durante o planejamento. Lembro-me de ocasiões que poderiam ser citadas neste relato, mas uma em especial, nunca sairá da minha memória. Fui enviada a realizar o atendimento a uma família em situação de vulnerabilidades.

A família de S. mora em uma casa de madeira de demolição, sem banheiro, água e luz em suas dependências, e tantos outros detalhes que nos deixam estarecidos. São 6 filhos, sendo que o menino de 12 anos se recusa a ir a escola, a menina de 16 anos possui envolvimento com drogas e o menino de 2 anos, quem é atendido por mim, possui comportamentos agressivos com todos ao seu redor.

Nos primeiros atendimentos e fui recebida pela família de maneira muito seca, pareciam estar com medo do que a minha presença poderia acarretar de prejuízos, sendo essa realidade vivenciada durante alguns meses. O pai era extremamente autoritário, humilhava e batia frequentemente nos filhos.

Em um dos atendimentos venci a irredutibilidade da mãe e consegui que ela abrisse seu coração para mim, vi naquele momento que tinha conquistado a confiança deles. Minha presença já não era mais uma ameaça, mas sim uma ponte de ligação com o poder público. A mãe relatou todas as dificuldades financeiras enfrentadas pela família, como cobranças de IPTU, água e luz, culminando em ameaças de despejo, sendo que despejada não teria para onde ir. As crianças choravam de desespero ao cair da noite, com medo do escuro. Havia falta de alimentos, pois o benefício que recebiam havia sido cancelado devido à infrequência dos filhos mais velhos na escola. O menino de dois anos tomava em sua mamadeira apenas café, pois a família não tinha condições de comprar leite.

Após todo esse desabafo, saí totalmente desnorteada, caminhava sem rumo, pensando o que poderia fazer para diminuir o sofrimento daquela família. Pensei e pensei. Cheguei à conclusão de quão limitada eu sou. Encerrado aquele dia, cheguei em casa, fui lavar a louça e voltei a pensar em todas aquelas coisas relatadas pela mãe. Chorei e concluí: como tenho sorte de ter água para lavar minha louça, de ter alimento em minha mesa e de ter luz em minha casa. Neste momento já pude perceber o valor daquela experiência. Pude agradecer e valorizar as pequenas coisas que tenho.

No outro dia, sem pestanejar, relatei toda aquela situação para minha coordenadora que logo fez os encaminhamentos necessários para a resolução dos problemas. Pudemos pensar juntos uma maneira eficiente para mudar a realidade daquela família e, principalmente, do menino de 2 anos. Eles já não estavam mais sozinhos, tinham, agora, uma equipe ao seu lado.

Refletindo sobre minha trajetória no PIM, chego à conclusão de que quem mais ganhou com toda essa experiência fui eu. Cresci como ser humano, e acima de tudo acredito que evolui positivamente. Sou agradecida por cada coisa que tenho; por minhas conquistas e por último, e não mais importante, me orgulho da pessoa que me tornei. São histórias como essas que merecem estar em nossa biografia. Nos deixam marcas eternas -cicatrices na alma.

Minha história

Município: Barra do Quaraí
Autora: Eliana da Silva França

Em janeiro de 2010, desconfiei que estava grávida, procurei a unidade de saúde do meu município e realizei o teste que confirmava minha suspeita.

Iniciei o pré-natal com 8 semanas de gestação. Logo recebi em minha casa a visitadora do PIM que me apresentou o programa. As visitas iniciaram e a visitadora me passou orientações e informações que até então não sabia. Conversávamos e realizávamos atividades bem produtivas envolvendo toda a família.

Logo chegou o momento tão esperado por todos, o nascimento do meu nono filho. Através dos atendimentos recebidos pela visitadora, pude perceber a importância das orientações e informações no momento certo. Baseada nos atendimentos recebidos pelo PIM, pude entender que muitas famílias do meu município precisavam conhecer o programa.

No ano de 2011, abriu edital para visitadora do PIM, prestei concurso e passei em segundo lugar; hoje sou colega da visitadora que me acompanhava. Tive a oportunidade de passar aqueles conhecimentos recebidos e poder contribuir para que a frase "O que você faz pelo seu filho hoje vale por toda a vida" possa ser compreendida por outras famílias.

Desafios e esperanças

Município: São Lourenço do Sul

Autora: Fátima Armesto

Em 2010, iniciei meu primeiro trabalho no PIM - Primeira Infância Melhor. Não conhecia o Programa e os Coordenadores locais foram me orientando, pois era uma enxurrada de informações novas e eu fui me aperfeiçoando. Foi uma experiência maravilhosa que, a princípio, durou lindos três anos, pois além de realizar os atendimentos e levar o objetivo do PIM para as famílias, aprendi muito com cada pessoa que estive envolvida em meu trabalho.

Logo em seguida, tive a oportunidade de trabalhar em outra cidade como Professora, foi difícil me despedir das famílias, mas não pude deixar de viver essa experiência também. No ano de 2014 tive uma gravidez de risco, então, de visitadora comecei a ser visitada e atendida pelo PIM até os oito meses de vida de minha filha. A experiência foi maravilhosa, pois além de transmitir conhecimento, é muito bom receber cuidados de um profissional que se dedica ao próximo.

Hoje, minha filha tem três anos, é muito bem desenvolvida e o PIM teve e tem grande parte neste avanço.

No ano de 2016, voltei a trabalhar no Programa, onde estou até hoje. Tenho muito orgulho do que faço, crio vínculos com as famílias e encontro as crianças que atendi no ano de 2010 que estão bem na Escola e me orgulho de saber que contribuí com este progresso. Lembro-me de tantas crianças durante processo, mas em especial de uma menina com Síndrome de Down, pois foi uma mistura de comprometimento e seriedade que se apossou de mim. Auxiliei o máximo que pude para que a menina fosse muito estimulada. Hoje, ela tem sete anos e está na escola, interagindo com as outras crianças, sendo feliz como todas.

Hoje, viajo no tempo e vislumbro o ano em que comecei minha trajetória. O ano do desafio, o ano da superação, o ano da esperança. Onde começa e termina nossa esperança? Talvez a minha começou ao assinar meu primeiro contrato com o PIM, mas terminar, não vejo onde. Minha esperança não há de terminar, pois estou há quase oito anos no Programa e entre idas e vindas com muitas experiências e desafios, mas com orgulho e satisfação, pois toda essa trajetória contribuiu para meu crescimento pessoal e já marcou a experiência de vida do ser mais importante da minha vida: minha filha.



Momentos simples, mas determinantes.

Município: Caxias do Sul
Autor: Vinícius Cardoso Teixeira

Minha trajetória no PIM se iniciou a partir da capacitação que mostra a força do Programa e que me fez ter fascínio por algo que até então desconhecia: uma política pública, que na prática traria resultados imediatos pensando em algo maior, uma sociedade. O processo consiste em aprender a metodologia e seus conceitos, mostra também a prática de como é no dia a dia ser um visitador, tendo assim, um dia especial para as visitas em conjunto com visitadores que já atuam. Lembro-me, por exemplo, da alegria que foi visitar uma família, que mesmo sem me conhecer acolheu-me muito bem.

Não foi um processo fácil, dentro das limitações que eu tinha, pois havia também o medo de não conseguir realizar um bom trabalho. A palavra “infância” também demonstrava uma força, essa infância como uma dimensão de todos os indivíduos no nosso mundo, como algo comum a todos, principalmente como um direito.

Lembro que nessa época da minha vida havia o desejo de trabalhar em algo que fizesse a diferença, já que curso Psicologia e pensava que não havia outro lugar em que eu queria estar. Nesse momento de vida, havia saído de um hotel, onde trabalhava e não me via mais pertencente à instituição, pior, eu não me via em nenhum lugar onde eu pudesse usar o meu tempo a meu favor, mas também em prol da sociedade. Uma crise existencial. O instante em que o PIM aparece em minha vida é o de um momento simples, mas determinante. Estar participando desse programa, escrevendo um texto que é parte da trajetória, faz pensar em como a vida e esses momentos são determinantes. Sinto que as crianças têm uma facilidade de viver um dia de cada vez, de estarem presentes não só de corpo, mas de alma e isso me dá motivação para enfrentar com alegria minhas dificuldades diárias.



O afeto vence desafios

Município: Alto Alegre
Autora: Juliane Marchioretto



Desafios do visitador no seu dia a dia

Município: Tapejara
Autora: Diana Mara Rigon

Nesta jornada de trabalho como visitadora tenho muitas histórias e relatos que posso incansavelmente fazer a respeito da minha profissão. Quando falo das minhas visitas, meu olho brilha, me envolvo e dou o melhor de mim para obter melhores resultados e contar com um histórico de bons momentos junto com as famílias. Em uma das visitas, ao chegar na casa, a irmã mais velha relatou que o pai e a mãe estavam passando por dificuldades financeiras, não tinham dinheiro para comprar alimentos por motivo de gastos com a doença do irmão. Ao ouvir aquelas palavras, tive certeza que precisava fazer algo. Conversei com a equipe, a representante da Assistência Social realizou uma visita domiciliar para avaliar a situação e a da Saúde agilizou o atendimento médico da criança.

É muito bom e gratificante saber que os pequenos ficam me esperando ansiosos, como se eu estivesse levando uma caixinha de surpresa toda a semana e quando chega a hora de ir embora ficam ao meu lado até o último instante. Atendo famílias com realidades e necessidades bem diferentes, cada uma com suas particularidades, mas algumas acabam deixando marcas mais profundas. Como, por exemplo, a de uma menina que não possuía nenhum brinquedo, e conversando com a mãe, mostrei que para elas brincarem não precisavam comprar brinquedos, poderiam fazer com materiais recicláveis em casa, como uma bola de jornal, dadinho de caixa de leite, chocalho com garrafa pet, bate-bate com caixa de sapato entre outros brinquedos.

Hoje me sinto feliz e realizada humanamente e profissionalmente pelo trabalho que realizo. Ser visitadora é sentir o doce sabor da infância em cada visita, é estabelecer uma relação de confiança entre mim e a família, é conversar, brincar, ensinar e acima de tudo aprender. Quando termina minha jornada de trabalho no final de cada dia, tenho a certeza do dever cumprido, pois estudo, pesquiso, leio, aprendo, para poder passar para as famílias a importância desta criança ser amada, respeitada e estimulada dentro do ambiente familiar, para que ela tenha um crescimento saudável. Acompanho crianças desde a gestação da mãe, divido a expectativa do nascimento, do engatinhar, primeiro dentinho, primeiro passinho e assim por diante, vibro quando consigo superar um desafio, uma dificuldade. Meu trabalho no PIM me proporciona desafios diários, me ajuda a entender melhor a importância e o valor das relações, vencer desafios todos os dias. É apaixonante ser visitadora do PIM.





Quando as ostras choram

Município: São Lourenço do Sul
Autora: Fátima de Jesus Armesto

Quando buscamos trabalho no início de nossas carreiras profissionais, somos incapazes de imaginar os tipos de vivências que vamos ter, se vamos ser felizes, exitosos, se o trabalho será duradouro. Tantas dúvidas povoam nossos dias, mas são necessárias para firmar as nossas certezas, de que somos felizes no que fazemos.

Quase cinco anos e seis meses de trabalho no PIM... ah!!! Falar disto, não é fácil, dá um nó na garganta e uma lágrima involuntária teima em aparecer. Neste período, experimentei tantas coisas, vivi intensamente cada momento, vi pessoas chegarem, vi outros partirem, presenciei situações onde ao mesmo tempo, sorri e chorei. Quando digo que chorei foi porque a emoção me pegou de um jeito que não tive escapatória. As pessoas normalmente entendem o choro como algo triste, mas, na verdade, é o transbordar da emoção mais pura.

Atendo uma família que possui uma riqueza de menininha que possui uma deficiência e lhe causa atraso significativo em todas as áreas de desenvolvimento. Vamos chamá-la de "Pérola", pois para mim a pérola nada mais é que o choro de uma ostra tentando superar suas adversidades, por mais que seus limites lhe imponham sofrimentos, ela faz destes, um objeto recoberto por finas camadas de cuidado, atenção e refazimento, produzindo da dor seu maior valor.

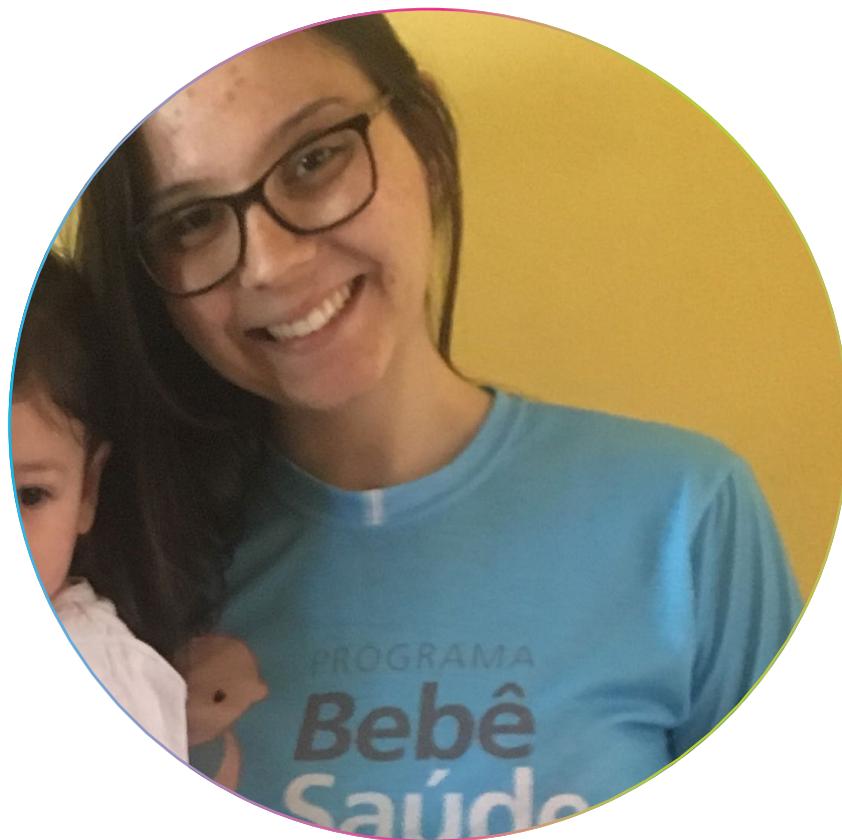
Na época em que nos conhecemos, "Pérola" não sentava, não falava e não interagia com as pessoas. Um desafio hercúleo para quem trabalha com desenvolvimento infantil. Hoje, ela está com cinco anos, apresenta firmeza no tronco, senta sozinha, caminha com ajuda, fala palavras soltas, entende e compreende tudo ao seu redor.

A cada avanço dela, eu vibro porque sei o quanto é difícil para superar cada obstáculo com tantas limitações, mas vê-la a cada semana um pouco mais desenvolvida, me faz acreditar que tudo é possível e que nosso futuro é sim, nossas crianças.

Ser visitadora do PIM me trouxe conhecimentos novos, me fez perceber que há outro mundo além do meu. Me fez acreditar que tudo é possível, nada é para ontem, que os avanços são a passos de formiguinha, mas acreditem, um dia acontece e quando se vê, ah!!! É o que há de mais reconfortante, saber que o pouco que eu consigo fazer, faz a diferença para a família e especialmente para ela, eis o maior reconhecimento.

Se pudéssemos explicar ou traduzir o trabalho que realizamos neste Programa poderíamos usar as palavras: desenvolvimento, compreensão, dedicação e muito amor.

Hoje, vibro por mais pessoas que acreditem no amanhã e no outro. Por mais "Pérolas" na minha vida.



A essência de uma borboleta

Município: Gravataí
Autora: Fabiana Borges dos Santos

Há quem diga que as experiências surgem com o tempo ou que elas são formadas através dos momentos vividos, que por fim, ditarão a pessoa que me tornarei. As modificações que acontecem entre as diferentes fases da vida são necessárias para que eu consiga evoluir, além de contribuir na minha transformação pessoal, do mesmo modo como ocorre com uma borboleta. Sou acadêmica de nutrição e minha história é peculiar no âmbito familiar em razão de possuir um jeito diferente de me comunicar com meus pais: eu não uso a fala, uso as mãos.

Meu pai, homem forte e íntegro, é surdo e mudo. Já minha mãe, possui uma deficiência auditiva que não a impede de ser uma mulher exemplar. Além disso, tiveram na própria família um suporte para minha educação, ensinando-me os princípios de valores, caráter e estimulando minha fala. Às vezes, nossa comunicação chega a ser engraçada, visto que as expressões faciais demonstram o que os gestos tentam esconder.

É preciso ter calma e ao mesmo tempo muita rapidez, pois meu cérebro necessita processar rápido o que o coração quer dizer por meio dos movimentos. Realizar tarefas consideradas fáceis não são tão simples quando ninguém te entende, demandando um maior esforço para que as batalhas diárias sejam vencidas. Logo, precisei, desde o início da minha vida, me adequar a uma sociedade que sugere a inclusão, mas não está preparada para isto. Meus genitores são exemplos de superação, força e empenho, mostrando-me que mesmo com suas limitações a vida pode ser recheada de amor.

Em uma das famílias acompanhadas, uma mãe surda, em um relacionamento estável com companheiro ouvinte, dá a luz a um bebê. Logo após, é diagnosticada com “Psicose Puerperal”, o que poderia prejudicar os cuidados ao recém-nascido no primeiro momento.

Iniciamos o acompanhamento com o objetivo de acolher, ouvir e orientar. Durante as visitas foi possível verificar bom vínculo entre os dois, ambiente adequado para o desenvolvimento do bebê e grande preocupação da mãe pelo bem-estar do mesmo. Entretanto, o filho acabou sendo afastado da mãe, ficando sob os cuidados da família paterna.

Pela dificuldade de comunicação, a genitora ficou sem compreender o acontecido e no que isto influenciaria a sua vida. Em nossos encontros, por meio dos gestos, ela afirmava que tinha o direito de ser mãe, e a mim, como visitadora, cabia ser sua rede de apoio, sua comunicação e seus “ouvidos”. Devido ao objetivo de ter o filho de volta, a mãe reergueu-se, empoderou-se, lutou e reorganizou sua vida e a criança retornou após alguns meses de afastamento.

Como serão as reações da criança após tanto tempo de distância? De que jeito se dará a rotina? Quanta influência este afastamento pode ter causado na vida dos dois? Foram questionamentos presentes durante essa aproximação. Mas lembra aquela borboleta? Ela é exemplo, pois passa pela sua metamorfose e por mudanças consideradas sofridas no seu ciclo para que no final tenha sua glória por meio das cores.

Com o retorno da criança foi possível ter a reconstrução do vínculo afetivo, a melhora do desenvolvimento do mesmo, assim como o aumento dos cuidados prestados a ele. Observando-os, tenho a impressão de que nunca ficaram afastados e percebo que o menino descobriu um jeito diferente de chamar a atenção das outras pessoas: movimenta as mãozinhas, seguindo o exemplo que recebe da mãe. Como visitadora, continuo oferecendo apoio. Permaneço sanando suas dúvidas, orientando quanto aos estímulos e alimentação, e ouvindo quando todos parecem não a compreender.

Através da linguagem aprendida na minha casa, conquistei sua confiança, forneci uma segurança por estar ao seu lado. Por fim, ressalto a importância de que profissionais, incluindo os da saúde, devam estar preparados para atender o ser humano de forma íntegra, respeitando suas diferenças e necessidades.

Hoje, trabalho com que realmente gosto: crianças. Quero mostrar a eles que bons hábitos alimentares são construídos na infância e que o ambiente familiar é de suma importância para isto. Entretanto, desejo ser aquela borboleta que sofre as transformações no seu ciclo. Aquela que sai do seu casulo, evolui e voa para colorir o ambiente, deixando sua marca, mesmo que seja em um pequeno jardim.



As emoções de ser visitadora do PIM

Município: Bom Retiro do Sul
Autora: Bruna de Moura Cardoso

Eu acredito nas pessoas, na capacidade de se reinventar, fortalecer e novamente florescer. Acredito também no dom de ouvir, ouvindo se compreende e entende. Ao iniciar as atividades no Primeira Infância Melhor conheci a realidade das famílias do meu município. Todas as famílias são muito diferentes, cada uma com suas vivências, mas todas têm algo em comum, a necessidade de serem ouvidas. Notar que o simples fato de ouvir, pode mudar o dia, a semana, a vida de famílias, mudou também o meu modo de relacionamento. A partir do momento em que a feição triste se transforma, dando lugar ao sorriso, com olhos brilhantes e esperançosos, entendo que fiz a diferença e que estou no lugar certo.

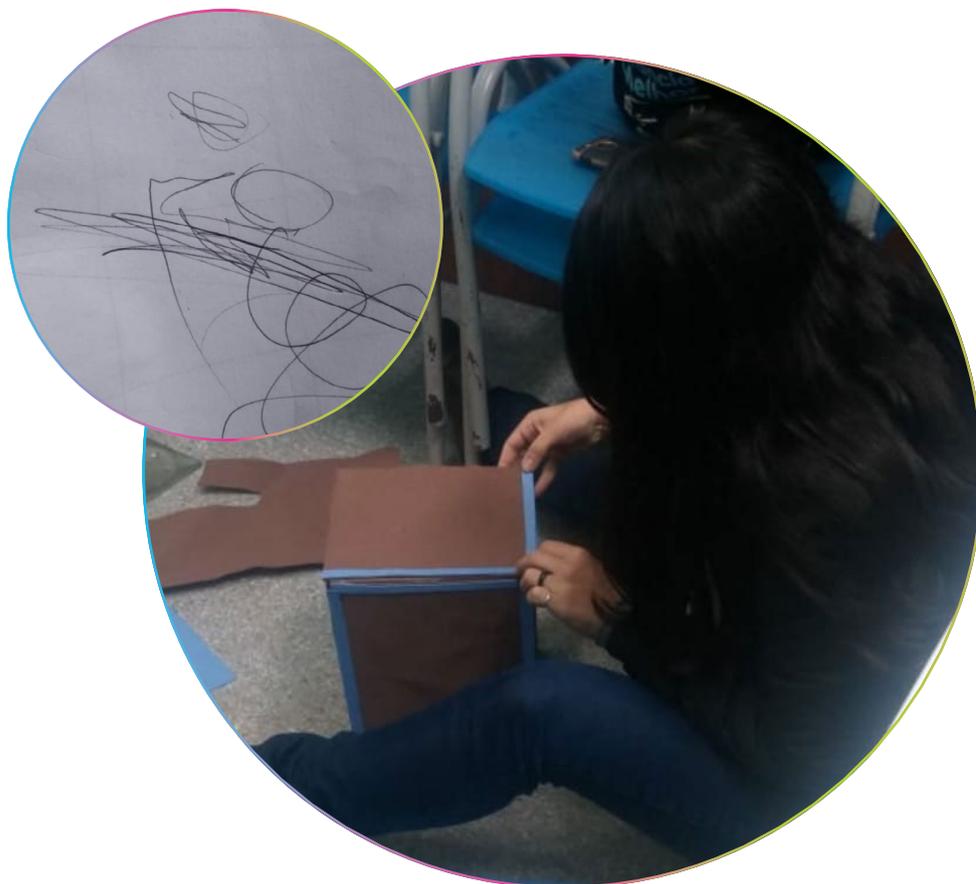
Certa vez, ao chegar para uma visita em um lar muito simples, percebi que algo não estava bem, sendo impossível seguir o planejamento realizado para aquele dia. Quando questionei a mãe sobre o que havia acontecido, as lágrimas desceram. Desabafou, enquanto seu filho brincava. A criança sem entender, vendo a mãe chorar, também chorou. Contou a história da sua vida e família, falou de seus medos e angústias. No momento eu só pude ouvir e entender, mas isso para ela era muito valioso. Após muita conversa, a situação foi mudando e ao me despedir, já vieram sorrisos e abraços. Este episódio me fez pensar na grandiosa intervenção que nós visitantes fazemos na vida das famílias atendidas, como também na responsabilidade que carregamos.

Eu, que sempre quis fazer a diferença na vida das pessoas, hoje percebo que o PIM me proporcionou isso e muito mais, pois as famílias também fazem a diferença na minha vida. É lindo perceber que para colorir a vida das pessoas e das nossas crianças, é preciso pouco. Um sorriso, um abraço, carinho e atenção são valiosos para eles.

Admiro a garra e determinação de todas as famílias das quais realizo visitação, passam por dificuldades das mais tristes, porém, enfrentam tudo com muita determinação e vontade. A felicidade dos filhos é a dos pais, desta forma, o trabalho que realizo como visitadora é muito reconhecido e as famílias aguardam ansiosamente o dia da visita. Com o empenho dos pais nota-se a evolução contínua das crianças e o desenvolvimento de vínculo familiar ainda mais forte.

O trabalho desenvolvido com as gestantes gera emoções diferentes e também encantadoras. Acompanhar a espera pela chegada de um filho, participar das emoções, do carinho e ansiedade da família, é uma experiência inesquecível como visitadora. O nascimento evidencia uma nova fase na vida da família, um amor ainda maior nasce. Lembro de participar dos primeiros passos de uma criança com um ano de idade, foi surpreendente e encantador para a família e para mim também.

Estes seis meses de estágio no PIM foram de grande crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Levarei sempre comigo as histórias vivenciadas, aprendizagens e recordações de momentos felizes. Acredito que ainda virão muitas outras histórias que irão me surpreender e cativar, proporcionando muita felicidade e transbordando em sorrisos. Seguirei sempre com o mesmo objetivo e acreditando nas pessoas.



Fazendo a diferença

Município: Porto Alegre
Autora: Melissa Pellin Muller

Sempre gostei muito de trabalhar com crianças. Sempre pensei que uma criança tem muito mais a nos ensinar do que imaginamos. O tempo foi passando e fui adquirindo experiência na área da educação infantil. Porém, a Psicologia começou a se tornar minha paixão. Tive a oportunidade de iniciar o curso e estou cada dia mais apaixonada. Assim que iniciei o curso, comecei a pesquisar estágios na área e me inscrever em alguns, pois queria muito colocar em prática o que estava aprendendo. Então me inscrevi para fazer estágio na prefeitura.

Quando fui informada que havia sido selecionada para o trabalho no PIM, senti uma felicidade enorme, pois fiquei encantada com a proposta e seria uma experiência maravilhosa poder contribuir no futuro das crianças.

Em cada visita realizada, saía com mais expectativas e mais vontade de aprender coisas novas para colocar em prática. Cada criança com uma necessidade diferente. Todos os dias aprendo a lidar com o jeitinho de cada uma, tendo um olhar especial para fortalecer o vínculo com seu cuidador. Sempre tem aquele atendimento que nos motiva e enche nosso coração de alegria.

E.B. é uma criança de 3 anos, com dificuldades de aprendizagem. Além de não ter o hábito de brincar, sempre chorava nas visitas. Iniciei o planejamento das visitas com todo cuidado. Com os atendimentos, ela passou a sentar para brincar e foi muito gratificante. Fiquei muito feliz e tive a certeza de que eu estava ali para fazer a diferença na vida daquela família. Desde então, quando realizo visitas para E.B, volto com alguma novidade para compartilhar com minhas colegas, que ficam felizes por estar tendo tantos resultados positivos. O dia mais marcante de todos, foi quando E.B rabiscou no papel que havia levado. Não foi nada planejado. A sua cuidadora relatou que E.B nunca havia rabiscado no papel, que ela sempre tentava, mas não conseguia. Então eu disse que naquele dia iríamos conseguir com que ela rabiscasse no papel. Com a ajuda da cuidadora, E.B começou a rabiscar. Algo tão pequeno para algumas pessoas, mas tão importante para a família e, com certeza, se tornou muito importante para mim também.

De alguma forma estamos conectadas com as famílias que atendemos. Cada dia aprendemos, ensinamos, trocamos e adquirimos experiências. E assim seguimos.



Plantando vitórias

Município: Carazinho
Autora: Elaine Nara Soares Müller

"Eu sou uma visitadora do PIM, enfermeira de formação
Que trocou agulhas por pinceis, lápis de cor, giz de cera e bolhas de sabão.

Já pisei muito no barro, atravesso sangas por vezes tendo ponte ou não
Minha área é complicada quando aparece um trovão

Já estive em maus lençóis enfrentando inundações
Mas nos dias de sol é só contemplação, lavouras lindas e verdes em constante produção

Sou uma visitadora que em algum momento posso dar uma palestra sobre cuidado e atenção
Em outro instante, estar em uma área com a mãe e a criança brincando sentada no chão

Amo estudar sobre alguns dos grandes teóricos da educação
Vigotsky, Bruner e Piaget quando observando a criança diz nossa tem tudo a ver

Ainda faço muitos curativos e alívio dores da emoção
Levo esperança e alegria para as famílias com muita dedicação

Empodero as famílias com a informação
As conscientizo que elas estão formando, para o mundo, seus futuros cidadãos

Depois de um ano no PIM, fiz a seguinte previsão
"Este programa é tão bom que não vai ficar só aqui no Rio Grande não
Tenho certeza que, muito em breve, será um exemplo para a nação"

Recebo muito carinho e gratidão
Retribuo as famílias com profissionalismo, amor, respeito e dedicação

Nem tudo são flores no caminho, por vezes, me deparo com tristezas e decepções
Coisas em que você pode intervir, outras em que não há solução

Muitas crianças queridas, que tantos abraços me deram e não tenho como contabilizar
Combustível para dias pesados em que tentam fazer acreditar
Que não vale a pena lutar

Muitas pessoas tem a coragem de perguntar
"E como são as crianças?" e eu fico a pensar
Daí, eu respondo "são crianças como as de qualquer lugar"

Em todas as minhas andanças tem uma forma de registrar
Milhares de fotografias para o meu trabalho posterizar
Trabalhando a autoimagem, tenho facilidade de captar
Clicando na hora exata o brilho no olhar
Sempre digo e repito, queria o tempo todo poder registrar
São coisas tão fantásticas que sem a fotografia seria difícil de acreditar

Um dos registros que tenho são os cuidados com a dentição
Construí uma boca enorme com garrafa PET e papelão
Consegui escovas de dente para distribuição
E um informativo do Ministério da Saúde para educação

Trabalho diariamente com o mesmo ideal
Apostar no começo da vida é este o diferencial

Tenho muitas histórias para contar
Vou escrevendo e os meus olhos começam a marejar
Histórias de alegrias e outras que não gosto de lembrar

Graças a Deus tenho mais a agradecer do que reclamar
As famílias que encontrei sempre vou guardar
Aqueles momentos tão lindos que não deveriam passar

O trabalho com as gestantes sempre vem regado com muita beleza
Mas é um período de espera e cuidado que causa muita incerteza
Que gera preocupação, perguntas, dúvidas, medo e inquietação
Conduzo com calma e compreensão
Ver a barriga crescendo e acompanhando o pré-natal
Me faz mãe outra vez e isso é sensacional.

Sou alguém feliz com o que faz
Escolhi estar no PIM quando li o edital
A saúde coletiva considero essencial
São seis anos de trabalho com o mesmo ideal
Acreditar em um programa de transformação social

Seis anos já se passaram e me tornei uma eterna aprendiz
grata de saber que hoje no Brasil temos o Criança Feliz.”



Abrindo as portas do coração materno

Município: Carazinho
Autora: Mari de Moura

As minhas experiências como visitadora do PIM são todas muito importantes. É um trabalho que você pensa que fará por um breve tempo; porém você vai se envolvendo e se encantando cada vez mais, os vínculos vão se formando entre as famílias, o visitador e a comunidade.

Por solicitação da Secretaria Municipal da Saúde, fui indicada para realizar visitas para as gestantes do PECAR (Presídio Estadual de Carazinho), tempo em que vivenciei muitas coisas novas, tristes e até assustadoras. Um lugar muito frio e melancólico, em que por diversas vezes, fui até a porta da prisão e voltei para trás cogitando até pedir demissão. Como visitadora tomei coragem e entrei na instituição. Fui recebida por um agente penitenciário que me conduziu até uma sala. A cada porta que eu passava com aqueles cadeados enormes, mais o pânico batia.

Fui bem recebida por uma assistente social, que me explicou algumas normas sobre o funcionamento do presídio. Combinamos o dia da visita, que seria fora do dia das visitas para as mulheres privadas de liberdade. No momento em que estávamos conversando, ouvi assobios e alguns gritos; era o horário de tomarem sol.

A gestante foi trazida até a sala e fomos apresentadas; o frio não vinha somente do ambiente. Conversamos e combinamos o próximo encontro.

Iniciei a visita novamente na outra semana, e pedi que falasse um pouco da sua história, porém ela se mantinha calada. Levei uma mensagem e notei certa mudança no olhar. No outro dia da visita notei que a gestante me aguardava feliz. Realizei diversas atividades com o guia da gestante. Para elevar a autoestima da mesma, confeccionei uma caixinha com espelho. Pedi que olhasse e dissesse o que estava vendo; foi bem emocionante. Outra atividade foi a caixinha dos sentimentos que elaboramos juntas.

Durante o tempo que estava fazendo as visitas, fui informada que a gestante iria para o regime semiaberto. Iria somente dormir no albergue, pois arranjava um emprego. A gestante estava aceitando a gravidez, mais feliz e comprometida com o pré-natal. Encerrei as atividades, com a satisfação de que o meu trabalho tinha atingido a finalidade.

Após essa experiência gratificante, somei valores que levarei para toda minha vida, tais como: trabalho, dedicação e principalmente, amor ao próximo.



Dani Moran!



O privilégio de ir e vir

Município: Porto Alegre

Autora: Danielle Kirsch

Quando me separei meus filhos ficaram morando com o pai e aos finais de semana ficam comigo. Quando comecei a estudar para a prova de seleção do PIM só pensava: nossa que desafio trabalhar com crianças e gestantes, logo eu que não moro com os meus filhos.

Ao entrar no programa fui percebendo que as famílias estavam me ensinando muita coisa. É preciso afeto e dedicação para pensar nos planejamentos semanais, criatividade na confecção de brinquedos, responsabilidade e sensibilidade para entrar nas casas das famílias e orientá-las dentro da sua cultura e contexto. É uma recompensa imensurável poder entrar nas casas, conhecer diversas histórias, dar voz àqueles que muitas vezes não se sentem merecedores de serem ouvidos e auxiliar na busca dos seus direitos.

Nessa caminhada, uma das experiências que me marcou foi participar de atendimentos do projeto PIM no Contexto Prisional. Todas as famílias do PIM, tem algum tipo de vulnerabilidade, mas as desse projeto, além disso carregam o estigma do encarceramento.

Meu maior aprendizado nessa caminhada é ver o quanto sou privilegiada e como é importante o acesso a direitos. O período de participação da família no PIM é determinante, e esse empoderamento de direitos e deveres elas levam para a vida. Eu tenho a agradecer a cada família que me permitiu aprender com elas.





Deixar uma marca

Município: Passo Fundo
Autora: Raquel Dalcim

Vivencio que o PIM dá mais significado aos meus dias. Não conheço o programa há muito tempo, confesso. Faz só três meses e meio que me tornei uma visitadora, mas, mesmo esse período não sendo longo, já marcou minha trajetória e mudou minha forma de encarar o mundo e as pessoas. Acredito que as visitas se configuram como um trabalho artesanal, pois como o ofício do artesão, exige habilidade, paciência e resiliência, sendo cada obra advinda de tanto trabalho único.

Há crianças afetuosas, ativas, contamos histórias, ajudamos nos primeiros passos e apresentamos muitas figuras, cores, texturas e mundos diferentes. Em troca, retribuem com sorrisos, gargalhadas, gestos de carinho e seus avanços, que, por menores que possam parecer, para mim são gigantescos. Construimos vínculos e aprendemos muito juntas.

Desde que comecei a acompanhar as famílias, passei a reconhecer nas crianças uma grande complexidade e meu encanto e admiração por elas e pela sua maneira ímpar de enxergar a vida só aumentou. Me ensinam que o ser humano, por menor que seja, é cheio de emoções, pensamentos e potenciais. Não nascemos tabula rasa, mas dependemos muito do ambiente em que vivemos para que essas emoções, pensamentos e potenciais possam ser positivos e bem aproveitados. Meu trabalho é, justamente, ajudar a melhorar esse ambiente e apresentar alternativas melhores para o futuro.





Realizando um sonho através do PIM

Município: Bagé
Autora: Roselei Vinhas Duarte



Durante muito tempo me questioneei, qual seria minha missão de vida? O que deveria fazer ou aprender? Tem algo a mais que não me contaram? Precisava de respostas, pois essas questões não saíam da minha cabeça. Desde a infância possuía uma vontade de ajudar as pessoas e não compreendia o porquê das limitações. Às vezes me perguntava por que essas situações acontecem e sentia cada vez mais um desejo de intervir de alguma forma nas suas vidas.

O tempo foi passando e eu crescendo, fui para escola, comecei trabalhar. Meu primeiro trabalho foi cuidar de uma pessoa idosa e realizei alguns cursos na área da saúde. Tive a oportunidade de trabalhar em uma maternidade, onde pude vivenciar o nascimento dos bebês e o início de uma nova vida. Sempre tive um carinho e respeito muito grande pelas gestantes, na minha mente eram duas vidas em minhas mãos! Muita responsabilidade!

O tempo passou, prestei Concurso Público para o cargo de visitador do PIM e a surpresa não poderia ser melhor! Percebi que através da metodologia do programa finalmente teria a oportunidade que eu esperava. Atualmente, atendo as famílias semanalmente, onde o foco principal é o desenvolvimento integral das crianças e gestantes. Entendo que o PIM veio para transformar a vida dessas famílias.

Através das visitas, tenho adquirido confiança e consigo abordar assuntos como amamentação, higiene de modo geral, alimentação e vínculo afetivo, fortalecendo assim as relações entre mãe e filho. Também devo destacar o trabalho em grupo com as gestantes, onde além de reforçar a importância da realização do pré-natal, são abordados temas relevantes para as futuras mães e papais.

Realizamos trabalho em parceria com as unidades de saúde do município e percebo o fortalecimento do "trabalho em rede", e o envolvimento dos diversos profissionais que nelas atuam. Tudo isto está contribuindo para a informação, educação e melhorias na qualidade de vida das pessoas.

Assim, posso concluir que trabalhando no PIM percebi que estou realizando meu antigo sonho de poder fazer um pouco mais pelos outros, neste caso as famílias que atendo. Me sinto profundamente agradecida ao PIM e é com imensa satisfação e alegria que estou compartilhando minha história.





**III Prêmio
Salvador Celia**



O Prêmio Salvador Celia, edição de 2013, propunha a ilustração das experiências dos profissionais envolvidos (Visitadores do PIM e Agentes Comunitários de Saúde) através da elaboração crônicas, no sentido de manifestar tais vivências de forma lúdica.

Com tema "Histórias que deram certo no cuidado materno-infantil através da visita domiciliar", a edição levou em consideração a afirmação "O bebê nasce para se comunicar. Buscar a interação. A interação saudável gera capacidade de reagir com inteligência às adversidades, sem violência" de Salvador Celia.

Os textos apresentados a seguir foram selecionados a partir do concurso cultural Prêmio Salvador Celia - 3ª edição concedido como parte das comemorações que marcaram a XI Semana Estadual do Bebê, em 2013. Os trabalhos contêm narrativas que retratam histórias reais do cotidiano de suas ações como profissionais responsáveis pela visita domiciliar, demonstrando o dia a dia nas orientações de cuidado e proteção junto às famílias.

O fruto que fez a diferença

Município: Capão do Cipó
Autora: Carmem Rosicler Mendes Freitas

Durante o ano de dois mil e doze, soube que havia uma nova gestante no território que acompanho. Para minha surpresa, como a tantas outras pessoas, ela estava com mais de vinte e oito semanas de gestação e, ainda, não havia iniciado o pré-natal. Escondia a gravidez e sentia vergonha, pois tinha quarenta e dois anos, estava separada e já tinha dois filhos grandes. Percebendo que não podia mais manter o segredo, procurou ajuda médica e foi até a sala do PIM. Chegando lá, L. encontrou a Monitora e contou-lhe o seu caso. Esta a acolheu com um abraço e a convidou para fazer parte do Programa.

Tão logo soube, eu a cadastrei e, em vez de falar, procurei escutá-la. Assim começamos uma grande amizade e criamos fortes laços. Ela relatou o fato do pai não querer assumir o bebê. Estava deprimida e envergonhada.

Ao longo das visitas fui conversando com ela, incentivando-a a gostar de si própria e do bebê que ia nascer. No final da gestação, ela já se sentia orgulhosa, conversava e acariciava a barriga.

Quando o bebê nasceu, o pai não quis registrar a criança e exigiu o teste de DNA. O filho mais novo não aceitou o bebê e se tornou um menino rebelde. Os problemas aumentaram, enfrentou muitas dificuldades financeiras, mas não se deixou abater. Olhava para a filha e se sentia realizada.

Passado algum tempo, eu percebi que o rosto sofrido daquela mãe agora transbordava de alegria. O filho mais moço começou a gostar e acariciar a irmãzinha e não demorou para que o pai também não resistisse àquele meigo rostinho com olhos azuis, iguais aos seus. Registrou L. e assumiu a relação com a mãe. Eles não moram na mesma casa, mas convivem a maior parte do tempo juntos e fazem o melhor pela criança.

A menina foi e está sendo muito estimulada. Hoje, com um aninho, já caminha, pronuncia várias sílabas, é carinhosa e brincalhona e, simplesmente, é a alegria e a razão de viver daquela família.

Enfim, sinto-me realizada, pois tenho certeza que alcancei meu objetivo. Uma semente foi plantada e estou colhendo os frutos de um trabalho gratificante, que me incentiva a cada dia fazer o melhor.

Saber lidar com as diferenças

Município: Dois Irmãos das Missões

Autora: Marilei Moraes Rodrigues

A história a ser contada é sobre o desenvolvimento do menino N. C. S., filho de S. G. S. e R. F. C. N. é um menino especial, alegre e carinhoso. Ele é uma pessoa com deficiência (PcD). A família não participou do PIM durante a gestação e sim, a partir da hora que receberam o laudo médico, aos 11 meses, com as deficiências constadas: atraso psicomotor e síndrome do pé torto congênito. A partir de então, a família procurou ajuda requerendo a participação da visita domiciliar da visitadora do PIM.

Entender e aprender como as crianças especiais se desenvolvem, foi um grande desafio. Mas, acreditando no potencial de N., realizei várias atividades estimuladoras que deram certo. Valeu a pena.

Quando comecei a estimulá-lo tinha um ano e dois meses; não tinha equilíbrio para sentar, não falava e não coordenava as mãos, ou seja, não tinha firmeza para segurar as coisas. A mãe tinha medo de estimular, pensando, em alguns momentos, que fosse machucá-lo. Foi um trabalho difícil, começando a mudança pela família para atingir o objetivo principal que era a criança.

Começamos por várias brincadeiras de estímulos, entre elas, caminhar agarrado num pedaço de madeira, chutando uma bola, pois o mesmo trabalha a capacidade de equilíbrio das pernas. E, para a coordenação das mãos, usamos a pescaria das cores, pois essa atividade desenvolve na criança, além da coordenação motora, a motricidade fina e habilidades intelectuais, através da diversidade de cores.

Quando a arte de aprender brincando caminha junto com a estimulação e a força de vontade, transforma-se em motivação. Isso faz entender que a criatividade nasce com cada um. Essa força deve fazer parte de toda a sociedade e juntos, unindo ideias, podemos fazer sempre mais. É com este objetivo que hoje, após um ano e oito meses de incentivo do PIM, a orientação da família e a motivação da sociedade, N. já senta, fica de pé, mantendo um bom equilíbrio; come e bebe com as próprias mãos. E isso não é o fim. Esta história não acaba aqui, pois estamos só começando e contando o que deu certo.

Conversa com café, você quer?

Município: Terra de Areia
Autora: Jaqueline da Silva Fantinel

Quando R.P.O. mudou-se para a comunidade da Cohab I, procurou-me para que cadastrasse no PIM sua filha A.B.O.R., de 1 ano e 3 meses. A mãe relatou que A. tinha dificuldades na linguagem, não falava papai, mamãe e tudo era avó.

Eu, como Visitadora, orientei para que a mãe falasse com a criança na hora do banho, nomeando as partes do corpo; que em todas as refeições conversasse sobre os alimentos e que quando passeasse deveria explorar tudo o que estivesse vendo. Ao falar isso, a mãe me olhou com cara de espanto e disse:

- Falar é fácil né? Como vou conversar com ela?

Então, na semana seguinte, levei uma boneca e comecei a dar comidinha para ela junto à criança. Pedi que a mãe observasse, de maneira que pudesse entender e, conseqüentemente, imitasse meus gestos em um outro momento. A mãe ficou espantada e disse:

- É, acho que tenho que tirar um tempo para conversar com minha filha.

Trabalhamos, então, com uma música que envolvia o nome das partes do corpo, para que ela começasse a conversar e cantar com a criança. Nesta atividade, até o pai começou a ter outro olhar, passou a dançar e conversar com a filha. A partir destas atividades, o pai, que almoça todos os dias em casa, iniciou a dar as refeições para a filha e a conversar com ela sobre a alimentação.

Em outra atividade, trabalhei a palavra da semana com a mãe; confeccionamos um porta recado de imã de geladeira e pedi que ela refletisse sobre uma palavra para A. falar. Escreveríamos a palavra em um papel, e colocaríamos no porta recado e a mãe teria que estimular a filha a repetir esta palavra. Durante a semana toda, ela pensou e me disse:

- Café.

Olhei espantada para ela e falei:

- Café! Por que tem que ser café?

- Porque saberei quando ela estiver com fome!

Mas, como ela não fala papai e mamãe, auxiliaria mais se, na conversação, ela aprendesse a chamá-los, não é?

- Não, eu quero é café!

A palavra ficou na geladeira por semanas, até que a mãe entendesse que, para A., seria mais fácil falar mama, papa, do que café.

Em outra atividade, levei a boneca novamente, brincamos de filhinha e mamãe e dei um banho na boneca, nomeando as partes do corpo. A ideia era que a mãe compreendesse que não precisaria sentar a filha e conversar, mas que na hora do banho seria uma ótima oportunidade para que ela nomeasse as partes do corpo da criança.

Depois, retomamos todas as atividades propostas e a mãe me falou:

- Antigamente era mais fácil criar os filhos, não precisava de tantas coisas e eles se criavam.

Hoje, após 6 meses de trabalho do PIM, a mãe consegue conversar com a filha. Já deixou de ser uma atividade proposta, passando a fazer parte do cotidiano. A criança nomeia partes do corpo, fala papai, mamãe, emite sons onomatopéicos, fala palavra com objetivos como, ali, alô, vem cá; chama o gato e pronuncia outras palavras.

Muitas vezes pensamos em atividades extraordinárias e não temos o resultado esperado, quando algumas situações exigem apenas um olhar atento à maneira como a família se relaciona com a criança e isto faz toda a diferença. Para R., A. tinha preguiça ou até mesmo um problema. Acreditava que teria que ter o acompanhamento de um especialista. Na realidade, quem estava com dificuldades na comunicação era R. e não sua filha.

E a palavra café, depois de meses, para alegria da mãe, A. falou:

- Fefé, mama.

Pequenos grandes leitores

Município: Horizontina
Autora: Bruna Rafael da Silva

O ponteiro do relógio já marcava quase oito horas. Neste momento me dirigia para uma rua com nome de número, estreita, curfinha, com casas uma pertinho da outra. Local bem humilde, com moradores simpáticos e endereço de uma mocinha que possuía o mesmo nome que o meu. Fato engraçado, pois quando comecei a acompanhar esta família a criança me chamava apenas de menina. Em sua consciência, não poderiam existir duas pessoas com o mesmo nome. Ela se considerava única e eu a considerava especial demais!

Fazia dias que eu comentava que iria trazer livros diferentes e toda vez que eu chegava, ao abrir a porta, ela me questionava: “É hoje que você trouxe os livros novos?”.

Não sendo diferente, naquela manhã, ao abrir a porta de sua casa (era sempre a criança que me recepcionava), ela me fez a mesma pergunta. E eu, na ansiedade de mostrar os livros novos conquistados, com enorme esforço, mostrei minha bolsa, que estava estufada de livros. Ela gritou: “Mãe! Mãe, vem ver o que a menina trouxe!” E correu a buscar seus dois cachorrinhos, demonstrando uma felicidade imensa. Naquele momento me veio à mente o quanto é importante o trabalho que estamos realizando, podendo contribuir para o desenvolvimento de inúmeras crianças, além de lhes proporcionar momentos lúdicos utilizando simples livros. Livros, que nas mãos de uma criança se tornam uma ferramenta fundamental.

Sentadas no chão, nós três e os dois cachorrinhos que nos rodeavam, eu notava aquela criança que folhava as páginas do livro e analisava com atenção as gravuras. Até que, de repente, começou a contar com seu jeitinho, a história. A narração dela era extremamente diferente do que continha as folhas, mas a importância que ela estava dando para aquele momento, era algo muito especial e prazeroso.

Vendo a meiguice da criança ao contar a história, a mãe lembrou de relatar que pecava com a criança nestas questões que envolviam livros, pois, ela não tinha essa prática de contar e ou mostrar histórias. Neste momento percebeu toda a importância envolvida por trás deste pequeno gesto. Não só esta família, mas muitas das quais visito, não possuíam este hábito da leitura junto às crianças. Porém, agora posso notar que esta prática deu certo, no que diz respeito à conscientização dos pais sobre a importância do faz de conta nos seus primeiros anos de vida.

Foi uma pequena parte da manhã que fiquei naquela casa, mas com certeza, momentos muito significativos. Momentos que não foram em vão e que como todos os outros, terão continuidade. Com muita alegria posso afirmar que retornarei na semana seguinte, e, ao se abrir a porta novamente, esta criança irá lembrar-se do que realizamos e, com entusiasmo, me questionará: "Hoje você trouxe os livros novos?".

O projeto, o qual nomeio de "Biblioteca Ambulante", está sendo executado com todas as crianças que participam do PIM na cidade. Acredito que, através desta ação, muitas crianças poderão ter acesso a esse mundo repleto de ludicidade, criatividade, imaginação e faz de conta. Que possam ter acesso a essa ferramenta pedagógica que contribuirá para o seu desenvolvimento integral e para o fortalecimento dos vínculos de afeto entre pais e filhos, tornando-os assim, adultos leitores.

O que você faz pelo seu filho agora, vale para a toda a vida!

Esta é uma história que deu certo no cuidado materno-infantil através da visita domiciliar.

Sempre é possível

Município: Caxias do Sul
Autora: Luiza Pieruccini Boff

Sabe, quando o sentimento diz que é possível, mesmo que acontecimentos conspirarem contra? Esta história diz de algo assim, em que não correr o risco seria, talvez, a opção mais viável, mas a inocência de uma nova vida ultrapassa barreiras.

Um histórico sofrido de uma menina-mulher... M., 15 anos, grávida. Esboçava que aquilo não seria exatamente seu desejo, se é que de fato sabia o que significava. Da família, referência alguma. Do contexto, situações desoladoras, ambiente frio, brigas, álcool, drogas... Da vida, poucas escolhas. Viver naquele espaço não lhe permitia ousar.

Ali, coloquei-me como coadjuvante de um potencial imerso em contexto opressor, de alguém se pondo como dono de outro, e assim dominante. Porém, no olhar apagado, um apelo de confiança.

Da abordagem para acompanhamento gestacional junto ao PIM, desafios. Embora houvesse interesse mínimo dessa, cuja situação implicava algumas dúvidas, o encarceramento que o companheiro impunha a impedia. Era proibida de sair da sua residência, a menos que fosse para ir à casa da mãe. Noutros momentos, a fim de realizar o atendimento, fomos desafiados pelo companheiro de M., que não nos permitia entrar na casa, se mostrando extremamente agressivo e impondo medo.

Atendendo àquele apelo, iniciamos o acompanhamento com M. na casa da mãe, sem o conhecimento do esposo. Aos poucos, foi se abrindo, confiando e pude entender também, com participação da mãe, que não fora de fato uma escolha. M. havia sido estimulada por parte de sua família a se envolver, pois assim, a família entendia que, de alguma forma, mudaria sua "posição social", já que todos estariam "protegidos".

A gestação avançava e a cada novo encontro mais esperança. De algo um tanto indesejado, brotaria amor, uma nova vida e a confiança de que a partir desta, tudo poderia ser diferente. Quando tudo parecia encaminhado, uma dolorosa interrupção: uma briga do casal, na qual M. fora violentada fisicamente, veio a ter a criança prematuramente, com apenas seis meses de gestação. Tal fato estreitou nosso relacionamento. Só ficou uma certeza: mais do que nunca precisava de apoio.

Permaneceu internada, por aproximadamente trinta dias. Sua filha ficaria na mesma condição, pelo período aproximado de seis meses. Depois do ocorrido, o primeiro encontro transpareceu sentimento de impotência, realçando o olhar de apelo. A cada novo encontro, renovava-se a expectativa de logo estar com sua criança e saberia o que fazer. Isso a revitalizava. Neste período, continuava sendo atendida sem conhecimento do companheiro.

O esperado dia havia chegado e H. estaria em casa... M. não cabia em si, com extrema ansiedade, munida de felicidade contagiante. Finalmente poderia abraçar a filha e tê-la em seus braços, seu maior desejo. E assim se fez... parecia completa.

Num determinado contato com M. em sua casa, visto que o companheiro não se encontrava, o esperado aconteceu. Fomos surpreendidas com a volta inesperada deste à residência. Neste espaço, oportuneizei demonstrar o atendimento, diante da total insatisfação de H. Insegura, elaborei algumas amostras de atividades, tentando esboçar um objetivo que envolvesse o seu bem estar. Com voz fragmentada expliquei como isso poderia repercutir, mesmo que em longo prazo. Ali, mais do que temerosa, sem saber o que aconteceria, buscava forças no olhar apavorado de M. Apostei tudo e para minha surpresa, mesmo que de forma ameaçadora, aceitou nossa presença.

Desde este dia, a família passou a ser atendida na residência, agora com aceitação. Por vários momentos, testada no sentido de confiança em situações que impunham medo, pensava no que estava por vir. A persistência do atendimento em função do bem estar da mãe e criança, prevaleceu e fomentava a certeza de que pairaria um sorriso a cada pequeno avanço. Mais do que imaginava, desempenharia um papel de extrema relevância. Da mesma forma que inicialmente não podia entrar na residência, nenhum outro serviço acessava o citado espaço. Nas reuniões mensais com a Unidade Básica de Saúde, a fim de discutir casos desta comunidade, para este, em especial, me tornei, além de porta voz, a entrada de forma diferenciada do serviço à residência. Igualmente, o acesso de M., cuja autorização do esposo se deu sob mediação do PIM.

A parceria dos serviços em prol deste núcleo permanece até o dia de hoje, na extensão do Programa e carrega a certeza de que sempre é possível... O que cita tal histórico embasa a importância fundamental do trabalho em rede. Graças à persistência do Programa, se conseguiu um olhar a esta família, possibilitando o acesso de outros serviços básicos por meio do PIM. Além disso, maior autonomia a alguém que só precisava de um olhar diferenciado, de confiança e credibilidade.

Um Ato de Solidariedade

Município: Pelotas

Autora: Carla Priscila Hipólito Duarte

O PIM foi contatado pela maternidade do hospital, pois havia uma família que necessitava de acompanhamento. Fui procurar o endereço, mas como não encontrava, perguntei então à assistente social da comunidade, que me informou que se tratava de um beco famoso e perigoso por ter pontos de tráfico.

Ao chegar à rua da família fiquei apavorada com a precariedade do local, barracos feitos com folhas de forração, folhas de metal, madeiras podres e outros materiais retirados do lixo. Os telhados eram feitos com telhas amarradas por pedaços de corda. Havia uma casa com uma lona amarela por cima, como telhado. Já tinha trabalhado em lugares carentes, mas nunca tinha visto uma situação tão triste. Muitas crianças brincavam em meio a ferros, lixo e um valetão poluído. Parecia uma cena triste de novela.

Achei a casa e chamei pela mãe. Era uma casa escondida por madeiras, impossibilitando a visão interna. Por uma fresta espiei e vi três crianças no pátio e dois cachorros presos. Um menino veio ver quem chamava e quando viu meu uniforme, ficou aterrorizado. Saiu gritando que era o Conselho Tutelar e que iria levá-los. As outras crianças começaram a chorar e após alguns momentos, saíram dois cachorros por baixo do portão e tentaram me morder. Eles haviam soltado os cachorros para ver se eu iria embora, mas comecei a gritar que era do PIM e tinha vindo ajudar. Não era do Conselho e não iria tirá-los da mãe. Então se acalmaram e vieram atender, por cima das madeiras. Pedi que chamassem a mãe, que logo apareceu.

Conversamos e a mãe, V., falou que tinha oito filhos e que queria participar do Programa Mãe Pelotense, para ganhar um enxoval para seu bebê. Eu a convidei para uma reunião, onde iriam entregar enxovais a nossas gestantes, mas V. não compareceu. No final da reunião, pedi um enxoval para levar a ela. Ao chegar na casa, as crianças estavam brincando na rua, descalças e com pouca roupa. Pedi que chamassem a mãe e quando ela me viu com o enxoval, se emocionou. Comovida, agradeceu, pois ela não tinha roupas para colocar na menina, que estava enrolada em uma coberta. Chorou e falou que a casa havia desabado, na noite anterior e que a família havia passado a noite do temporal em um banheiro, que ficava fora da casa. Ela abriu o portão e me mostrou os móveis, roupas, comida, todos destruídos no chão, enquanto as crianças juntavam o que podiam. O marido e o filho de onze anos estavam montando outro chalé no fundo do terreno. O menino estava tremendo, pois estava só de camiseta e o dia estava muito frio. V. contou-me que a casa já estava condenada, caía para o lado e os ventos da noite passada, acabaram derrubando.

Saí de lá e fui atrás de ajuda. Com auxílio da minha Monitora e colegas, conseguimos mobilizar a comunidade com doações de roupas, alimentos e brinquedos. Foi organizado um sopão para as famílias que lá residem. V. recebeu doações de telhas para a casa. Mesmo sabendo que este não é o objetivo maior do Programa, com a ajuda de muitos parceiros do Primeira Infância Melhor, conseguimos melhorar a situação de uma família que precisava muito. Um ato de solidariedade.

Hoje, as crianças continuam sendo atendidas pelo PIM. Realizamos visitas semanalmente orientando atividades à família e as crianças já demonstram evolução no seu desenvolvimento. A família está vivendo em um novo lugar, onde está mais bem assistida.

Mãos que ensinam e guiam

Município: Teutônia
Autor: Nilo Edenilson Liessem Jacinto

E naquela tarde, ao observar mãe, filho e avó caminhando... ao mesmo tempo que caminhavam, brincavam e observavam a natureza, me veio à memória cenas da minha infância. Época em que era criança e que o simples ato de andar de mãos dadas com minha mãe e irmã contemplando a natureza, fazia toda a diferença.

Aquela criança, andando de mãos dadas com sua mãe e sua avó, tocaram profundamente minha alma, pois enquanto seguiam o percurso em meio à bela paisagem a sua volta, em minha memória passavam cenas da minha infância. Lá estava o menino, sua mãe e sua avó. O menino, por sinal, muito questionador, a cada passo dado e a cada nova descoberta, lançava uma pergunta. A mãe e a avó, com muito carinho, amor e paciência, respondiam o que ele questionava. Vi seus olhinhos brilharem ao avistar uma simples poça d'água e a sua imagem que nela refletia. Vi sua alegria ao saltar a poça d'água de mãos dadas com sua mãe e sua avó, querendo repetir a cena várias vezes. Seu coração se enchia de emoção nesse momento. Seu olhar brilhava, mais ainda, ao avistar no alto de uma árvore um João de Barro a construir sua casa. Quantas perguntas nesse momento... quanta curiosidade.

No decorrer do trajeto, muitas coisas aconteceram. Muitas aprendizagens adquiridas por aquele menino, que, em pleno desenvolvimento intelectual, social e afetivo, demonstrava alegria ao comer a fruta colhida diretamente da árvore. Quanta euforia ao subir na árvore para colher mais frutas. Quanta felicidade ao descobrir que pedras podem virar bolinhas de gude e sabugos de milho em bonecos. Com folhas secas de árvores, dá para se fazer uma chuva de folhas e galhos secos, viram fantoches. Molhar as mãos na poça d'água é super legal. Desenhar na estrada de terra com um pauzinho seco e fabricar bolinhos de barro, é tudo de bom. Quantas descobertas em uma tarde de resgate de brincadeiras e de brinquedos, que nossos pais e avós brincavam quando criança! Quanta fantasia e emoção com tão pouco. Quanto podemos ser mais felizes usando a imaginação! Quando voltei a mim das observações das cenas, pude notar através daquele menino, que o ensinamento, o carinho e o amor que ganhamos em nossa primeira infância, ficam para sempre.

Foi então que percebi o que significa ter uma Primeira Infância Melhor e que, para ser feliz, não precisamos de muito. Um galho seco, uma poça d'água e a mão de quem amamos nos guiando, já é o suficiente. Nada de material tem mais valor do que o carinho, o amor e a proteção de quem nos ama. Brincar de descobrir desenhos em nuvens é o suficiente para fazer uma criança feliz. As mãos que nos seguram e nos guiam, são as mãos que nos ensinam. Por fim, esses pequenos gestos, que se tornam tão grandes e valiosos, bastam para fazer uma criança feliz. Pense nisso...



Política pública pioneira no Brasil, o Primeira Infância Melhor (PIM) é uma ação transversal de promoção do desenvolvimento integral na primeira infância. Desenvolve-se através de visitas domiciliares e comunitárias realizadas semanalmente a famílias em situação de risco e vulnerabilidade social, visando o fortalecimento de suas competências para educar e cuidar de suas crianças. Tem como objetivo orientar as famílias, a partir de sua cultura e experiências, para que promovam o desenvolvimento integral de suas crianças desde a gestação até os seis anos de idade.

Desenvolvido desde 2003, tornou-se Lei Estadual n.º12.544 em 03 de julho de 2006. Tem como referência a metodologia do projeto cubano Educa a tu Hijo, do Centro de Referencia Latinoamerica para la Educación Preescolar (Celep), de quem inicialmente recebeu apoio para a implantação.

Fundamenta-se teoricamente nos pressupostos de Vygotsky, Piaget, Bowlby, Winnicott e Bruner, além dos recentes estudos da Neurociência. Igualmente trabalha com referências multidisciplinares visando o desenvolvimento integral da infância.

Está voltado para o desenvolvimento pleno das capacidades físicas, intelectuais, sociais e emocionais do ser humano, e tem como eixos de sustentação a Comunidade, a Família e a Intersetorialidade.

Compõe um dos projetos prioritários da Secretaria Estadual da Saúde (SES) do Rio Grande do Sul, além de integrar programas estratégicos do Governo do Estado. É um dos pilares para as iniciativas previstas na Ação Brasil Carinhoso, do Governo Federal, e reconhecido como uma das tecnologias sociais mais consistentes para o cuidado com as infâncias na América Latina.

PIM - Primeira Infância Melhor

Telefones: (51) 3288-5955 / Fax: (51) 3288-5810
Centro Administrativo Fernando Ferrari (CAFF)
Av. Borges de Medeiros, 1501 6º andar - Ala Norte
Praia de Belas CEP 90119-900 Porto Alegre/RS - Brasil
pim@saude.rs.gov.br | www.pim.saude.rs.gov.br





Organização
Pan-Americana
da Saúde



Organização
Mundial da Saúde
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS Américas

